

DM

Práticas Pedagógicas na Convivência da Terceira Idade

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Gama dos Santos

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



A Nossa Universidade

outubro | 2019

Práticas Pedagógicas na Convivência da Terceira Idade

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Gama dos Santos

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Alice Maria Mendonça

Olidnéri Bello



UNIVERSIDADE da MADEIRA

Faculdade de Ciências Sociais

Departamento de Ciências da Educação

Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica

Maria Gama dos Santos

Práticas Pedagógicas na Convivência da Terceira Idade

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2019

Maria Gama dos Santos

Práticas Pedagógicas na Convivência da Terceira Idade

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação- Inovação Pedagógica.

Orientadores: Professora Doutora Alice Maria Mendonça
Professora Doutora Olidnéri Bello

FUNCHAL – 2019

Dedico esta dissertação ao meu filho Ronald Matheus, aos meus pais José Francisco e Zenaide Gama, aos meus irmãos Paulo, Valdir, Zeneide, Zilaide, Zileide e Girleide, pois vocês são a base da minha vida.

Agradecimentos

Meu Eterno e Grandioso Deus, por tudo que tem realizado em minha vida, o meu maior e mais profundo agradecimento. A Ti toda Honra e toda Glória.

Ao meu amado filho Ronald Matheus, meu grande amigo, razão do meu viver. Obrigada por acreditar e compartilhar dos meus sonhos. Amo muito!

Aos meus queridos pais José Francisco e Zenaide Gama, minha base de sustentação. Suas atitudes no passado me fizeram chegar aqui. É vossa também essa conquista.

Aos meus queridos irmãos, sobrinhos, tios, amigos, obrigada pelo incentivo, força e colaboração. Quem tem ao lado pessoas especiais como vocês, só tem a agradecer ao bom Deus.

À Universidade da Madeira na pessoa dos professores Carlos Nogueira Fino e Jesus Maria Sousa pela feliz iniciativa, firmeza, dedicação e empenho a esse Mestrado, dando-nos a oportunidade de crescermos como pessoa e profissionais como também pelo intercâmbio cultural. Muito grata.

À minha orientadora brasileira, Professora Doutora Olidnéri Bello, por sua atenção, confiança, dedicação e disponibilidade. A minha sincera gratidão.

À minha orientadora portuguesa, Professora Doutora Alice Mendonça, por sua atenção, dedicação, colaboração e confiança a mim dedicados. Sua orientação foi determinante e me ajudou a dar esse passo tão importante.

Às minhas amigas irmãs, Eva Silvana, Maria da Paz, Selma Sueli, Ugnés Eloi, pelas horas de estudos, troca de ideias, cumplicidade. Foram muitos encontros, viagens, comemorações, e até choro. Muitas emoções. A minha sincera gratidão.

A todos do Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, Portal da Família, no Distrito de Pilar, Jaguarari/BA, pela recepção, apoio e confiança a mim dedicados.

Aos idosos, atores sociais da pesquisa, e às suas famílias pelo incentivo na participação das atividades propostas, contribuindo assim com a realização deste estudo.

Ao Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, em nome do Sr. Ricardo Augusto Rodrigues de Souza, pela colaboração e apoio.

Aos amigos e colegas que frequentaram o curso.

A todos, o meu sincero agradecimento.

Resumo

Ainda que o envelhecimento seja um fenômeno natural de uma fase existencial e social do ser humano, revela-se um período de fragilidade e vulnerabilidade dos indivíduos. Esse fato leva a sociedade a pensar em estratégias e a criar políticas sociais adequadas às necessidades dessa nova clientela, pessoas acima de sessenta anos, as quais nem sempre podem contar com os cuidados e a atenção dos familiares, porque estes, pela exigência do mundo atual, trabalham fora do lar. Por outro lado, alguns idosos estão aproveitando a velhice para realizar atividades que não foram concretizadas, enquanto jovens, por vários motivos. Nesse tocante, este estudo propôs-se a analisar as práticas pedagógicas do Projeto de Convivência vivenciadas no Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, Portal da Família, no Distrito de Pilar, Jaguarari, BA e envolveu 28 idosos e os profissionais que com eles trabalham. O seu objetivo foi compreender as práticas pedagógicas do Projeto de Convivência da Terceira Idade para determinar se elas envolvem Inovação Pedagógica. Para tanto, a investigação desenvolveu-se dentro da metodologia qualitativa com a realização de um estudo de caso de cariz etnográfico, com aporte teórico nos autores que embasam o processo de Inovação Pedagógica, tais como: Fino, Lapassade, Toffler, Sousa, Macedo, Vygotsky, dentre outros. Para desenvolver este estudo, usaram-se as seguintes técnicas e instrumentos de coleta de dados: observação participante, entrevistas, análise documental e o diário de campo. Diante da pesquisa realizada, e a respeito do desenvolvimento das práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto de Convivência na Terceira Idade, concluímos que presenciamos a sua capacidade de gerar mudança paradigmática, provocando transformações nas bases tradicionais da educação, que vão além das fronteiras curriculares, favorecendo aos idosos caminharem pelo saber e, para tais idosos, a conquista que o CRAS lhes proporciona para fazer, construir conhecimentos por eles próprios, e desta forma, por meio destas rupturas, configurando a inovação pedagógica, nas Práticas Pedagógicas do CRAS, Portal da Família.

Palavras-chave: Idosos; Envelhecimento; Práticas Pedagógicas; Inovação Pedagógica.

Abstract

Although aging is a natural phenomenon of an existential and social stage of the human being, it is a period of fragility and vulnerability of individuals. This fact leads the society to think of strategies and create social policies appropriate to the needs of this new clientele, people over sixty years old, who can not always count on the care and attention of family members, because they, due to the demands of current world, work outside home. On the other hand, some seniors are taking advantage of old age to perform activities that have not been carried out while young people for several reasons. In this regard, this study aimed to analyze the pedagogical practices of the Coexistence Project experienced at the Reference Center of Social Assistance - CRAS, Family Portal, in the Pilar District, Jaguarari, BA and it involved 28 elderly and the professionals who work with them. The objective was to understand the pedagogical practices of the Coexistence Project to determine if they involve Pedagogical Innovation. Therefore, the research was developed within the qualitative methodology with a case study of an ethnographic nature, with theoretical support in the authors that support the Pedagogical Innovation process, such as: Fino, Lapassade, Toffler, Sousa, Macedo, Vygotsky, among others. To develop this study, the following data collection techniques and instruments were used: participant observation, interviews, document analysis and the field diary. Facing the accomplished research, and regarding the development of the pedagogical practices developed in the Coexistence Project in the Third Age, we concluded that we witnessed its capacity to generate paradigmatic change, causing transformations in the traditional bases of education, which go beyond curricular boundaries, favoring the elderly walk by knowledge and, for such elderly, the achievement that CRAS provides them to do, build knowledge by themselves, and thus, through these disruptions, configuring pedagogical innovation, in the Pedagogical Practices of CRAS, Family Portal.

Keywords: Elderly; Aging; Pedagogical Practices; Pedagogical Innovation.

Résumé

Bien que le vieillissement soit un phénomène naturel d'une phase existentielle et sociale de l'être humain, il s'agit d'une période de fragilité et de vulnérabilité des individus. Ce fait amène la société à réfléchir à des stratégies et à élaborer des politiques sociales adaptées aux besoins de cette nouvelle clientèle, les personnes de plus de soixante ans, qui ne peuvent pas toujours compter sur l'attention et la vigilance des membres de la famille, car elles-mêmes, à cause des exigences du monde actuel, travaillent en dehors de la Maison. Par ailleurs, certaines personnes âgées profitent de la vieillesse pour effectuer des activités qui n'ont pas été réalisées en tant que jeunes pour diverses raisons. À cet égard, cette étude visait à analyser les pratiques pédagogiques du projet Living de Centre de référence de l'assistance sociale (CRAS), portail de la famille, dans le district de Pilar, Jaguarari, BA et impliquant 28 personnes âgées et les professionnels qui travaillent avec eux. Son objectif était de comprendre les pratiques pédagogiques du projet Senior Citizenship afin de déterminer si elles impliquaient une innovation pédagogique. Par conséquent, la recherche a été développée dans le cadre de la méthodologie qualitative avec une étude de cas de nature ethnographique, avec un soutien théorique chez les auteurs qui soutiennent le processus d'innovation pédagogique, tels que: Fino, Lapassade, Toffler, Sousa, Macedo, Vygotsky, entre autres. Pour développer cette étude, les techniques et instruments de collecte de données suivants ont été utilisés: observation des participants, entretiens, analyse de documents et journal de terrain. Compte tenu de la recherche et du développement des pratiques pédagogiques développées dans le Projet de coexistence au troisième âge, nous concluons que nous avons été témoins de la capacité à générer un changement paradigmatique, provoquant des transformations des bases traditionnelles de l'éducation, qui vont au-delà des personnes âgées marchent connaissance et, pour ces personnes âgées, la réalisation que CRAS leur fournit, acquièrent des connaissances pour elles-mêmes et, par conséquent, à travers ces perturbations, configurant l'innovation pédagogique, dans les pratiques pédagogiques de CRAS, Portail familial.

Mots-clés: Personnes âgées; Le vieillissement; Pratiques pédagogiques; Innovation pédagogique.

Resumen

Aún que el envejecimiento sea un fenómeno natural de una fase existencial y social del ser humano, muestrase un tiempo de fragilidad y vulnerabilidad de las personas. Este hecho lleva la sociedad a pensar en estrategias y crear políticas sociales adecuadas a las necesidades de esta nueva gente, personas arriba de los sesenta años, a los cuales ni siempre pueden contar con cuidados y atención de su familia, pues estos, por exigencia del mundo moderno, trabajan fuera de casa. Por outro lado, algunos idosos están aprovechando la vejez para poner em práctica actividades que no fueran hechas cuando eran jóvenes, por distintos motivos. Para tanto este estudio intenta analizar las prácticas pedagógicas del Proyecto de Convivencia vividas en el Centro de Referencia de Asistencia Social – CRAS, Portal de la Familia, sediada en el distrito de Pilar, Jaguarari, BA y ha envuelto 28 acianos y los profesionales que trabajan con ellos. El objetivo fue comprender las prácticas pedagógicas del Proyecto de Convivencia de la Tercera Edad para determinar si ellas enseñan innovación pedagógica. Por lo tanto, la investigación se desarrolló dentro de la metodología cualitativa con un estudio de caso de naturaleza etnográfica, con apoyo teórico en los autores que apoyan el proceso de innovación pedagógica, tales como: Fino, Lapassade, Toffler, Sousa, Macedo, Vygotsky, entre otros. Para desarrollar este estudio, se utilizaron las siguientes técnicas e instrumentos de recolección de datos: observación participante, análisis de documentos y el diario de campo. Delante de búsqueda realizada, y a respecto del crecimiento de las prácticas desarrolladas em el Proyecto de Convivencia em la Tercera Edad, hemos concluído que llogramos mirar que su capacidad de generar câmbios paradigmáticos, buscan transformaciones en los fundamentos tradicionales de la educación, que estos llegan además de las fronteras curriculares, promovendo a los ancianos la búsqueda por el conocimiento, y que para ellos el éxito que CRAS les trae para hacer, crear por ellos mismos, y así por medio de las roturas, crean una innovación pedagógica, las prácticas pedagógicas del CRAS, Portal de la Familia.

Palabras-clave: Ancianos; Envejecimiento; Prácticas pedagógicas; Innovación Pedagógica.

Lista de fotos

Foto 1. Praça Ariomar Rocha - Centro do Distrito de Pilar	61
Foto 2. Inauguração do CRAS no Distrito de Pilar	63
Foto 3. Atores sociais da pesquisa.....	64
Foto 4. Aió - Bolsa de fibra de sisal	74
Foto 5. Pedras de cobre.....	74
Foto 6. Sandália de crochê.....	75
Foto 7. Idosos expondo a colcha coletiva.....	76
Foto 8. Idosos participando da palestra - Outubro Rosa.....	78
Foto 9. Idosos praticando atividade física na Escola Municipal Márcia Cardoso.....	79
Foto 10. Noivos da quadrilha andando de carroça pelas ruas de Pilar	82
Foto 11. Idosos participando do Desfile Cívico pelas ruas de Pilar	83
Foto 12. Caixinha feita de material reciclado	84
Foto 13. Idosos jogando dominó	85
Foto 14. Idosas com manicure e pedicure	86
Foto 15. Comemoração ao Dia da Vovó	87
Foto 16. Idosos construindo o Jardim Medicinal	89
Foto 17. Produção do sabão de soda.....	90
Foto 18. Idosa exibindo caixas e colares	92

Foto 19. Idosa exibindo seus tapetes	93
Foto 20. Idosos dançando zumba	94
Foto 21. Profissionais do CRAS Portal da Família	95
Foto 22. Idosos mostrando suas flores de garrafa pet.....	96
Foto 23. Entrevista a um grupo de idosas do CRAS Portal da Família.....	99

Lista de gráficos

Gráfico 1. Idade e gênero dos idosos.....	65
Gráfico 2. Idade que os idosos alcançaram a aposentadoria, segundo o gênero	69
Gráfico 3. Atividades básicas da vida diária dos idosos, desenvolvidas sem ajuda.....	112
Gráfico 4. Atividades instrumentais da vida diária dos idosos, realizadas sem ajuda ...	112
Gráfico 5. Atividade física praticada pelos idosos.....	113
Gráfico 6. Tempo de participação dos idosos no CRAS.....	116

Lista de tabelas

Tabela 1. Expectativa de vida no Brasil (1980-2050)	35
Tabela 2. Distribuição dos idosos pesquisados segundo o contexto familiar e gênero..	66
Tabela 3. Motivo da aposentadoria, de acordo com o gênero	66
Tabela 4. Idosos que beneficiam do BPC/Loas, de acordo com o gênero	67
Tabela 5. Valor da renda mensal, segundo o sexo.....	68
Tabela 6. Atividades desenvolvidas pelos idosos – Gênero masculino	69
Tabela 7. Atividades desenvolvidas pelas idosas	70
Tabela 8. Grau de instrução segundo o gênero.....	70
Tabela 9. Habilidades que os idosos aprenderam sozinhos segundo o gênero.....	107
Tabela 10. Habilidades que os idosos aprenderam com os colegas do grupo e/ou terceiros Segundo o gênero.....	108
Tabela 11. Atividades de lazer desenvolvidas pelos idosos segundo o gênero.....	109
Tabela 12. Atividades sociais desenvolvidas, segundo o gênero.....	110
Tabela 13. Problemas de saúde indicados por cada idoso segundo o gênero.....	111
Tabela 14. Vantagens em residir na própria casa, segundo o sexo.....	114
Tabela 15. Atividades que os idosos gostariam de realizar, segundo o sexo.....	115

Lista de Siglas Utilizadas

BPC - Benefício de Prestação Continuada

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

EJA – Educação de Jovens e Adultos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

LDB - Diretrizes e Bases da Educação Nacional

LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social

OMS - Organização Mundial de Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PAIF - Proteção e Atendimento Integral à Família

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PELC - Programa de Esporte e Lazer das Cidades

TIC - Tecnologias de Informação e Comunicação

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

Sumário

Dedicatória.....	v
Agradecimentos.....	vi
Resumo.....	viii
Abstract.....	ix
Résumé.....	x
Resumen.....	xi
Lista de fotos.....	xii
Lista de gráficos.....	xiv
Lista de tabelas.....	xv
Lista de Siglas Utilizadas.....	xvi
Sumário.....	xvii
1 Introdução.....	1
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	6
1. Educação Contemporânea.....	7
1.2 A escola e o paradigma fabril.....	8
1.2 Inovação Pedagógica e a Visão Construcionista.....	13
1.3 Inovação Pedagógica e Currículo.....	17
1.4 As TIC e a Inovação Pedagógica.....	20
1.5 A Inovação Pedagógica à luz dos autores.....	24
1.6 A aprendizagem colaborativa e o processo de interação.....	26
2. Terceira Idade.....	29
2.1 Terceira Idade: Uma faixa etária em constante transformação.....	30
2.2 Diversidade Cultural e Aprendizagem na Terceira Idade.....	31
2.3 Envelhecimento Demográfico no Brasil.....	34
2.4 O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS): Criação, objetivos e missão.....	35
PARTE II – METODOLOGIA.....	38
3 Metodologia da Pesquisa.....	39
3.1 Paradigma qualitativo.....	40
3.2 Estudo de caso de cariz etnográfico.....	42
3.3 Instrumentos e Técnicas utilizados na pesquisa.....	44

3.3.1 Observação participante.....	44
3.3.2 Entrevista semi estruturada.....	47
3.3.3 Diário de Campo.....	49
3.3.4 Recolha de imagens.....	50
3.3.5 Análise documental.....	51
3.3.6 Análise de conteúdo.....	52
3.3.7 Análise e triangulação de dados.....	53
3.4 Locus da investigação.....	55
3.4.1 Os sujeitos da pesquisa.....	55
3.4.2 Procedimentos éticos.....	56
3.4.3 Procedimentos de recolha de dados.....	57
PARTE III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	60
4 Caracterização do contexto de estudo.....	61
4.1 Recursos humanos da instituição.....	63
4.2 Perfil dos sujeitos.....	64
4.3 Etapas e procedimentos da observação participante.....	71
4.4 A rotina pedagógica de alunos e profissionais no Espaço do Projeto de Convivência.....	91
4.4.1 Profissionais.....	95
4.5 Entrevista com os idosos/alunos.....	97
4.6 Entrevistas aos Profissionais.....	111
PARTE IV – TRIANGULAÇÃO.....	121
5 Triangulação de dados.....	122
Conclusão.....	128
Referências.....	133

1 Introdução

O envelhecimento da população é, sem sombra de dúvida, um fenômeno mundial. Repousa, no desenvolvimento científico e nos avanços tecnológicos, a longevidade da existência humana, que espaçam bastante a idade média de vida da população. Os efeitos do aumento desta população já são percebidos nas demandas sociais, nas áreas de saúde e na previdência, o que ocasiona novos desafios com novas perspectivas de vida.

Atualmente, na maioria dos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil, existe uma preocupação constante com os idosos, isto é, pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos, como disposto nos Artigos 1º e 2º do Estatuto do Idoso (Brasil, 2003). Período este, chamado de “Terceira Idade” é uma “fase da vida que **começa aos 60 anos nos países em desenvolvimento e aos 65 anos nos países desenvolvidos**, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)” (SIGNIFICADOS, 2017, sp.). Existem múltiplas instituições públicas e privadas, preocupadas com esse público, que promovem atividades voltadas à preservação da saúde física e mental do idoso.

Nesse tocante, o Estatuto do Idoso, publicado no Brasil em 2003, é o documento prioritário para essa faixa etária, assegura-lhes ampla proteção jurídica para usufruir direitos sem depender de favores ou simplesmente para viverem com dignidade.

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, de Adriano da Gama Cury, Estatuto é “Lei orgânica ou regulamento de um Estado, de uma Associação, etc”. Nesse entendimento, o Estatuto do Idoso é uma Lei Federal, de nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, uma Lei Orgânica do Estado Brasileiro destinada a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos que vivem no país.

A experiência de 24 anos vividos na educação municipal, e mais quatro na rede particular despertaram-me para o assunto da presente investigação. Os alunos com os quais trabalhei, em especial, com os das turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), com idades entre 18 a 50 anos, motivaram-me nesta empreitada, pois esses estudantes labutavam durante o dia, a maioria deles, na roça, e se deslocavam, à noite, das localidades vizinhas, para estudar. Foi com esses

alunos que nasceu em mim a vontade de descobrir como, em algumas situações, constroem de forma tão prazerosa os conhecimentos de que necessitam.

A vontade e a garra que as pessoas mais velhas apresentam quando estão determinadas a fazer ou aprender alguma coisa é extraordinária. Ao ver essa força de vontade de alunos idosos, senti necessidade de pesquisar como é que se dão as práticas pedagógicas construídas no Projeto de Convivência na Terceira Idade, desenvolvida no Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, no distrito de Pilar, Jaguarari, BA.

Portanto, sob o princípio de que “inovação implica mudança nas culturas escolares” (FINO, 2011, p. 05), e que essas mudanças permitem aos sujeitos autonomia, cooperação, prazer no que fazem, criatividade e capacidade de construção do próprio conhecimento, é que esta pesquisa busca responder se essas práticas pedagógicas são diferentes das práticas tradicionais e se elas se configuram como inovação pedagógica.

Nesse cenário, onde o mundo está sujeito a tantas alterações, não se justifica uma educação pautada no antigo paradigma tradicional, com normas impostas por um currículo ultrapassado, impedindo a educação de evoluir e de superar a fragmentação do conhecimento por meio de uma proposta pedagógica inovadora. Através da inovação pedagógica, defendida por Fino e Papert, entre outros, brota um novo olhar para as práticas pedagógicas, um novo paradigma educacional em que é proporcionado aos educandos a construção do seu próprio conhecimento.

Dentro dessa dimensão, as reflexões apontam para a urgência de a escola se reestruturar, dar vez e voz aos atores do processo de aprendizagem e começar a andar no mesmo compasso da sociedade, visando a uma nova ética da relação com o saber, o conhecimento científico e a formação do cidadão. Portanto, sendo a escola um espaço de múltiplas funções, deve oferecer uma aprendizagem significativa e competente, buscando superar a fragmentação e reprodução do conhecimento, oportunizando situações para que os educandos compreendam o mundo ao qual estão inseridos.

Diante desse contexto, a presente pesquisa tem por **objetivo geral: Compreender se as práticas pedagógicas do Projeto de Convivência na Terceira Idade desenvolvidas no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, Portal da Família, no Distrito de Pilar, município de Jaguarari/BA, constituem Inovação Pedagógica.**

Contudo, com o intuito de conseguirmos determinar de modo mais sólido esta questão, selecionamos como objetivos específicos:

- a) Identificar as práticas pedagógicas construídas no projeto de convivência na terceira idade;
- b) Conhecer as percepções dos sujeitos relativamente às práticas pedagógicas desenvolvidas;
- c) Verificar se as práticas pedagógicas daquela instituição constituem inovação pedagógica.

Assim sendo, esta investigação tem como base de trabalho um estudo de caso de cariz etnográfico, e a metodologia utilizada é predominantemente qualitativa. Como instrumentos de recolha de dados, utilizaremos a entrevista, assim como a observação que será registada no Diário de Bordo. Serão recolhidos documentos e fotos que sustentarão todos os dados recolhidos que incidem sobre 28 idosos na faixa etária de 60 a 81 anos de idade e alguns dos profissionais (orientadora social, coordenadora, técnicas: psicóloga e assistente social) que os acompanham.

Procurando embasar o objeto de estudo, apresento a estrutura formal pela qual se rege este trabalho de investigação. O trabalho está dividido em quatro partes.

A primeira parte é a etapa que se refere ao Enquadramento Teórico, em que realizo uma abordagem acerca da Educação Contemporânea e da Inovação Pedagógica recorrendo às óticas de diversos autores de referência.

No segundo item desta parte, apresento uma abordagem sobre a Terceira Idade, aclarando os direitos garantidos por lei aos idosos e alguns benefícios de se ter um envelhecimento ativo e mais saudável.

A segunda parte encontra-se sistematizada no capítulo: Metodologia da Pesquisa, o qual retrata as opções metodológicas e, portanto, expõem-se o trilho e os contextos de estudo, englobando os sujeitos empíricos estudados, o Locus da investigação, a metodologia aplicada e os procedimentos e técnicas de recolha e análise de dados que foram adotadas para o presente estudo.

A terceira parte é referente à Apresentação e análise de dados coletados, no qual são expostos o perfil dos sujeitos observados e pesquisados e a descrição da rotina pedagógica de alunos e profissionais no Espaço do Projeto de Convivência investigado. Apresenta-se a análise e interpretação dos dados obtidos pelas entrevistas, pela observação participante registrada no

diário de campo, conversas informais, coleta de documentos e imagens, fotografias e outros recursos que foram surgindo mediante observação durante o processo de investigação.

A quarta parte do trabalho reporta-se à análise e triangulação dos dados apresentados no capítulo anterior.

Nas conclusões, confronto os dados obtidos com os objetivos previamente delineados. Com este estudo, desejo que se operem mudanças na forma de pensar o processo de envelhecimento e espero que esta investigação sirva de alerta para a necessidade de serem criadas estratégias cada vez mais eficazes que promovam uma maior autonomia, garantindo entre outros aspetos, o conforto, a dignidade e a identidade da pessoa idosa.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Educação Contemporânea

Ao longo do tempo, a educação, gradativamente construída através de gerações, vem transmitindo, conservando e suscitando cultura, o que causa a revelação de novos desafios no seio do sistema educativo contemporâneo. Mediante o contexto atual, em que o mundo se apresenta em constante mudança, devido à acelerada evolução da sociedade, com os avanços científicos e tecnológicos e a difusão dos meios de comunicação social, percebe-se que a escola não consegue atender às reais necessidades do indivíduo contemporâneo. Ela mantém-se, ainda, retrógrada, seguindo um currículo tradicional, o que não lhe permite avançar na construção do conhecimento. Segundo Fino (2010),

Hoje, como sempre, apesar deste modelo de escola que nos acompanha desde os inícios do século XIX e está à beira de esgotar o prazo de validade, o mundo é o *locus* da informação, e a vida, incluindo obrigatoriamente a interação social, é um projecto de adaptação permanente. (FINO, 2010, p. 279).

Na mesma linha de raciocínio de Fino, Moraes (2002, p. 7), salienta que “A escola atual continua influenciada pelo velho paradigma, submetida a um sistema paternalista, hierárquico, autoritário e dogmático, não percebendo as mudanças ao seu redor e, na maioria dos casos, resistindo a elas”. Nesse viés, a escola ainda continua com a visão do professor como centro da aprendizagem, um transmissor do conhecimento, e o aluno, um mero receptor, com um papel insignificante na produção do conhecimento.

Diante deste novo cenário, de transformações constantes na sociedade, é pertinente afirmar que a escola, como parte dessa sociedade, necessita de transformar-se também. Precisa repensar todo o processo educativo. Utilizar-se de estratégias de ensino inovadoras, criativas, capazes de romper com o conhecimento fragmentado e, assim, estruturar-se de modo a levar o aluno a ser um sujeito ativo na construção do conhecimento.

1.1 A escola e o paradigma fabril

Embora a sociedade esteja em constante mudança, em especial, pelas novas exigências ocorridas nas últimas décadas, devido à globalização e ao uso de novas tecnologias de informação e comunicação, a escola se apresenta arcaica. Ela está alheia aos modos de se levar a vida, os quais circulam na sociedade e adentram em nossas casas, por meio da televisão, do computador, do vídeo game ou do celular, ferramentas que vêm contagiando cada vez mais os seres humanos.

Os alunos até utilizam o ferramental tecnológico na escola, mas de maneira a facilitar a transmissão de conteúdos pelo professor. E, isso não leva o discente a envolver-se na construção do conhecimento. Tudo porque as práticas pedagógicas estão calcadas num currículo descontextualizado, totalmente fora da realidade de mundo em que a escola está inserida. Nesse contexto, salienta Papert (2008),

Na esteira do espantoso progresso da ciência e da tecnologia em nosso passado recente, algumas áreas da atividade humana passaram por megamudanças. As telecomunicações, o lazer e os transportes, assim como a medicina, estão entre elas. A escola é um notável exemplo de uma área que não mudou tanto. Pode-se dizer que praticamente não houve mudança na maneira como ministramos educação aos nossos estudantes. (PAPERT, 2008, p.18).

Nesse prisma, Papert nos leva a refletir sobre o nosso sistema escolar, que continua lento, ultrapassado, seguindo um currículo tradicional, com base no paradigma fabril. Esse sistema contempla uma pedagogia atrelada desde muito tempo à autoridade, para reprodução homogeneizadora, o que torna a criança, em idade escolar, algo a ser modelado e manipulado, produzido de modo que se encaixe em seu papel social predeterminado.

Tal sistema, porém, não satisfaz as atuais necessidades do aluno, simplesmente, porque, entre tantos outros motivos, não serve mais para formar o cidadão de que a sociedade necessita, pois, os papéis sociais não são mais fixos, os afazeres da humanidade são atualizados pelas novas tendências que aparecem com a evolução do tempo.

O homem, nesse sentido, precisa estar integrado com os vários contextos de sua própria existência. Precisa compreender e assimilar o que necessita das inúmeras informações que lhe são passadas diariamente; utilizar a tecnologia para facilitar o seu cotidiano; interagir com pessoas diversas; enfim, ser um ser atuante em seu próprio meio. Ao contrário, a escola lhe transmite a

passividade ou a angústia diante do que lhe parece desnecessário. Nesse aspecto, Santos (2009), argumenta:

A atual estrutura fragmentária da educação, sedimentada com base em princípios seculares, tem levado os docentes a uma prática de ensino insuficiente para uma compreensão significativa do conhecimento, e muitas vezes suas respostas não satisfazem aos alunos que perguntam: *por que tenho que aprender isso?* (SANTOS, 2009, p. 17).

Diante de tantas mudanças e evoluções, é pertinente pensar, sobre o que realmente estamos transmitindo aos discentes, como estamos fazendo isso, quem são os discentes e qual a função do que lhes estamos transmitindo. Uma vez que, ainda temos um currículo “engessado”, que vem sendo “desenhado” ao longo de um processo histórico, atendendo aos interesses de uma classe burguesa, voltada para o capitalismo, o qual não permite o aluno sentir-se parte integrante do contexto estudado, e construtor do seu próprio conhecimento.

O Sistema Educacional Brasileiro surgiu no século XVIII, com o propósito de suprir a ordem da sociedade industrial naquele momento, atendendo a uma demanda de operários que precisavam ser condicionados ao paradigma de uma educação em massa, ou seja, o paradigma fabril, que marca a escola como símbolo da modernidade.

Mediante o exposto, complementa Fino (2011),

Convém referir, no entanto, que a permanência do paradigma fabril como principal organizador da escola, ..., e apesar das sucessivas crises por que tem passado, continua vigente. É claro que ao longo dos tempos, se foram sucedendo tentativas de modificar a escola mais ou menos profundamente, nenhuma delas com força suficiente para por em causa a sua orientação paradigmática. (FINO, 2011, p. 33).

Na realidade, os paradigmas envolvem toda a sociedade e, principalmente, a educação. O modelo de escola tradicional, inspirado nas organizações militares e fabris, alargou-se ao longo do século XIX, subsistindo ainda hoje em muitas organizações escolares, principalmente, no que se refere às práticas pedagógicas habituais.

De acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa de Alice Carrijo de Oliveira (2011, p. 371), a palavra “paradigma” significa “padrão, modelo”. Segundo Moraes (2001, p. 31), “Paradigma, na ótica de Kuhn, é uma realização científica de grande envergadura, com base teórica e metodológica convincente e sedutora, e que passa a ser aceita pela maioria dos cientistas integrantes de uma comunidade.” Diante desse consenso, aceito pela maioria dos cientistas, começa o processo de unificação do modelo a ser copiado. Continua Moraes, definindo

paradigma, como “uma construção que põe fim às controvérsias existentes na área a respeito de determinados fundamentos.” Reforçando esse pensamento, continua Toffler (1970),

No entanto, a idéia de reunir massas de estudantes (matéria-prima) para serem processados por mestres (operários) numa escola centralizada (fábrica) foi um golpe de gênio industrial. Toda a hierarquia administrativa da educação, à medida que cresceu, seguiu o modelo da burocracia industrial. A própria organização do conhecimento em disciplinas permanentes se baseava em suposições de caráter industrial. (TOFFLER, 1970, p. 322).

É inegável que, na atualidade, ainda haja a presença de vestígios da escola tradicional. Esses vestígios são percebidos devido a várias causas, como a qualidade de formação dos docentes; a adequação das condições materiais de trabalho educativo, que deve adaptar-se às circunstâncias e exigências do meio; a permanência de um ambiente organizacional e de um modelo de gestão que privilegie um currículo seletivo e segmentado em que ainda se estruturam os conteúdos, entre outros.

Esse tipo de ensino era uma resposta do setor educativo à Era Industrial, período de aprimoramento do trabalho, pouquíssimo acesso às informações e disciplina rígida com uma quantidade fixa de conteúdo. Embora tal modelo tradicional de ensino tenha adicionado conquistas gabáveis à didática, necessita ser revisto e modificado, pois não atende mais às necessidades e exigências da atual sociedade que vive em constante transformação.

O paradigma fabril tem como característica fundamental a reprodução e a repetição do conhecimento, numa visão mecanicista da prática educativa. Segundo Pereira (2016, p. 48), nesse paradigma, as escolas são vistas como “ambientes de aprendizagem em que prevalece a instrução, a repetição, em que se impõe a memorização, destacam-se os resultados, e ignoram-se os processos”. Nele, o professor é visto como o detentor do saber e a escola, o lugar exclusivo de acesso ao conhecimento. Nesse entendimento, Behrens (2013), expõe a escola tradicional como:

[...] o lugar por excelência em que se realiza a educação. Apresenta-se como um ambiente físico austero, conservador e cerimonioso. Tem como função preparar intelectual e moralmente os alunos. O compromisso social da escola é a reprodução da cultura. Caracterizada pela disciplina rígida tem como finalidade ser agência sistematizadora de uma cultura complexa [...] A escola é reprodutora dos modelos e apresenta-se como o único local em que se tem acesso ao saber. (BEHRENS, 2013, p. 41).

O professor, nesse paradigma, é visto como o dono da razão, inquestionável, detentor do saber, autoritário e objetivo. Expõe o conteúdo de forma fragmentada e visto como pronto e acabado, para que seus alunos, através da repetição, reproduzam o modelo exposto.

O aluno é visto como um ser passivo e receptivo; sem opção de reclamar ou dar sugestões sobre qualquer assunto que o professor apresente, aceitando passivamente a autoridade. Realiza tarefas e reproduz o conteúdo dado pelo professor, sem questionar seus objetivos, como comenta Behrens (2013, p. 42), “ao aluno cabe silenciosamente acumular as informações e sob a orientação do mestre memorizar definições, conceitos, enunciados de leis e realizar sínteses e resumos de grandes obras”. Acredita-se que através da cópia e da repetição de tarefas, o aluno memoriza o conteúdo.

Em termos metodológicos, as aulas são expositivas, descontextualizadas, privilegiam a lógica, a sequenciação e a ordenação dos conteúdos, não levando em consideração os objetivos dos alunos; que deverão somente escutar, decorar e repetir os conteúdos estudados, fazendo exercícios de fixação traduzidos em leituras e cópias. Os horários e o currículo são rígidos, baseados na eficiência e na padronização.

A avaliação, nesse paradigma, visa respostas prontas, rigorosas, às questões objetivas, que abarcam a reprodução dos conteúdos estudados, estimulando a memorização, a repetição e a exatidão.

Mediante o exposto, é pertinente afirmar que a escola que se apoia apenas no paradigma tradicional, não se permitindo experienciar outras formas de ensino, buscar informações atuais, fora dos muros da escola e dar voz ao aluno, para que este perceba-se parte integrante do processo de aprendizagem, estará podando sua criatividade, e deixando de atender às reais necessidades do indivíduo como ser pensante, criativo e crítico que é. Segundo Sousa e Fino (2001, p. 01), “os nossos dias assistem ao desenrolar de um conjunto de fenômenos que nos habilitam a assistir, em tempo real, à mudança na nossa maneira de nos representarmos e de representarmos as nossas instituições mais importantes e arraigadas, incluindo a escola”.

Dessa forma, percebe-se que as mudanças advindas da sociedade cogitam de forma direta no âmbito escolar. Isso nos mostra a necessidade de repensar um paradigma educacional que compreenda as exigências atuais do ser humano, rompendo paradigmas conservadores, ainda encontrados tradicionalmente muito arraigados no ensino, na tentativa de combater a reprodução do conhecimento com uma ação pedagógica voltada para uma aprendizagem crítica e inovadora, que atenda às necessidades do indivíduo inserido na sociedade emergente.

Nesse entendimento, Morim (2017, p. 01), faz uma crítica ao modelo de ensino tradicional, levando-nos a refletir sobre o real papel da educação que não desenvolve o senso crítico no aluno e, sugere que “*é preciso educar os educadores*”. Para ele,

A figura do professor é determinante para a consolidação de um modelo “ideal” de educação. Através da Internet, os alunos podem ter acesso a todo o tipo de conhecimento sem a presença de um professor.

Então eu pergunto, o que faz necessária a presença de um professor? Ele deve ser o regente da orquestra, observar o fluxo desses conhecimentos e elucidar as dúvidas dos alunos. [...] O papel do professor precisa passar por uma transformação, já que a criança não aprende apenas com os amigos, a família, a escola. Outro ponto importante: é necessário criar meios de transmissão do conhecimento a serviço da curiosidade dos alunos.

Nesse contexto, é evidente que deve haver transformações no modelo de ensino, visionando interligar os conhecimentos de forma que ultrapassem os muros da escola, o que permite aos professores saírem de suas disciplinas para dialogar com outros campos de conhecimento.

Nesse prisma, Belo (2010), salienta algumas exigências para a escola atual:

À escola actual é solicitado que desempenhe papéis que ultrapassem em muito a mera transmissão de conhecimentos. A escola é, (deve ser) assim, uma instituição que não se esgota na instrução e que tem de ampliar o seu papel a uma formação que conduza a uma real educação. (BELO, 2010, p. 228).

Diante destas inquietações, percebe-se que mudanças educacionais são almejadas e precisas para concretizar o papel da escola, na construção do conhecimento. Através da inovação pedagógica, defendida por Fino, brota um novo olhar para as práticas pedagógicas, um novo paradigma educacional, invertendo os papéis do professor e do aluno, proporcionando aos educandos a construção do seu próprio conhecimento.

Na organização do Estado brasileiro, a matéria educacional conferida pela Lei nº 9.394/96, de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgada em 20 de dezembro de 1996, recoloca a educação na perspectiva da formação e do desenvolvimento humano; o direito à educação, entendido como direito à formação e ao desenvolvimento humano pleno. A LDB nos apresenta os princípios gerais da educação, suas finalidades, os recursos financeiros, a formação e diretrizes para a carreira dos profissionais da educação.

Essa lei se distancia, no seu discurso, da visão dos alunos como mão de obra a ser preparada para o mercado e distingue que toda criança, adolescente, jovem ou adulto tem direito à formação plena como ser humano.

Nesse entendimento, para concluir, uso uma citação de Fino (2011), para enfatizar as necessidades de mudanças no contexto escolar vigente, nos orientando acerca da inovação pedagógica.

[...] os contextos de aprendizagem que o presente requer são completamente diferentes dos que eram adequados e se mantiveram adequados durante muitas décadas. Romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas. (FINO, 2011, pp. 104-105).

1.2 Inovação Pedagógica e a Visão Construcionista

Diante das atuais transformações sociais, o Sistema Educacional Brasileiro vem sendo instigado a mudar, principalmente, porque o discente não é o mesmo de poucas décadas atrás. Assim, há urgência de se repensar o fazer pedagógico nas escolas formais. Os estudos científicos e a facilidade de acesso a novas tecnologias de informação, advindos de um mundo cada vez mais globalizado, possibilita-nos viver ligados a uma rede de conexões.

Tais conexões promovem a comunicação e encurtam distâncias, o que nos permite buscar informações em tempo real e construir conhecimentos por meio da interação com várias pessoas de outros lugares ao mesmo tempo. Isso ocorre com tamanha velocidade e volume, num bombardeio de informações, que nos chegam através de computadores, televisões ou até mesmo de um rádio de pilha. Assim, percebemos a necessidade urgente de que a escola construa um fazer metodológico inovador, transformando o papel que desempenha na sociedade de agente padronizador de condutas discentes, as quais bem correspondiam às necessidades do modelo fabril de educação.

Devido à necessidade de tais mudanças, os sistemas de ensino têm estado sujeitos a pressões no sentido de inovar, transformar o papel desempenhado na sociedade e em sua própria forma de organização e funcionamento. Para que ocorram mudanças significativas, parece-nos que é necessária uma intensa transformação, em especial, no que se refere ao fazer pedagógico, com o objetivo de preparar as novas gerações para a apropriação ativa e crítica das novas tecnologias, por meio do uso dos recursos tecnológicos de maneira mais significativa.

Para que isso ocorra, a escola pode ser o ambiente propício para auxiliar o cidadão do amanhã no entendimento, na apropriação e no gerenciamento desse conjunto de ferramentas e possibilidades que a tecnologia tem trazido ao mundo. Naturalmente, a inovação pedagógica não necessita estar atrelada ao uso da tecnologia. Papert, o pioneiro da ideia de introdução dos computadores em salas de aula, como instrumentos para o processo de aprendizado, relata experiências pessoais de sua infância, que nos servem de reflexão sobre uma possível mudança na forma de educar.

Quando eu era criança, vários fatores me levaram a entender que alguma coisa estava muito errada:

1- Minha primeira escola era pequena e bastante progressiva, dirigida por uma mulher de mente aberta, que pensava independentemente e estimulava as crianças a fazerem o mesmo.

2- Mais tarde, fui enviado a uma escola de linha formal britânica. Eu a odiei e me tornei um rebelde fervoroso.

3- Estava crescendo na África do Sul e o quadro político me levou a um violento conflito com autoridades, inclusive com a escola.

Assim como Paulo Freire, comecei a ver que a escola era antipolítica.

4- Até mesmo quando eu estudava em uma escola elementar relativamente boa, conseguia perceber que estava aprendendo muito mais fora da escola do que dentro dela. (Disponível em: <https://www.dimap.ufrn.br/~jair/piu/artigos/seymour.html>. Acesso em: 16 jun. 2017.).

Apoiando-nos na opinião de Papert, consideramos que a escola precisa dar ao aluno autonomia para aprender. Nesse aspecto, é lamentável, mas uma realidade, o aluno tem aprendido mais fora da escola do que no seu interior. Se, no mundo fora da escola, o indivíduo utiliza a tecnologia, poderá utilizar também na escola, mas de forma contextualizada e reflexiva, com uma nova perspectiva de aprendizagem construcionista, levando-o a refletir sobre o aprendizado construído no âmbito das atividades desenvolvidas por ele. Isso representa a oferta de um máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino, proporcionando ao aluno dar rumo à sua aprendizagem e ter o professor como um mediador.

Segundo os PCNs (1997),

Os conhecimentos que se transmitem e se recriam na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber escolar e os demais saberes, entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz para a escola, num processo contínuo e permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos. (PCN, 1997, vol. 1, p. 46).

Diante dessa realidade, é notório que o Sistema Educacional vigente está ultrapassado e necessita de inovações, rompendo paradigmas conservadores, com atos que levem o aluno a construir seu conhecimento, impulsionando a inovação e construção de novos paradigmas educacionais. De

acordo com o Dicionário de Língua Portuguesa de Silveira Bueno (1999, p. 509) o ato de inovar quer dizer “reformular, renovar”; ou seja, implementar medidas novas buscando estratégias metodológicas que inovem a prática pedagógica desconstruindo questões paradigmáticas visando transformar conceitos e mentalidades dos sujeitos contemporâneos.

De acordo com Fino (2008, p. 1), “a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais”. Diante dessa perspectiva, percebe-se que é necessário haver mudanças nas instituições escolares, pois o conhecimento não é estático, vive em constante transformação, e a escola precisa acompanhar essas mudanças de acordo com a sociedade em que está inserida. Segundo Toffler (1980),

Uma nova civilização está emergindo em nossas vidas e por toda a parte há cegos tentando suprimi-la. Esta nova civilização traz consigo novos estilos de família, modos de trabalhar, amar e viver diferentes; uma nova economia; novos conflitos políticos; e, além de tudo isto, igualmente uma consciência alterada. Fragmentos desta civilização já existem. Milhões de pessoas já estão sintonizando suas vidas com o ritmo de amanhã. (TOFFLER, 1980, p. 23).

Frente a essa perspectiva, nota-se que as mudanças decorrentes da sociedade se refletem de forma direta no campo educacional e se manifestam por meio do desinteresse do aluno e na não efetiva aprendizagem. Sendo assim, é necessário que ocorra a quebra de paradigma do sistema de educação atual e se construa um novo paradigma inovador com alterações significativas, gerando novos métodos educacionais invertendo os papéis do professor e do aluno viabilizando a construção do conhecimento.

O termo inovação pedagógica é sinônimo de novas ideias e concepções, ocasionando transformações, sugerindo práticas pedagógicas que apontam mudanças qualitativas de posturas e costumes tradicionais. Surge em meio ao conflito em que se encontra a educação atual com práticas pedagógicas ultrapassadas e descontextualizadas da realidade, tendo como foco o aluno, no papel de construtor do seu próprio conhecimento e o professor, um intermediário, um mediador nessa construção. Nesse contexto, fica claro o quanto a escola vem se distanciando da sua verdadeira função social e com isso, gerando um forte sentimento de insatisfação na sociedade como um todo. Como afirma Papert (2008),

Entre as insatisfações, o sentimento das crianças não é uma das menores; no passado elas podiam não gostar da Escola, mas eram persuadidas a acreditar que ela era o passaporte para o sucesso na vida. Na medida em que as crianças rejeitam uma Escola que não está em sintonia com a vida contemporânea, elas tornam-se agentes ativos de

pressão para a mudança. Como qualquer outra estrutura social, a escola precisa ser aceita por seus participantes. Ela não sobreviverá muito além do tempo em que não se puder mais persuadir as crianças a conceder-lhe certo grau de legitimidade. (PAPERT, 2008, p. 21).

Diante desse contexto, é essencial permitir ao aluno a oportunidade de poder buscar seu conhecimento, aprendendo de forma autônoma e motivada, experimentando diferentes situações que o estimulem a partir de suas próprias descobertas, inovando e sempre respeitando seus limites e peculiaridades. Nesse sentido é importante ressaltar as contribuições de Vygotsky (1991) quando afirma que é a criança que constrói o seu conhecimento e o seu desenvolvimento não pode ser separado do seu contexto social. O foco de sua teoria é o desenvolvimento cultural da criança, em que ela constrói seu conhecimento interagindo com o meio e com o contexto social. Vygotsky elaborou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), conforme afirma:

A zona de desenvolvimento proximal provê psicólogos e educadores de um instrumento através do qual se pode entender o curso interno do desenvolvimento. Usando esse método podemos dar conta não somente dos ciclos e processos de maturação que já foram completados, como também daqueles processos que estão em estado de formação, ou seja, que estão apenas começando a amadurecer e a se desenvolver. (VYGOTSKY, 1991, p. 58).

Portanto, para ele, a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente, admitindo-nos descrever o futuro imediato da criança e seu estado ativo de desenvolvimento. Apresenta o processo, através do desenvolvimento, do que já foi atingido e o processo de maturação. As funções cognitivas aparecem duas vezes no desenvolvimento cultural da criança: o primeiro a nível social e depois a nível individual. O aprendizado implica também um conhecimento prévio obtido anterior ao conhecimento formal transmitido pela escola.

A partir dessa perspectiva, torna-se claro que as crianças dentro do seu contexto social, constroem o seu conhecimento e o seu desenvolvimento. Nessa concepção, é fundamental que a escola repense o seu ato de agir, inovando e rompendo com o paradigma fabril. Paradigma pautado em um sistema agonizante do passado, com um conjunto de valores claramente definidos e altamente tradicional, resultante de um ensino em massa, para produzir o tipo de adulto de que precisavam; adaptando as crianças desde pequenas a um comportamento social, preparando-as para a vida adulta. Toffler (1970), ressalta o problema desordenado que era para adaptar as crianças àquela realidade:

[...] um mundo de repetitiva labuta dentro de quatro paredes, fumaça, barulho, máquinas, condições de vida compactas, disciplina coletiva, um mundo em que o tempo

deveria ser regulado não pelo ciclo do Sol e da Lua, mas pelo apito da fábrica e pelo relógio de ponto. (TOFFLER, 1970, pp. 321 - 322).

O modelo fabril não brotou instantaneamente. Ainda hoje sentimos reflexos passadistas da sociedade pré-industrial. As concepções modernas de currículo estão ativamente ligadas a esse pensamento de obsessão com a produtividade e efeito, originárias do mundo industrial, onde a escola tem o papel de treinar os alunos, funcionando como modeladora do comportamento humano. A escola tradicional objetiva a reprodução e a repetição do conhecimento, perdendo de vista a especificidade da educação, sem preocupação alguma com o conhecimento e desenvolvimento intelectual do ser humano, seguindo um paradigma conservador, o modelo fabril, imposto na época.

1.3 Inovação Pedagógica e Currículo

A educação ostenta cada vez mais um papel de admirável importância no desenvolvimento das sociedades. Segundo Belo (2010, p. 227), “Cientes de que a educação não se faz fora do mundo concreto, a escola não é um espaço alheio a este mundo em que vivemos, com as suas aspirações e frustrações, conquistas e derrotas, êxitos e fracassos...”. Nesse entendimento, nota-se que é necessário olhar para frente, para a nova sociedade emergente. Esquecer esse currículo engessado, que é imposto sem atender à necessidade real da comunidade escolar, buscando novos objetivos e métodos no futuro e não no passado. Com base nesses pressupostos, justifica-se naturalmente a necessidade de repensar a educação, como nos mostram os planejadores da escola, de acordo com Fino e Sousa (2005),

[...] desenharam-na segundo um modelo inspirado literalmente nas fábricas de forma a que os alunos, quando nela entrassem, passassem imediatamente a ‘respirar’ uma atmosfera carregada de elementos e de significações que se revelaram ser muito mais importante e decisivos que as meras orientações inscritas no brevíssimo currículo ‘oficial’ da escola pública. (FINO e SOUSA, 2005, p. 4).

Portanto, é pertinente afirmar que se precisa de um novo currículo, de forma global. Um currículo que envolva comunidade, escola, professores, família e alunos, buscando uma melhoria na qualidade da aprendizagem, visando a um futuro melhor, e que venha a atender à necessidade real da comunidade escolar.

Segundo Sacristán (2013), o termo currículo deriva da palavra latina *curriculum* (cuja raiz é a mesma de *cursus* e *currere*). Macedo (2013, p. 22 *apud* PACHECO, 1996, p. 16), vem acrescentar que currículo, “significa caminho, jornada, trajetória, percurso a seguir e encerra, por isso, duas ideias principais: uma de sequência ordenada, outra de noção de totalidade de estudos”.

Nesse entendimento, continua Sacristán,

O currículo determina que conteúdos serão abordados e, ao estabelecer níveis e tipos de exigências para os graus sucessivos, ordena o tempo escolar, proporcionando os elementos daquilo que entenderemos como *desenvolvimento* escolar e daquilo em que consiste o progresso dos sujeitos durante a escolaridade. Ao associar conteúdos, graus e idades dos estudantes, o currículo também se torna um regulador das pessoas. (SACRISTÁN, 2013, p. 18).

Dessa forma, é interessante ressaltar que a escola carece repensar e modificar o currículo vigente. Deve desfazer-se dos paradigmas anteriores, em que os prédios permanecem cheios de alunos organizados em turmas por idade, com um currículo ainda sendo imposto sem atender a carência de sua clientela, atividades descontextualizadas e o professor, como a fonte do saber. A escola precisa de inovação, de tal forma que o aluno seja levado a investigar, a criar, a construir a sua própria aprendizagem significativamente. Para Sousa (2004),

O currículo, como vemos, já não pode ser lido como aquela área simplesmente técnica, atórica e apolítica, com a única função de organizar o conhecimento escolar, nem como aquele instrumento ingenuamente puro e neutro, despojado de intenções sociais, apenas centrado nos melhores procedimentos, métodos e técnicas de bem ensinar. (SOUSA, 2004, p. 180).

Concordando com as palavras de Sousa, Macedo (2000), acrescenta que avalia o currículo acadêmico, hoje, como uma instituição em crise. Mostra que é necessária a desconstrução das normas curriculares e a construção de novas concepções e estruturas do currículo. Enfatiza que essa transformação não deve ser feita apenas por pressões externas ou a simples necessidade de ajustar-se aos tempos modernos. Segundo Macedo (2013),

É preciso, portanto, que a sociedade, seus grupos de fato e os movimentos sociais implicados nos cenários e ações educacionais tenham a oportunidade de compreender e debater o currículo, num processo de democratização radical da sua discussão conceitual e da elucidação das práticas e, a partir daí, se apropriem e construam percepções e ações de descolonização nos âmbitos das propostas curriculares correntes. (MACEDO, 2013, p. 15).

Sendo assim, percebe-se que devemos repensar o cenário educacional, pois, a insatisfação com esse currículo vigente e o anseio por inovações, torna claro, a falta de interesse dos alunos com

as atividades e metodologia desenvolvidas na escola e o clamor dos professores pela precisão de mudança. Pois a educação tradicional, a qual éramos submetidos, segundo Papert (2008, p. 135), “[...] codifica o que pensa que os cidadãos precisam saber e parte para alimentar as crianças com esse “peixe”. E na verdade, estudos comprovam que a construção do conhecimento acontece quando o sujeito se mostra interessado e motivado por algo, em que busque por si mesmo o conhecimento se satisfazendo com seu aprendizado, de maneira prazerosa, enriquecendo sua prática, trabalhando numa atitude construcionista.

Continua Papert (2008, p. 135), “[...] sobre a suposição de que as crianças farão melhor descobrindo (“pescando”) por si mesmas o conhecimento específico de que precisam.” Não desmerecendo o valor do professor, que exerce um papel de orientador, observador e reflexivo na busca da produção de bons resultados, do conhecimento, preocupado em desenvolver momentos ricos em nutrientes cognitivos.

O construcionismo proposto por Seymour Papert anseia abolir alguns métodos educacionais dando espaço à construção da aprendizagem. Este paradigma tem como base o construtivismo, pois refere-se ao cognitivismo, e vê o aluno como construtor de sua estrutura intelectual. É percebido quando o indivíduo busca construir algo sozinho, usando da sua curiosidade e interesse na busca da construção do conhecimento.

O sistema de ensino deve corresponder às necessidades de sua clientela, os alunos, visto que a escola já deixou de ser o *locus* da informação, o lugar onde se obtém o conhecimento, sendo este, uma construção do aprendiz e não mera assimilação de informações cedidas apenas pelo professor. Hoje, a busca de aprendizagem é muito mais ampla, e a instituição escolar precisa seguir lado a lado com essa realidade da sociedade emergente. Precisa romper com os muros da escola e envolver todo o mundo de forma rizomática, em que o ensino-aprendizagem é entrelaçado, um depende do outro, e assim, continuamente. Segundo Fino (2008),

Hoje em dia, a informação disponível não cabe em nenhuma biblioteca, nem na mente de nenhum professor, por muito sábio que seja. Além disso, ninguém precisa de recorrer à escola para ter acesso às fontes da informação, a maioria das quais tornada acessível a partir das nossas próprias casas, por causa do desenvolvimento tecnológico. (FINO, 2008, p. 3).

Analisando as considerações de Fino, percebe-se que os sistemas de ensino realmente necessitam de modificações no exercício realizado na sociedade e na sua própria forma de organização e funcionamento. Nesse sentido, Papert (2008), reforça a ideia de que é preciso inovar, mostrando

a necessidade e experiências com o uso dos computadores na sala de aula, colocando a sua importância para a autonomia intelectual do aprendiz a partir dos anos iniciais de escolaridade.

Nesse aspecto de inovação, o foco principal é o educando construindo seu conhecimento e o professor assumindo um papel secundário, como mediador dessa construção no processo do ensino aprendizagem. Segundo Toffler (1970, p. 14), “a aceleração das mudanças em nossa época é, ela mesma, uma força básica. Esse ímpeto de aceleração tem consequências tanto pessoais e psicológicas quanto sociológicas”.

1.4 As TIC e a Inovação Pedagógica

Existe uma enorme expectativa em relação ao papel que as tecnologias de informação e comunicação (TIC) podem exercer no desenvolvimento de novos modelos de referência para as atividades de ensino. Os métodos tradicionais de ensino não mais atendem aos anseios desta era da informação, apesar de sempre marcarem presença na prática de educadores. A tecnologia de comunicação e informação faz parte da vida cotidiana dos cidadãos e não pode ser ignorada. Ela deve ser aproveitada em benefícios à humanidade, proporcionando a atualidade instantânea das informações em tempo real e contribuindo com a construção de sentidos, frente à transformação de conhecimentos construídos individualmente.

Com as TIC ficou muito mais fácil e rápido se comunicar, compartilhar informações e experiências com pessoas localizadas em lugares diferentes. Elas proporcionam transformações que envolvem de forma significativa todas as esferas sociais e, principalmente, as relações humanas que atualmente se mostram carregadas de novos valores e conceitos. Papert (2008) aponta que, há mais de trinta anos, os computadores pessoais surgiram com a ideia de serem como ferramentas de aprendizagem e de trabalho para a sala de aula. É pertinente afirmar que o uso destas ferramentas é muito importante para a educação, mas estes instrumentos por si só não cobrem o sucesso que se espera da escola. Segundo Fino (2001),

Hoje as escolas das tecnologias digitais, dos computadores e da telemática, da globalização e da pulverização das culturas locais, do genoma sequenciado, já não se compadece em espera por uma instituição que, para prosseguir, tem que mudar de paradigma. (FINO, 2001, p.3).

Deste modo, as instituições empenhadas com a aprendizagem com significado precisarão dar mais importância a todas as manifestações oriundas da sociedade em que o indivíduo está inserido. Através das tecnologias e a entrada dos computadores na educação, fez-se imprescindível o estudo teórico das novas práticas pedagógicas. Diante desse contexto, surge o construcionismo, contrário ao antigo instrucionismo, mas não desmerecendo o valor da instrução, o que foi muito apreciado de forma altamente tradicional.

Utilizando como fonte teórica de estudo o construcionismo de Papert, é visível que ele emerge como um desejo pessoal em promover um processo de aprendizagem rico de significados para os sujeitos que dele participam. Esse método propõe que a criança forme estratégias na construção do seu próprio conhecimento, desenvolvendo suas percepções e controle do eu. Segundo Pereira (2016, p. 57 *apud* PAPERT, 2008), “o autor valoriza o papel das construções no mundo como um apoio para as construções que ocorrem na cabeça”.

Esse novo modelo de comunicação, o construcionismo, leva a escola a refletir sobre o aprendizado construído por ela, visando à criatividade e colocando-a em um cenário de megamudança no contexto atual da globalização. Proporciona um novo panorama que ultrapassa a sala de aula, o muro da escola e ganha o mundo em busca de informações, levando os alunos a serem autores da sua própria aprendizagem. Protagoniza o ato educativo sem desvalorizar o professor ou a escola. Sugere que o orientador possibilite um ambiente adequado, onde exige do aluno a construção do saber.

De acordo com Pereira (2016),

O construcionismo reconhece que o conhecimento acontece especialmente quando o aluno está engajado na construção de algo externo ou pelo menos compartilhável, como por exemplo um castelo de areia. [...] A construção do conhecimento tem como pressupostos a exigência de uma aprendizagem situada, isto é, profundamente integrada e mergulhada no contexto em que decorre, [...] é o processo pelo qual os aprendizes edificam as suas construções em interação com os pares, e a colaboração, elemento indispensável para que o conhecimento possa ser negociado. (PEREIRA, 2016, p. 57).

O construcionismo, deixa de lado paradigmas anteriores. Ele tem como auxílio um currículo estruturado com parâmetros apropriados às necessidades e interesses do aluno. Viabiliza o uso do computador como uma ferramenta a mais para facilitar o acesso ao saber propiciando a atualidade instantânea das informações em tempo hábil, o que leva o aluno a se perceber como

construtor do seu conhecimento, embora por si só, o computador não constitua uma inovação pedagógica. A esse respeito, Papert (2008) relata:

Em algum nível, sabemos que, se nos envolvermos realmente com uma área de conhecimento, nós a aprenderemos – com ou sem a Escola e, de qualquer modo, sem a parafernália de currículo, testes e segregação por faixa etária que ela toma por axiomática. (PAPERT, 2008, p. 136)

Diante do exposto, Papert, deixa claro que é necessário que haja uma megamudança no sistema educacional vigente, acerca das práticas tradicionais e a construção de novas práticas pedagógicas, visando responder às necessidades do homem contemporâneo. É importante que os educadores se sintam preparados para essa megamudança e compreendam a sua importância no sentido de favorecer situações de aprendizagem, evidenciando uma mudança de postura de si próprios, de forma a abandonarem o papel de transmissores de informação para desempenharem o de facilitador e conselheiro para o estudante, alterando as suas práticas pedagógicas.

Nessa concepção, o professor promove a criação e a construção de aprendizagem, respeitando os diferentes ritmos, as necessidades, os interesses e manifestando no aluno, a vontade de aprender, pesquisar e saber, pois o essencial da conduta educativa não se situa na transmissão de informação, mas na construção de sentido com os aprendizes.

É pertinente afirmar que vivenciar o novo, inovar as práticas pedagógicas, romper paradigmas, lidar com o inesperado, não é tão simples. Causa insegurança, como nos afirma Behrens (2013, p. 11), “segurança e tradição é tudo o que não teremos, na ruptura de paradigmas: desafios, conflitos, trabalho e inovação nos aguardam nesse novo caminhar”. Diante desse contexto, muitas vezes, várias pessoas preferem não se arriscar, e não persistem na busca do resultado que almejam, uma aprendizagem em uso, tornando-se prazerosa.

Papert, em seu livro *A Máquina das Crianças*, (2008), nos apresenta um depoimento que nos leva à reflexão, sobre o ato de inovar, experimentar, confiar e ir em frente. Ele expõe uma reconstrução do que tomou conhecimento por intermédio de um professor. Nos mostra uma reflexão sobre essa insegurança do novo, dessa nova ação pedagógica, do uso dos computadores em sala de aula, nos levando a perceber a importância do tentar, do confiar em si, de se arriscar realmente, na busca do conhecimento prazeroso, que é construído na investigação pelo aluno, permitindo-o aprender de uma forma pessoal, de acordo com o seu ritmo. Também salienta que

os professores, não são os detentores do saber e, portanto, podem sim, deixar isso bem claro para os alunos, e junto com eles, construírem uma aprendizagem significativa.

Nas primeiras ocasiões em que percebi que os alunos tinham problemas que eu não conseguia nem mesmo entender, quanto mais resolver, resisti enfrentar o fato de não poder manter uma atitude de saber mais do que sabia. Eu estava com medo que isso destruísse minha autoridade como professor. A situação piorou, e reconheci que não entendera o problema, sugerindo que eles procurassem discutir com colegas da turma que pudessem ajudar. Foi o que eles fizeram. E ocorreu que juntas as crianças conseguiram encontrar uma solução. O mais surpreendente é que aquilo que temia terminou sendo uma liberação. Eu não tinha mais medo de ficar exposto. [...] Minha turma tornou-se muito mais uma comunidade colaborativa, onde estávamos todos aprendendo juntos. (PAPERT, 2008, p.72).

Diante do depoimento desse professor, percebemos claramente o quanto é difícil romper paradigmas, enfrentar seus medos, sair da zona de conforto, que já estamos acostumados há muito tempo, quebrar barreiras arraigadas, e, em contra partida, o quanto é prazeroso conseguir rompê-los, se permitir vivenciar o novo, e no decorrer do processo, perceber que é capaz.

Em suma, face aos avanços das tecnologias, em meio à globalização, e à escola com um currículo totalmente fora do contexto social, em caráter instrumental e tecnológico, aponta-se a necessidade urgente de uma megamudança no papel exercido na sociedade e na sua própria forma de organização e funcionamento. Face a essa mudança, é imprescindível romper com o paradigma fabril, que tem uma visão totalmente tradicional, impedindo a educação de evoluir e inovar em seus processos de construção da aprendizagem.

As megamudanças educacionais demandam alterações de postura dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem. Fazem a escola pensar melhor sobre o aprendizado construído no âmbito das atividades desenvolvidas por ela. Objetivam uma aprendizagem prazerosa, numa proposta construcionista inovadora levando o aluno a ser o protagonista na construção do seu próprio conhecimento. Proporcionam o aluno a pesquisar, investigar e ter o professor apenas como um colaborador, no processo da construção de sua aprendizagem individual. Permitem desenvolver suas percepções e habilidades, utilizando como auxílio os computadores, que proporcionam a criação e a construção de aprendizagem, respeitando os diferentes ritmos, necessidades e interesses de cada indivíduo.

1.5 A Inovação Pedagógica à luz dos autores

Incontestavelmente, o indivíduo está diante de uma sociedade bastante complexa, imersa sob os efeitos impactantes da globalização e das tecnologias, as quais têm provocado alterações intensas nos modos de vida, nos comportamentos e nos valores sociais e culturais.

Diante dessa nova realidade, a sociedade contemporânea não se permite mais ser uma sociedade de submissão, obediência e padronização, características de uma sociedade capitalista moderna. Está repleta de rápidas e profundas mudanças, o que faz surgir a cada dia, novos desafios, exigindo do homem contemporâneo uma aquisição mais profunda do conhecimento.

De acordo com Toffler (1970),

Para sobreviver, para evitar o que chamamos de choque do futuro, o indivíduo precisa se tornar infinitamente mais adaptável e capacitado do que antes. Ele deve buscar modos totalmente novos de se firmar, pois todas as velhas raízes – religião, nação, comunidade, família ou profissão – estão sendo sacudidas pelo impulso de aceleração, com impacto de um ciclone. (TOFFLER, 1970, p. 41).

Nesse sentido, percebe-se a necessidade de repensar todo o processo educativo, dando ênfase a práticas pedagógicas que venham a ser algo significativo para quem aprende. Segundo Belo (2010, p. 228), “... há necessidade de entender que aprender é um processo, onde o ser humano deve ser o sujeito activo na construção do conhecimento, que só acontece a partir da acção do sujeito sobre a realidade em que actua.” Nesse contexto, é essencial repensar uma escola que dê autonomia ao aluno na construção do seu conhecimento.

Não é mais admissível continuar trabalhando de forma fragmentada, com conteúdos descontextualizados, aulas monótonas e predominantemente expositivas, seguindo um paradigma tradicional, ultrapassado, o paradigma fabril, que não despertam o interesse do aluno, tornando-o um ser passivo, receptivo de instruções. Segundo Santos (2009, p. 75), “ao contextualizar o conhecimento, tornando-o vivo, articulando sujeito/objeto, ser/saber, o aluno encontra razão para aprender. O conhecimento adquire significado e não constitui somente um pacote a ser memorizado”. Isso implica ver sentido no que se aprende.

Contrária a essa teoria tradicional, de valor absoluto ao instrucionismo, o que abnega a criança de uma oportunidade para a descoberta, temos o Construcionismo, defendido por Papert. O

construcionismo, tem como meta “[...] ensinar de forma a produzir a maior aprendizagem a partir do mínimo de ensino” (2008, p. 134), não desvalorizando o método da instrução, mas aperfeiçoando-o, pois crê que as crianças farão melhor desvendando por si mesmas o conhecimento específico de que precisam. Segundo Papert (2008, p. 135) “o tipo de conhecimento que as crianças mais precisam é o que as ajudará a obter mais conhecimento.”

Em meio a tantas mudanças ocorrentes no mundo, por meio das novas tecnologias de comunicação e informação, transformando o modo de vida das pessoas, os seus comportamentos, e conseqüentemente afetando a escola, que é parte integrante dessa sociedade em transformação, vários estudos estão sendo desenvolvidos. Estudos esses, com o objetivo de verificar como fazer bom uso dessas tecnologias disponíveis na escola, objetivando a produção do conhecimento, através da curiosidade do aluno, interagindo em tempo real em uma rede de conexões, interligados com o mundo, visando a inovação pedagógica.

Segundo Fino (2011),

[...] a inovação pedagógica não é uma questão que possa ser colocada em termos estritamente quantitativos ou de mera incorporação de tecnologia, do gênero mais depressa, mais eficazmente, mais do mesmo. Muito menos pode ser colocada em termos de mais tecnologias disponíveis na escola, nomeadamente quando a proposta da sua utilização consiste em fazer com ela exatamente o que se faria na sua ausência, embora, talvez, de forma menos atractiva. A inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudança e de transformação. [...] a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrando neles, e na actividade deles, o essencial dos processos. (FINO, 2011, pp. 34 - 35).

É pertinente salientar que o simples uso dessas ferramentas de tecnologia na escola, seja em uma sala, em separado, a chamada “Sala de Informática”, ou mesmo, dentro da sala de aula, não garantem a aquisição do conhecimento. Isso vai depender muito da maneira como sejam utilizadas. Não servindo apenas de ferramentas auxiliares de ensino, e sim, uma constante. Elas devem proporcionar autonomia intelectual ao aprendiz desde pequeno, para torná-lo menos dependente de informações, proferindo os saberes científicos artigos com vários contextos de aprendizagem.

Papert (2008, p. 71) defende a ideia de que o uso dos computadores deveria ser como o livro e o caderno, sempre disponíveis, pois acredita que, “aprender-em-uso libera os alunos para aprender de uma forma pessoal, e isso, por sua vez, libera os professores para oferecer aos seus estudantes algo mais pessoal e mais gratificante para ambos os lados”.

Nesse veio, Fino (2011), corrobora sobre a importância da utilização das TIC como ferramentas de aprendizagem, de modo que traga mudanças e transformações da escola, que ainda tem um currículo ultrapassado, seguindo o paradigma fabril, almejando uma escola com práticas verdadeiramente inovadoras, que venha responder às necessidades do homem contemporâneo.

É esta utilização das TIC que, a nível macro, poderá eventualmente levar à sugestão de um novo paradigma de instituição educativa, nomeadamente porque estas tecnologias da pós-modernidade têm potencial para garantirem acessos interactivos, dessincronizados e permanentes à informação e servirem de ferramentas de aprendizagem, [...]. (FINO, 2011, p. 35).

Dessa forma, impõem-se, no contexto da sociedade globalizada, um novo repensar sobre a quebra do paradigma vigente, o paradigma fabril, com vista à implementação de um novo currículo que satisfaça às necessidades do homem contemporâneo.

1.6 A aprendizagem colaborativa e o processo de interação

O mundo está em constante transformação devido ao excesso de informações que nos chegam, a todo momento, através dos meios de comunicação. As novas tecnologias invadem nossas vidas de tal forma que causam “alterações profundas nos modos de vida, nos comportamentos e nos valores individuais e coletivos.” (BELLO, 2010, p. 227).

Devido a tantas transformações o sistema educacional requer mudanças que ultrapassem em muito a mera transmissão de conhecimentos e proporcionem ao aluno ser construtor do seu próprio conhecimento. Nesse entendimento, Bello (2010), salienta, que

A actual missão da educação na sociedade reside em permitir que sejam exploradas e criadas formas de ver a escola como um local de aprendizagem, de partilha de saber, de ampliação das fronteiras do conhecimento e do encontro de novos caminhos ao longo da vida. (BELLO, 2010, p. 227).

De acordo com Skwarek e Piwnik, 2014,

Tecnologia, mídias sociais e plataformas educacionais on-line estão remodelando as escolas, as aulas, a lição de casa e a aprendizagem em si. A influência sobre a educação é forte e irrevogável, e o dia-a-dia dos professores e alunos está mudando rapidamente e para sempre. O comboio já tinha partido e agora são as plataformas de social learning (aprendizagem colaborativa) que oferecem uma viagem de primeira classe para a educação de nova geração. (SKWAREK e PIWNIK, 2014, sp.).

Segundo Correia, in Bento e Mendonça, 2010,

Durante muitos anos, as teorias da aprendizagem colaborativa tendiam a centrar-se mais na forma como os indivíduos funcionavam num grupo. Isto reflectia uma ideia que era dominante, tanto na psicologia cognitiva como na inteligência artificial, nos anos 70 e meados dos anos 80, na qual a cognição era vista como um produto de processadores individuais de informação e onde o contexto da interacção social era visto mais como uma base (background) para actividade individual do que como um foco de pesquisa em si próprio. Mais recentemente, o grupo, propriamente dito, tornou-se a unidade de análise e o destaque dirigiu-se para as propriedades de interacção construídas socialmente. De um ponto de vista empírico, o objecto inicial era determinar se a aprendizagem colaborativa era mais eficaz do que aprender sozinho e em que circunstâncias é que isso acontecia. (CORREIA, 2010, p. 255).

Falar em aprendizagem colaborativa não quer dizer que aprendemos somente no coletivo, com a colaboração do outro ou outros, e sim, que na interacção com o outro, surgem opiniões, discussões que facilitam o entendimento de determinado assunto. A aprendizagem colaborativa teoricamente não prevê um professor, hierarquicamente todos são iguais, ninguém ensina, todos aprendem em conjunto. O professor age como um facilitador do processo visando cada vez mais a autonomia do aluno.

Correia in Bento e Mendonça (2010), ainda explicita que:

Aprendizagem colaborativa não é só um mecanismo: se alguém fala sobre a aprendizagem através da colaboração, também se pode falar acerca de “aprendizagem individual”. Os sistemas cognitivos individuais não aprendem porque são individuais, mas porque realizam actividades de leitura, construção e predição que desencadeiam determinados mecanismos de aprendizagem como indução, dedução, compilação... Da mesma forma os pares não aprendem porque são dois, mas porque desenvolvem actividades que desencadeiam mecanismos específicos de aprendizagem... Mas, em compensação, a interacção entre sujeitos origina actividades extra (exposição, discordância, controlo mútuo...) que, por sua vez, desencadeiam outros mecanismos cognitivos como elicitação de conhecimentos, interiorização... O campo de aprendizagem colaborativa centra-se, precisamente, nesta actividade mecânica. (CORREIA, 2010, pp. 254-255).

Nesse entendimento, Ana Laghigna (2017), professora e especialista, envolvida no projeto Co-Lab – definido por ela, como sendo, “um projeto com os olhos postos no futuro, focado em tornar realidade o ensino e a aprendizagem colaborativos, na sala de aula”, dá o seu contributo, exemplificando as características chave da aprendizagem colaborativa.

A aprendizagem colaborativa é fundamental para desenvolver um conjunto de competências de relacionamento interpessoal, tais como comunicação eficaz, negociação, resolução de conflitos, tomada de decisão, liderança, responsabilidade pessoal e trabalho de equipa. É necessário que estas competências sejam ensinadas na escola, porque podem ajudar os nossos alunos a tornarem-se colaboradores eficientes e cidadãos funcionais, num mundo muito complexo. Eles irão necessitar de criatividade

para resolverem novos problemas que exigem soluções inovadoras. (LAGHIGNA, 2017, p. 01).

A aprendizagem colaborativa pode ser entendida como uma metodologia de aprendizagem, na qual, por meio do trabalho em grupo e pela troca de conhecimento entre os pares, as pessoas envolvidas no processo, aprendem juntas.

Nesse patamar, Correia (2010) *apud* Roschelle & Teasley, citado por Dillenbourg, 1996, explica de que modo a colaboração se diferencia de cooperação:

“Colaboração” distingue-se de “cooperação” se considerarmos que o “trabalho cooperativo” é conseguido através da divisão do trabalho entre os participante, como uma atividade onde cada pessoa é responsável por uma parte da resolução dos problemas, enquanto colaboração envolve “um compromisso mútuo dos participantes, num esforço coordenado para resolverem juntos os problemas.” (CORREIA, 2010, p. 256).

A sua utilização no ensino proporciona o desenvolvimento da ponderação de equipe dos alunos, a valorização e o compartilhamento dos saberes individuais de cada um e a aquisição de valores como respeito mútuo. A aprendizagem colaborativa ainda protege a liberdade de cada partícipe de exibir suas próprias ideias, se expressar e falar livremente, tendendo abranger um consenso.

Nessa perspectiva, Skwarek e Pwnik, 2014, nos apresentam três benefícios da aprendizagem colaborativa,

1. Eficácia através da conversa assíncrona

Novas tecnologias fazem com que o processo de aprendizagem se torne mais diversificado. Os alunos já não precisam adquirir conhecimento enquanto estão sentados em uma sala de aula. Redes sociais e digital learning fazem com que os métodos de aprendizagem se reinventem e os alunos fiquem sem limites em termos de lugar e hora em que podem estudar.

2. Confiança através da colaboração com os colegas

Muitos estudantes simplesmente gostam de ajudar os seus colegas com as dúvidas escolares. Alguns sacrificam o seu tempo livre para explicar matérias difíceis a outras pessoas porque sabem que dessa forma memorizam melhor o material e ao mesmo tempo sentem satisfação pessoal. Ensinando os colegas, usuários podem adquirir novas habilidades e melhorar sua autoestima.

3. Conteúdo de qualidade através do crowdsourcing

Outro benefício que o digital learning oferece é a possibilidade de navegar numa lista de perguntas filtradas segundo a matéria, grau de escolaridade, fonte, plataforma (Khan Academy, Brainly, Open Study) ou até temas ou criador (canais do YouTube). O acesso é muitas vezes totalmente gratuito e isso faz com que as crianças de famílias mais pobres não precisem pagar pelas explicações – em vez disso, acessam do seu celular ou computador e tiram suas dúvidas imediatamente. (SKWAREK e PWNIK, 2014, p. 01).

Nesse patamar, é pertinente afirmar que a colaboração é vista como um processo de construção. Investindo-se na Aprendizagem Colaborativa, através de um trabalho diferenciado, todos

aprendem em conjunto, sendo oportunizada a competência de autonomia dos alunos. É uma forma de romper com as estruturas tradicionais de ensino, extrapolando modelos ultrapassados que já não condizem com a nossa sociedade atual, nem atendem às demandas e expectativas dos alunos.

2. Terceira Idade

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), “Terceira Idade é a fase da vida que começa aos 60 anos nos países em desenvolvimento e aos 65 anos nos países desenvolvidos.” No Brasil, há divergência sobre quando realmente se inicia a Terceira Idade. A OMS ainda esclarece, “A Constituição Federal Brasileira menciona a terceira idade com início aos 65 anos, enquanto que o Código Penal Brasileiro refere a idade de 70 anos. Ambos são incoerentes com o limite de 60 anos que consta na Política Nacional do Idoso” (OMS, 2017, p. 01).

Nesse tocante, a Previdência Social esclarece que,

Um dos assuntos que ainda não é pacificado no direito brasileiro diz respeito a idade inicial para que uma pessoa seja considerada idosa. **Saber se a idade do idoso é 60 ou 65 anos** não é possível com base numa leitura dos textos legais. Mas, via de regra, predomina o número previsto no Estatuto do Idoso, por ser um documento mais específico. [...] para efeitos legais a **dúvida se a idade do idoso é 60 ou 65 anos** é resolvida com base no princípio da especificidade. O **Estatuto do Idoso**, por ser exclusivo para essa categoria, é predominante, logo, o **idoso é a pessoa que tem a partir de 60 anos.** (PREVIDÊNCIA, 2018).

Para muitas pessoas, a terceira idade, é vista como um grande problema. Período relacionado a doenças, à depressão, à invalidez e à dependência de algum familiar para executar simples tarefas. Vários estudos vêm sendo realizados na perspectiva de desmistificar que a terceira idade, não é sinônima de invalidez. Muito pelo contrário, é vista como a melhor idade, a melhor fase da vida. É nesta fase que o sujeito pode efetivar várias atividades que foi sempre deixando para mais tarde, enquanto resolvia as prioridades, seja de algum membro da família, ou mesmo, do trabalho.

Para que o idoso desfrute do lado bom dessa terceira idade, é necessário que tome alguns cuidados, principalmente com a saúde, tanto mental quanto psicológica. Nessa etapa de vida, as doenças

são mais comuns e merecem um pouco mais de atenção, pois o envelhecimento provoca mudanças no organismo do indivíduo.

2.1 Terceira Idade: Uma faixa etária em constante transformação

No período Pré-industrial, os idosos, eram vistos como um exemplo a ser seguido, chefes da família, pessoas a quem devia-se respeito e consideração. Seus familiares, não os consideravam um peso em suas vidas. Pelo contrário, os respeitavam e valorizavam a sua experiência de vida. Como relata Lopes (2002),

Na fase rural vivia-se numa sociedade em que o adulto mais velho era o chefe da família. Ele era o avô e na sua casa viviam os filhos, netos e muitas vezes outros membros da família como irmão, tios, etc. Formavam a grande família patriarcal, onde uns ajudavam os outros e havia respeito e obediência pelos mais velhos que eram detentores da experiência de vida e da sabedoria. Havia segurança na transmissão de valores morais de pais para filhos. A família era realmente a célula básica da sociedade. Era auto-suficiente: plantava, colhia, consumia, educava e transmitia a fé. (LOPES, 2002, p. 11).

Nesse contexto, o idoso era visto como sábio e valorizado pela sua experiência. O que, com o passar do tempo, foi se modificando. A família foi se subdividindo, seguindo as necessidades de uma sociedade que valorizava a produção industrial, tornando-se uma família nuclear, como explana Toffler (1970), elencando as diferenças:

A típica família pré-industrial não apenas tinha um bom número de crianças, mas também numerosos outros dependentes – avós, tios, tias e primos. [...] tais famílias são difíceis de transportar ou transplantar. São imóveis. A industrialização exige massas e trabalhadores prontos e capazes de deixar a terra em busca de empregos, e de se mudar sempre que necessário. Assim, a família ampliada gradualmente foi se livrando do excesso de peso, emergindo a chamada família “nuclear” – uma unidade familiar reduzida, portátil, consistindo apenas de pais e um pequeno grupo de filhos. (TOFFLER, 1970, p. 199).

Dessa forma, o idoso passou a ser considerado um problema para os seus familiares, já que a sociedade valorizava a produção industrial, a quantidade, a rapidez, deixando para trás aquele que já não conseguia produzir. Com o passar do tempo, a sociedade entra em uma nova era, a científico-tecnológica, que usa uma nova forma de produção e que vem revolucionar a vida cotidiana completamente. Com esse avanço, as informações nos chegam a todo o momento por

meios diversos. Atualmente temos consciência do valor que tem um idoso, com toda a sua experiência e dos seus direitos como cidadão.

No Brasil, os idosos têm seus direitos assegurados pela Lei N.º 10.741, de 1.º de outubro de 2003, instituída no Estatuto do Idoso. Conforme o artigo 3.º desta Lei:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (ESTATUTO, 2013, p. 08).

O número de idosos no Brasil vem aumentando de forma acentuada. Segundo dados estatísticos do IBGE.

A população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Características dos Moradores e Domicílios, divulgada hoje pelo IBGE. (IBGE, 2018).

Os idosos estão aproveitando a velhice para realizar tarefas que lhes dão prazer, e que nem sempre foram possíveis de serem realizadas durante a fase adulta e foram sempre deixadas para depois.

A ampliação do acesso a serviços de saúde e de saneamento nos últimos anos está encaminhando o Brasil para se configurar como um país com mais idosos do que crianças. A expectativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de que, até 2055, o número de pessoas com mais de 60 anos supere o de brasileiros com até 29 anos. [...] De acordo com o levantamento, metade dos idosos que residem no Brasil faz parte da classe média e usufrui de boas condições de vida. Outros levantamentos compilados por EXAME.com revelam que mais idosos estão aproveitando a velhice para voltar a estudar, investir em lazer ou voltar para o mercado de trabalho. (EXAME, 2018).

Nesse viés, podemos afirmar que a velhice está longe de ser um problema e sim, uma conquista, a qual nem todos conseguem alcançá-la, por motivos diversos.

2.2 Diversidade Cultural e Aprendizagem na Terceira Idade

O Brasil é sem dúvidas uma imensidão de diversidade cultural. Sua mistura de cores, raças e culturas, o torna cada vez mais diversificado e acolhedor. Segundo o Portal Educação (2013, p.

1), “Cultura é originada da palavra em latim *colere* que significa cultivar. A cultura inclui arte, conhecimento, crenças, leis, morais, costumes e todo esse complexo de hábitos que o homem adquire vivendo em sociedade e vai passando de geração em geração”. Nesse entendimento, o site ainda acrescenta que “As comunidades mantêm seus costumes e pessoas se locomovem espalhando esses costumes em outras sociedades. Multiplicando crenças, costumes e etnias nas sociedades locais”. (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013, p. 1)

No ano de 2001, a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), proclamou o dia 21 de maio como Dia Mundial da Diversidade Cultural, procurando promover a conscientização da população sobre os benefícios e oportunidades que a diversidade cultural pode proporcionar às sociedades e sua riqueza no mundo.

Todos os anos, em 21 de maio, o **Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento** celebra a riqueza das culturas do mundo e seu papel essencial do diálogo intercultural para alcançar a paz e o desenvolvimento sustentável. [...] é uma ocasião para promover a cultura e destacar a importância de sua diversidade como um agente de inclusão e mudança positiva. (ONU, 2018).

Nesse contexto, a ONU, adverte que:

[...] a Diversidade Cultural é fonte de representações, conhecimentos, práticas e, igualmente, de afirmação, inovação e criatividade, que contribuem para a construção de um sistema relacional viável, sustentável e harmônico entre a humanidade e os recursos terrestres. Nesse sentido, a Diversidade Cultural constitui força motriz do desenvolvimento, indispensável para atenuar a pobreza. (ONU, 2018).

Nesse viés, constata-se que essa transmissão da cultura acontece através do diálogo, seja dentro ou fora da escola, do respeito à diversidade, de exemplos, dos ensinamentos dos mais velhos aos mais novos etc, contribuindo assim, com o aprendizado e a formação dos cidadãos, num contexto globalizado.

Nesse entendimento, os idosos tem muito a contribuir com sua experiência de vida. Não podemos esquecer que envelhecer é um processo ao qual todos estamos predeterminados. Então, temos que ter consciência da importância dos mais velhos, respeitar seus valores e seus limites, como nos orienta a Bíblia Sagrada, em Provérbios,

Meu filho, guarde os preceitos de seu pai e não despreze o ensinamento de sua mãe. Conserve-os sempre vivos na memória e amarre-os no pescoço. Desse modo, quando você caminhar, eles o guiarão; quando você descansar, eles o guardarão; e quando você despertar, eles falarão com você. Porque o preceito é uma lâmpada, a instrução é uma luz e a repreensão que corrige é caminho de vida. (PROVÉRBIOS, Cap. 06, versículo 20 a 23).

Seguindo os mandamentos de Deus, o nosso criador, devemos honrar pai e mãe, ou seja, os mais velhos, valorizando seus ensinamentos, pois, eles têm muita sabedoria que é própria de uma maturidade serena.

Constata-se que a educação, seja no Brasil ou em qualquer outro país, é um assunto de extraordinária importância para o desenvolvimento de um cidadão. Desde a infância até a formação de um profissional completo em sua carreira, o aprendizado e as práticas escolares são essenciais. E quando se chega à terceira idade, os idosos, também têm direito à educação. Está previsto no artigo 2º do Estatuto do Idoso,

O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que se trata esta lei, assegurando-se-lhe, por meio da lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (ESTATUTO DO IDOSO, 2003, p. 07).

Mas especificamente sobre a educação o capítulo V, Artigos 20 a 25 discorre sobre a garantia desses direitos assegurados por lei. Isso denota que a aprendizagem é uma constante. Nunca deixamos de aprender.

Cientes de que o envelhecimento seja um fenômeno natural de uma fase existencial e social do ser humano, e algumas de suas consequências, são o aumento da fragilidade e vulnerabilidade dos indivíduos, é conexo afirmar que, em meio a essa realidade, a sociedade tem a responsabilidade de criar políticas sociais adequadas às necessidades dos idosos. Nessa linha de pensamento, Baptista (2000), comenta que:

Os idosos precisam, e merecem, um outro olhar e uma outra atitude por parte da sociedade, mas a sociedade mais justa, mais solidária e mais humanista que desejamos para este novo século precisa também dos idosos, precisa da sua participação empenhada, da sua lição de vida e do testemunho da sua serena e sábia maturidade. (BAPTISTA, 2000, p. 26).

É importante entender a aprendizagem como uma atividade contínua que se estende desde os primeiros dias de vida e vai se aperfeiçoando com o passar do tempo. A aprendizagem pensada como construção de conhecimento torna a educação mais prazerosa e efetiva.

2.3 Envelhecimento Demográfico no Brasil

No Brasil, o aumento da população idosa é cada vez mais acentuado. Para garantir uma melhor qualidade de vida na fase da Terceira Idade, o Ministério da Saúde criou o Estatuto do Idoso, destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção, um direito social, e é dever do Estado garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde mediante a efetivação de políticas públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade. (ESTATUTO DO IDOSO, 2013, p. 06).

Nessa perspectiva, é importante salientar que a pessoa idosa, atualmente pode ser inserida na sociedade de forma qualificada e ter seus direitos assegurados. A maioria das pessoas, ao chegar na fase da Terceira Idade, continuam desempenhando suas atividades do cotidiano e ainda contribuem para a renda de suas famílias. De acordo com o Estatuto do Idoso (2013, p. 05), “os rendimentos de aposentadoria dos idosos elevam a renda familiar entre os mais pobres, contribuindo para reduzir os níveis de pobreza no País.” No mesmo Estatuto (2013, p. 06), decorre que “há um crescente reconhecimento de que o idoso deve ter condição de trabalhar enquanto desejar e os direitos da idade devem ser reconhecidos e recompensados.”

Nesse viés, é pertinente afirmar que a sociedade deve facilitar aos aposentados sua reintegração no trabalho, uma vez que, para estar plenamente inserido na sociedade moderna, graças às novas tecnologias, nem sempre, o homem irá precisar usar de esforço físico, como antes. De acordo com a revista Exame (2016),

[...] Segundo o IBGE, a esperança de vida continua aumentando por conta do constante avanço da medicina, aumento de renda, escolaridade e proporção de domicílios com saneamento adequado. [...] Hoje, o número de brasileiros idosos corresponde a 17% do total da população do Brasil - são quase 24 milhões de pessoas com mais de 61 anos. (EXAME, 2016, sp.).

Com o aumento da qualidade de vida, segundo projeção da ONU, até 2050 cresce a expectativa de vida do brasileiro, tal como é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1. Expectativa de vida no Brasil (1980-2050)

Ano	Expectativa de vida ao nascer
1980	62,6
1991	66,9
2000	69,8
2010	73,9
2014	74,9
2050	81,2

Fonte: IBGE e ONU (2016)

Conforme já observado, na atualidade, o número de pessoas envelhecidas vem aumentando muito e com isso, percebe-se a necessidade de romper com alguns paradigmas de que o idoso já não produz mais, e sim, saber aproveitar a sua experiência de vida, valorizando e respeitando os seus direitos, visando colaborar assim, com o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidade, para que eles tenham uma vida ativa e possam viver cada vez mais anos.

2.4 O Centro de Referência de Assistência Social (CRAS): Criação, objetivos e missão

No contexto de valorização do idoso, o Brasil não fica omissos, exemplo disso é o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), mantido pelo Governo Federal, o qual atua em vários municípios do país e que constitui o local onde decorre esta pesquisa. Segundo o Site do Governo do Brasil (2011), “o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é o sistema governamental responsável pela organização e oferta de serviços da Proteção Social Básica nas áreas de vulnerabilidade e risco social”. É um ponto de referência para a comunidade, um local de apoio, a porta de entrada para os serviços da Assistência Social.

Seu público alvo são as famílias em situação de vulnerabilidade e risco social que, por meio deste apoio, passam a ter acesso a serviços como cadastramento e acompanhamento em

programas de transferência de renda. É uma unidade pública com serviços gratuitos. Atende as mais diversas localidades do país.

O trabalho do CRAS não se restringe a seu espaço físico. É composto por uma equipe de profissionais que atuam nas áreas de coordenação com assistentes sociais, psicólogos, apoio administrativo e operacional que agem junto com as famílias. Seu objetivo é a proteção social básica das famílias vulneráveis por meio da interação entre aquelas, grupos comunitários e redes sócio assistenciais públicas e privadas existentes no município. Tem por missão, “[...] promover a proteção social para a redução das desigualdades e a inclusão social e produtiva das pessoas, por meio da efetivação descentralizada das políticas de Trabalho e Assistência Social”. (Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social, 2009, p. 1).

Seu principal serviço é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF). De acordo com o Ministério do Desenvolvimento Social, (2015, p. 01), “o PAIF, é oferecido em todos os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS) e tem como objetivo apoiar as famílias, prevenindo a ruptura de laços, promovendo o acesso a direitos e contribuindo para a melhoria da qualidade de vida”.

No CRAS, as pessoas aproveitam para fazer novas amizades, trocar experiências, buscar informações, manter-se atualizadas e conscientes de seus direitos e deveres, em interação com os outros, cuidando de seu bem-estar físico e psicológico.

PARTE II – METODOLOGIA

3 Metodologia da Pesquisa

Segundo Macedo (2000, p. 132) “[...] o método de pesquisa é uma apropriação em pormenor da realidade estudada, numa análise visando evidenciar as relações internas.” Isso nos remete a ver o objeto em estudo na sua totalidade, contrapondo-se à concepção do conhecimento como algo definitivo, inflexível, através das etapas de desenvolvimento da pesquisa e dos instrumentos utilizados.

Com base no trabalho desenvolvido no Projeto de Convivência da Terceira Idade, do Programa CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, Distrito de Pilar, município de Jaguarari/BA, este capítulo exhibe o paradigma que orientou a investigação das práticas pedagógicas estudadas naquela instituição. Tratando-se de uma abordagem singular, enveredamos por um estudo de caso embora o seu cariz seja essencialmente etnográfico.

Sobre o estudo de caso, Yin (2001, p. 21) salienta que este [...] contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos.

Nesse prisma, Macedo (2000) assinala que:

[...] avaliamos oportuno arrolar algumas características que dão feições qualitativas a esta opção metodológica: os estudos de caso visam à descoberta, característica que se fundamenta no pressuposto de que o conhecimento não é algo acabado uma vez por todas, haverá sempre um acabamento precário, provisório, portanto; o conhecimento é visto como algo que se constrói, se faz e se refaz constantemente. (MACEDO, 2000, p. 149).

No que se refere aos instrumentos de coleta de dados utilizados, designadamente, a entrevista semi estruturada, a presente proposta de investigação cobre-se de dupla natureza: embora o seu desenvolvimento seja essencialmente qualitativo, alguns itens apurados mereceram um tratamento quantitativo. Entretanto, destaca-se essencialmente o estudo qualitativo, face aos objetivos que tentamos alcançar e que são de cariz descritivo e compreensivo.

Sobre essa metodologia, Sousa e Fino (2007, p. 7) confirmam que, [...] as metodologias de investigação qualitativa são as mais adequadas à compreensão e descrição dos fenômenos que se desenvolvem no interior das escolas.

Diante desse contexto, o cariz etnográfico desta investigação tem como fonte principal de recolha de dados, o ambiente natural, onde o investigador se assume como o instrumento principal na coleta de dados. Aqui, o investigador qualitativo adentra ao local de estudo, encontra-se e permanece muito tempo com os sujeitos em locais por eles frequentados. “Trata-se de locais onde os sujeitos se entregam às suas tarefas quotidianas, sendo estes ambientes naturais, por excelência, o objecto de estudo dos investigadores” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 113).

Nesse entendimento,

[...] quando bem conduzidos, os estudos etnográficos permitem uma compreensão da cultura de uma organização, da maneira como os seus elementos interagem uns com os outros e da influência do contexto no comportamento dos indivíduos, de uma forma que talvez nenhum outro estudo permita”. (CARMO e FERREIRA 1998, p. 220 *apud* MENDONÇA e SOUSA, 2011, p. 265).

Sendo assim, com esta metodologia busca-se adquirir toda a espécie de informação, com uma visão holística dos acontecimentos. E ainda fazer uma análise contextual e interpretativa, que leve em consideração não apenas o real observado como também os atores sociais dessa realidade, idosos participantes do Projeto de Convivência da Terceira Idade, do Programa CRAS, usando da ética e responsabilidade na observação e objetividade no cotidiano registrado no Diário de Campo.

Seguidamente apresentamos em detalhe cada uma das opções metodológicas supra resumidas.

3.1 Paradigma qualitativo

Viabilizando-se o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se para a investigação o estudo de caso de cariz etnográfico com ênfase no método qualitativo, por ser um caminho metodológico incorporado ao esboço da pesquisa e condizente no que se refere à aproximação do conhecimento à realidade descrita e qualificada. Para Galeffi *apud* Macedo (2009, p. 16), “o qualificativo de uma pesquisa indica, de modo imediato, a historicidade de sua área de atuação e sua distinção em relação a outras formas de pesquisa”.

Na investigação qualitativa, Biklen (1994, p. 47), ressalta que “... a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores

introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas.” Visitam frequentemente os locais de estudo, o que permite plena interação cotidiana, porque percebem que as ações podem ser melhor compreendidas quando observadas em seu ambiente natural de ocorrência.

Alguns pesquisadores vão ao local de estudo, munidos de um simples bloco de anotações e uma caneta. Outros acrescentam vários equipamentos, como vídeos ou áudios. Outros ainda elaboram esquemas e diagramas para auxiliá-los na coleta de dados. De acordo com Biklen (1994, pp. 47-48), “... os dados são recolhidos em situação e complementados pela informação que se obtém através do contacto directo.”

A autora citada, ainda afirma, que a investigação qualitativa é descritiva e acrescenta que:

[...] Os resultados escritos da investigação contêm citações feitas com base nos dados para ilustrar e substanciar a apresentação. Os dados incluem transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. (BIKLEN 1994, p. 48).

Nesse paradigma, a realidade é construída a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo, e cabe ao investigador interpretar o significado da ação humana, e não apenas descrever os comportamentos observados.

Segundo Biklen (1994, p. 49), “a abordagem da investigação qualitativa exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para constituir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo.”

Dessa forma, procedemos à transcrição das entrevistas e a sua interseção com as fontes documentais, executando a análise e a sistematização dos dados recolhidos.

O termo *dados* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registram activamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações participantes. Os dados também incluem aquilo que outros criaram e que o investigador encontra, tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.149).

Nesse viés, a análise dos dados dessa pesquisa, buscou atender as várias subjeções produzidas no processo de compreensão em relação ao Projeto de Convivência da Terceira Idade, desenvolvido no Centro de Referência da Assistência Social - CRAS Portal da família, com foco

no processo de aprendizagem das práticas pedagógicas voltadas à inovação que contemple uma aprendizagem com significado para a vida dos envolvidos.

3.2 Estudo de caso de cariz etnográfico

Tratando-se do estudo de um contexto específico, esta investigação constitui um estudo de caso pois investigamos em profundidade a cultura desta comunidade específica e os resultados obtidos não poderão ser generalizados.

Os estudos de caso, segundo Yin (2001, p. 19), justificam-se, “[...] quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”.

Em contributo, Bell (2010, p. 23), relata que o estudo de caso, é “[...] muito mais que uma história ou descrição de um acontecimento ou circunstância. Tal como em qualquer outra investigação, os dados são recolhidos sistematicamente, a relação entre as variáveis é estudada e o estudo é planeado metodicamente”.

Nesse tocante, esta investigação não emprega a técnica da amostragem ainda que se baseie no estudo de um conjunto de indivíduos que contemplam as características essenciais à questão de investigação o que consente obter uma percepção do modo como as pessoas idosas vivem a sua cotidianidade natural das situações onde se dá a prática pedagógica.

Quanto à natureza etnográfica que também imprimimos a este estudo, citamos Fino (2011) quando afirma que à etnografia,

[...] compete fornecer os meios para sondar, questionar, descrever e compreender as práticas pedagógicas, enquanto práticas culturais fundadas na intersubjetividade dos que aprendem e dos que facilitam a aprendizagem, no seio de uma instituição específica – a escola –, ou no seio da própria sociedade, além de implicar, também, o debate epistemológico sobre a validade do conhecimento obtido pelo seu intermédio. (FINO, 2011, p. 100).

Segundo Lapassade (2005, p. 148) o termo etnografia assinala “um povo, uma cultura”, e por isso a observação participante é fundamental no trabalho etnográfico de campo. Nesses aspectos, Laplatine (1996, *apud* Macedo, 2000) argumenta que:

Praticando uma ciência social dos fatos miúdos e muitas vezes obscuros do dia-a-dia, a descrição etnográfica (*a escrita da cultura*), não consiste somente em ver, mas fazer ver, isto é, escrever o que se vê, procedendo à transformação do olhar em linguagem, exigindo-se uma interrogação sobre a relação entre o visível e o dizível ou, mais exatamente, entre o visível e o lizível. (Ibidem, p. 145).

Determinar se as práticas pedagógicas desenvolvidas no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – Portal da Família, representam mudanças, enquanto ruptura paradigmática tradicional, requer uma observação sistemática dessas práticas cotidianamente.

Assim, faz-se necessário, na prática etnográfica do etnopesquisador, adentrar no campo de pesquisa com um olhar aguçado, objetivando entender os acontecimentos mediante a observação participante, observar os acontecimentos de dentro, participar do contexto observado, em todo o processo da pesquisa.

Essa convicção é corroborada por Macedo (2000), quando expõe:

A indicação irremediável de ir a campo para presenciar e captar os significados das práticas, as recomendações insistentes de se mergulhar nas interações, emergindo com a noção de mundo construído, de construções intersubjetivas, o entendimento de que a ordem social não pode ser constituída senão por sujeitos/atores concretos, dotados de uma inteligibilidade culturalmente mediada, mobilizam para o processo de conhecimento das realidades educacionais uma démarche científica que entendo ser a possibilidade única de um verdadeiro encontro com as artes, as obras e os universos simbólicos nelas imbricados, e que, cotidianamente, edificam-se nos âmbitos das realizações educacionais. (MACEDO, 2000, p. 141).

Dessa forma, Macedo defende que não é um simples olhar simplesmente descritivo que produzirá resultados tão significativos, mas uma observação fundamentada na etnografia crítica que poderá acender as mudanças pedagógicas capazes de causar a “inovação pedagógica”.

3.3 Instrumentos e Técnicas utilizados na pesquisa

3.3.1 Observação participante

Nessa pesquisa foram utilizados recursos metodológicos que visam entender e interpretar os significados e representações que os atores sociais dão aos fenômenos existentes, na compreensão de sua realidade. A esse respeito, Lapassade (2005) argumenta sobre a coleta de dados e a importância dos instrumentos e técnicas utilizados no decorrer da pesquisa, pontuando como a principal técnica, a observação participante.

Os dados coletados, ao longo dessa permanência junto das pessoas, provêm de muitas fontes e, principalmente, da “observação participante” propriamente dita (o que o pesquisador nota, “observa” ao vivo com as pessoas, compartilhando de suas atividades), das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, do estudo dos documentos oficiais e dos documentos oficiais. (LAPASSADE, 2005, p. 69).

O estudo, aqui apresentado, utilizou a observação participante e a entrevista semi estruturada com um roteiro flexível de questões abertas e fechadas, como técnicas fundamentais de coleta de dados. Além disso, outros instrumentos como: diário de campo, conversas informais, coleta e análise de documentos e imagens, fotografias e outros recursos que foram surgindo mediante observação durante o processo de investigação, contribuíram com a obtenção de informações que auxiliaram no alcance dos objetivos desta pesquisa.

Os dados colhidos sistematicamente pelas observações e relações estabelecidas no campo foram registrados no diário de campo e interpretados numa visão holística, procurando sempre atender as várias subjeções de cada sujeito.

É pertinente também ressaltar que o adequado convívio que estabelecemos com todos os envolvidos na investigação, incidiu da postura acessível e ética que mantivemos durante toda a permanência em campo, o que nos proporcionou, além da boa convivência e confiança, a captação de dados indispensáveis a esta pesquisa mediante a observação participante. De fato, a observação participante “possibilita a interação dos envolvidos, pesquisador e pesquisados, formando um elo na construção do conhecimento produzido”. (LAPASSADE, 2005). Por ser

uma técnica primordial à pesquisa etnográfica, foi adotada, neste estudo, para olhar atentamente todas as situações em plena interação cotidiana.

Essa técnica possibilita ao investigador descrever e ao mesmo tempo, compreender a maneira como os indivíduos interagem no contexto social. Assim, os argumentos de Macedo (2000) reforçam as palavras de Lapassade quando diz que:

Sabe-se que é inerente à observação direta de características qualitativas chegar o mais perto possível da perspectiva do sujeito, tentando apreender sua visão de mundo ou mesmo dos significados que atribuem à realidade, bem como às suas ações. A experiência direta compreendendo, é sem dúvida, o melhor “teste de verificação” da ocorrência de um determinado fenômeno. (MACEDO, 2000, p. 151).

Continua Macedo (2000),

É notório como a *observação participante*, exercitada de início como predominantemente um recurso metodológico, adquire, *a posteriori*, um tal *status* a ponto de atrair para si uma densidade teórica que transcende uma simples posição de recurso em metodologia. (p. 153).

Neste veio, é pertinente afirmar que a observação participante permite vivência *in lócus*, autonomia de visão e postura crítica, pois o pesquisador observa os atores no seu espaço, buscando compreender, interpretar e analisar os fenômenos tal como eles se revelam espontaneamente, usando a linguagem verbal e não-verbal, o que possibilita uma melhor compreensão dos fatos observados.

O texto não-verbal, não substitui o texto verbal, eles se completam, dando maior abrangência de significados. De acordo com Ferrara, 1988 *apud* Macedo, 2000,

[...] o texto não-verbal supõe uma recepção que ousa ultrapassar os limites da alfabetização verbal para acreditar na sua possibilidade de ver, através de fragmentos informacionais, um texto que não é outra coisa senão o reflexo de outros textos, inclusive verbais, já armazenados na memória e veiculados pelos sentidos. (FERRARA, 1988 *apud* MACEDO, 2000, p. 184).

A observação participante foi escolhida por causa da profundidade de informações que pode ser alcançada pelo pesquisador que se encontra em interação com o seu objeto de pesquisa. Em consonância com Macedo (2000, p. 154), “[...] o envolvimento deliberado do investigador na situação da pesquisa é não só desejável, mas essencial, por ser esta forma a mais congruente com os pressupostos da OP”.

Nesse tocante, buscou-se através da observação participante, compreender as práticas pedagógicas do Projeto de Convivência na Terceira Idade, desenvolvidas no CRAS. Segundo Macedo (2009),

Uma das origens da palavra *compreensão* vem do latim *praetenere*. Neste sentido, *compreender é aprender em conjunto, é criar relações, englobar, integrar, unir, combinar, conjugar* e, com isso, qualificar a atitude atenta e de discernimento do que nos rodeia e de nós mesmos, para apreender o que *entrelaça* elementos no espaço e no tempo, cultural e historicamente. (MACEDO, 2009, p.87).

Segundo André (2012, p. 28), “a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado,” o que possibilita uma maior interação entre os atores participantes. Complementa Fino (2003),

[...] esta metodologia habilita o investigador a um contacto muito estreito e prolongado com a realidade que se propõe estudar, e a circunstância de poder vir a ser “adaptado” pelo grupo social que estuda como uma espécie de novo membro abre-lhe portas para desse grupo onde, afinal, a cultura se gera e se partilha. (FINO, 2003, p. 11-12).

Em razão disso, é preciso adentrar no campo de pesquisa com postura de pesquisador interessado em ouvir e construir uma confiança recíproca de honestidade, possibilitando uma etnografia densa e válida, no estudo de uma realidade, conseguindo compartilhar intensamente as experiências dos sujeitos. Enfim, é necessário enfatizar que o processo de observação não se configura em um ato mecânico de registro. Exigem, do pesquisador, compromisso e responsabilidade na análise e compreensão dos fatos que se revelam no decorrer da pesquisa.

A Frequência ao Centro de Referência da Assistência Social - CRAS – Portal da Família, ocorreu no período de junho de dois mil e dezessete a outubro de dois mil e dezoito. Sendo necessário também observar, nesse mesmo período, em outros locais como o Clube Pilar, Círculo de caminhadas, Praça de Convivência, Quadra da Escola Márcia Cardoso da Silva, Ruas de Pilar, Feira Livre da cidade e acompanhar alguns retiros fora de Pilar.

Procurando manter a postura de investigador participante, interagimos com os atores da pesquisa em vários ambientes do CRAS e fora deste.

Nesse período de observação participante, que durou 13 meses, compreendendo os meses de junho, julho, agosto, setembro, outubro e novembro de 2017 e março, abril, maio, junho, julho, agosto, setembro e outubro de 2018, duas vezes por semana, de acordo com o horário dos

encontros/aulas no CRAS, foi possível observar e analisar o papel e o desempenho de cada indivíduo, idosos, professora orientadora e demais membros do CRAS que estão diretamente ligados ao Projeto de Convivência na Terceira Idade diante do complexo conhecimento que engloba as atividades, afinidades e conteúdos formados, reorganizados ou alterados, diante da prática das relações e conexões que compõem o seu cotidiano.

Os registros foram feitos no diário de campo, a fim de não desfalcar nenhuma informação que possa vir a ser de suma importância na saturação dos dados.

3.3.2 Entrevista semi estruturada

A Entrevista foi outro recurso metodológico estruturante da pesquisa e, por ser aberta e flexível, permitiu-nos utilizá-la dentro e/ou fora de campo, em meio à observação ou em alguma conversa com os atores participantes. Ela tem como forte aliado a linguagem que intermedeia a inquietação da realidade, não se reduzindo apenas à noção de verbalização, e sim, a uma variedade de gestos e expressões que colaboram para a compreensão das práticas cotidianas.

Embora a nossa entrevista fosse semi estruturada com um roteiro flexível de questões abertas e fechadas, apresenta as vantagens da entrevista etnográfica que, segundo Lapassade (2005, p. 79) proporciona uma grande interação entre os sujeitos envolvidos, pondo “[...] face a face duas pessoas cujos papéis são definidos e distintos: o que conduz a entrevista e o que é convidado para responder, a falar de si.” Nesse contexto, Macedo (2000) também dá a sua contribuição falando sobre a importância da entrevista em uma pesquisa etnográfica,

[...] a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico na apreensão de sentidos e significados e na compreensão das realidades humanas, na medida em que toma como uma premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação; o mundo é aquilo que pode ser dito, é um conjunto ordenado de tudo que tem nome, e as coisas existem através das denominações que lhes são emprestadas. (MACEDO, 2000, p. 165).

Nesse sentido, a entrevista, de maneira informal, possibilita ao investigador tomar conhecimento de episódios e de atividades que não são espontaneamente observáveis, contribuindo assim com o desenvolvimento da pesquisa.

É relevante afirmar que a natureza da direção de uma entrevista vai depender muito das estratégias que o pesquisador traz para o ato de pesquisar. Nesse tocante, Bogdan e Biklen (1994), evidenciam algumas informações gerais sobre a entrevista,

O que se revela mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente. Ouça o que as pessoas dizem. Encare cada palavra como se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo. Se a princípio não conseguir compreender o que o sujeito está a tentar dizer, peça-lhe uma clarificação. Faça perguntas, não com o intuito de desafiar, mas sim de clarificar. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 137).

Relativamente à entrevista não-estruturada, que integra esta investigação, os seus maiores benefícios são o fruto de diversos encontros e interações entre nós e os atores sociais, o que permitiu colher diversos testemunhos e interpretações dos investigados.

Em contributo ao exposto, Macedo (2000), nos orienta que:

Apesar deste carácter “não diretivo” da entrevista etnográfica, há necessidade de que se entenda que este tipo de recurso metodológico pode parecer não comportar nenhuma espécie de estruturação, mas, em realidade, o pesquisador deve elaborar uma estratégia pela qual ele conduz sua entrevista. Assim, a entrevista não-estruturada é flexível, mas também é coordenada, dirigida, e, em alguns aspectos, controlada pelo pesquisador, [...] Neste sentido, recomenda-se a realização de um roteiro flexível, onde a informação inesperada possa ser incluída. (MACEDO, 2000, p. 166).

Sendo assim, foi elaborado um roteiro flexível para as questões da entrevista, com tópicos que possibilitassem a recolha de dados, tanto qualitativos como quantitativos, dos 28 idosos e do corpo de profissionais que estão diretamente ligados ao Projeto de Convivência desenvolvido no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS.

O roteiro flexível foi elaborado com questões abertas e fechadas pois algumas perguntas fechadas carecem uma explicitação individual mais específica.

O guião da nossa entrevista dividiu-se em duas partes. Na parte I colocamos questões relacionadas com a identificação pessoal e com o nível económico de cada inquirido.

A parte II pautou-se por questões sobre a temática em estudo:

- I) Rede Social
- II) Autonomia física
- III) Expectativas futuras
- IV) Aprendizagem

V) Opinião pessoal

3.3.3 Diário de Campo

Outro instrumento de utilidade fundamental durante toda a pesquisa como recurso auxiliar da observação participante, foi o diário de campo. Segundo Brazão (2007, p. 299), “[...] o diário é um instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especificidades ao serviço dos investigadores.” O mesmo autor, continua especificando que,

[...] o diário pode também ser usado como método de colecta de dados, de descrição dos processos e estratégias da própria pesquisa e análise das implicações subjectivas do pesquisador; método de formação dos docentes, análise de práticas pedagógicas e desenvolvimento profissional e pessoal; método de intervenção-ação. (BRAZÃO, 2011, p. 299 *apud* BRAZÃO, 2007).

Nesse entendimento, anotou-se, dia a dia, no diário, tudo que foi observado durante todo o processo de pesquisa, os fatos internos e externos, os quais norteiam a análise crítica e criteriosa dos fenômenos observados ao longo da investigação, pautados em leituras de referência que respaldaram uma intensa reflexão epistemológica. Nesse contexto, Macedo (2000), relata sobre a importância do diário de campo, expondo que:

Ele descreve a *implicação* do pesquisador, contém detalhes da maneira como concebeu a pesquisa ao longo do processo de investigação, sobre a negociação de acesso ao campo de pesquisa, sobre a evolução do pesquisador ao longo dos seus estudos, sobre os fracasso e erros. (MACEDO, 2000, p. 172).

Diante desse contexto, é pertinente afirmar que o diário de campo é realmente um documento importantíssimo para o pesquisador. Ele foi de extrema utilidade na análise e interpretação dos dados coletados na pesquisa. Como declara Macedo (2000, p. 195), a prática constante do diário de campo, “[...] permite melhor nos situarmos nos meandros e nuances em geral descartados (nem por isso pouco importantes) da instituição pesquisa, naquilo que são suas características explícitas ou tácitas.” É de muita utilidade, principalmente, no momento de avaliar os resultados da pesquisa.

Portanto, neste estudo, o diário foi desenvolvido por uma escrita descritiva, com todas as referências (datas, hora, local, nome do observado, imagens), o que concebem ricos elementos

para a reflexão, captação de ideias e fatos do cotidiano para a construção da pesquisa. Entretanto, os elementos colhidos, durante nossa permanência no campo da investigação, foram registrados no diário de campo, o qual se encontra no Anexo 02 deste estudo.

3.3.4 Recolha de imagens

As imagens, que se apresentam como manifestação privilegiada do não-verbal, também são importantes na linha de construção da compreensão da realidade do estudo em questão. Macedo (2000) revela que:

O não-verbal não substitui o verbal, é bom que se diga, mas convive com ele, ou seja, as palavras ou frases que nele podem aglomerar-se perdem sua hegemonia logocêntrica para apoiar-se ou compor-se com o visual, sonoro, numa nivelção e transformação de todos os códigos. (MACEDO, 2000, p. 182).

Nesse entendimento, Duarte (2016, p. 203) complementa que “um exercício de observação acerca do que nos circunda leva-nos rapidamente, a aceitar a ideia de que a imagem invade e domina o nosso cotidiano; de que hoje tudo parece girar em torno da imagem [...]”.

Continua Duarte (2016) afirmando que “as imagens entram-nos pela retina adentro apenas por estarem no espaço em que estamos ou em que passamos rapidamente, quer queiramos ou não; elas atingem-nos e influenciam-nos, em menor ou maior grau, [...]”.(DUARTE, 2016, pp. 203 – 204).

Dessa forma, é prudente afirmar que, um complementa o outro, o texto verbal e o não-verbal se juntam dando sentido e significado na compreensão de um contexto transformando o próprio espaço em linguagem. Portanto, as imagens coletadas durante as observações foram registradas no diário de campo, o qual se encontra no Anexo 02 desta investigação.

3.3.5 Análise documental

Segundo Bell (2010, p. 103), “documento é um termo geral que designa uma impressão deixada num objeto físico por um ser humano”.

Em uma investigação convém verificar exatamente os tipos de documentos existentes no *locus* da pesquisa. Sabemos que existem várias fontes de investigação. Nesse tocante, Bell (2010, p. 103), expõe que, “a investigação pode envolver a análise de fotografias, de filmes, de vídeos, de diapositivos e de outras fontes não escritas, todas elas classificáveis como documentos, mas os tipos mais comuns de documentos na investigação educacional são impressos, [...]”.

Recorrendo a Bogdan e Biklen (1994),

A análise de dados é o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.205).

De acordo com Macedo (2000, p. 202), a análise de dados coletados em uma etnopesquisa consiste no “exame atento e extremamente detalhado das informações coletadas no campo de pesquisa”.

Coletamos dados, através de vários instrumentos e a partir de várias pessoas da comunidade, nomeadamente o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social. Também realizamos várias consultas, tanto a documentos internos da Secretaria de Desenvolvimento Social (Criação do CRAS, importância para a cidade, Plano de atividades, etc.). E utilizamos documentos legais: Diário Municipal da Prefeitura, quanto à Secretaria do próprio CRAS Portal da Família, para coletar informações necessárias à caracterização do objeto e locus dessa pesquisa. Com eles buscou-se compreender e analisar o fenômeno e o contexto estudado de forma mais clara.

Foram ainda coletados e analisados os seguintes documentos: Estatuto do Idoso, documento que apresenta todos os direitos garantidos por Lei aos idosos brasileiros; Diário Oficial da Prefeitura Municipal de Jaguarari, documento que oficializa a criação da Unidade do CRAS e apresenta a sua importância para a cidade; alguns documentos internos da Instituição: Formulário de Inscrição do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos – SCFV, documento preenchido no ato da inscrição na Instituição; Parecer Técnico, documento de ordem psicológica; Cronograma das

Ações do CRAS – 2018, planejamento das atividades a serem desenvolvidas durante o ano letivo e as entrevistas realizadas com os buscados dessa investigação, o diário de campo com todas as anotações registradas nas observações.

Sendo assim, é pertinente afirmar que o processo de análise documental de uma investigação deve ser realizado através da conferência e interpretação dos dados coletados a partir de vários instrumentos, por intermédio da triangulação, o que torna os dados válidos e significativos.

3.3.6 Análise de conteúdo

Neste capítulo serão apresentados a análise dos dados coletados e as relações entre os procedimentos e instrumentos utilizados no decorrer da investigação.

Segundo Bogdan e Biklen (1994),

O termo *dados* refere-se aos materiais em bruto que os investigadores recolhem do mundo que se encontram a estudar; são os elementos que formam a base da análise. Os dados incluem materiais que os investigadores registram activamente, tais como transcrições de entrevistas e notas de campo referentes a observações participantes. Os dados também incluem aquilo que outros criaram e que o investigador encontra, tal como diários, fotografias, documentos oficiais e artigos de jornais. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.149).

Bell (2010, p. 179), acrescenta que “os dados recolhidos por meio de inquéritos, entrevistas, diários ou qualquer outro método pouco significado têm até serem analisados e avaliados”.

Em relação à interpretação dos dados das entrevistas, esta investigação implica uma análise por *categorias de codificação*, o que permite organizar os dados recolhidos, separando-os por classificação de características comuns. De acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 221), “As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...], de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados”.

Nesse entendimento, depois de transcritas e lidas de forma mais aprofundada, todas as entrevistas, destacou-se alguns temas e ideias centrais, ainda que provisórias; o que deu origem a uma matriz de análise de conteúdo das entrevistas, segundo o critério de unidade de sentido, elaborou-se uma

lista de categorias. “As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...], de forma a que o material contido num determinado tópicos possa ser fisicamente apartado dos outros dados.” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 221).

Nesse entendimento, após a coleta dos dados, demos início à organização e análise das informações recolhidas no campo investigativo.

A análise de conteúdo das entrevistas permitiu-nos agrupar as respostas em torno das seguintes categorias: Aprendizagem, Saúde, Autonomia física, Expectativas futuras, Troca de conhecimento, Doenças, Esporte, Lazer, Sonhos. É de acordo com esta aglutinação de conteúdos que os resultados das entrevistas com os idosos/alunos são apresentados.

Já os dados quantitativos são apresentados em forma de tabelas ou gráficos, em concordância com as suas características.

3.3.7 Análise e triangulação de dados

O processo de análise de dados consiste, segundo Biklen (1994),

[...] na busca de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objectivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. (BIKLEN, 1994, p. 205),

Assim sendo, após o trabalho de campo, e o acesso ao material coletado sistematicamente, deu-se início à interpretação dos dados, dentro de um rigor crítico e reflexivo, a fim de se poder responder as demandas que confirmem a proeminência da pesquisa. Ainda Biklen (1994, p. 205), assinala que “a análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros.”

Neste sentido, Bell (2010, p. 183), assinala que “os dados em estado bruto, provenientes de inquéritos, esquemas de entrevista, listas, etc., têm de ser registados, analisados e interpretados”. Só assim, os dados coletados, terão significado. Continua Bell (2010, p. 183), “Uma centena de

informações interessantes soltas não terá qualquer significado para um investigador ou para um leitor se não tiverem sido organizadas por categorias”. Nesse sentido, os dados quantitativos, resultantes das respostas obtidas nos inquéritos, desta pesquisa, estão apresentados por categorias, em gráficos ou tabelas, de acordo com suas características comuns.

Nestes termos, Macedo (2000, p. 202), afirma que “a análise é um movimento incessante do início ao fim, e que, em determinado momento, se densifica e forja um conjunto relativamente estável de conhecimentos, [...]”. Nesta linha de pensamento, Mendonça (2013, p. 45), enfatiza que “O conhecimento é reflexão sobre a informação, é capacidade de discriminação relativamente à informação que se possui, é capacidade de hierarquizar, de ordenar, de generalizar, de criticar, a informação que se recebe”.

Neste sentido, a união de várias fontes de dados, coletados a partir de instrumentos e com técnicas diferentes constituíram a triangulação, etapa final deste estudo.

Segundo Macedo (2009, p. 102), “a ideia de *triangulação* não significa fechar-se em três ângulos de compreensão, mas, acima de tudo, trabalhar com vários ângulos, ampliar os contextos de emergência do fenômeno que estudamos e enriquecê-lo também em compreensão.” Nesse contexto, Macedo (2009), ainda afirma,

[...] a *triangulação* é um dispositivo que dá um valor de consistência às conclusões da pesquisa, pela pluralidade de referências e perspectivas representativas de uma dada realidade com as quais trabalha; é um dispositivo totalmente orientado para a emergência da heterogeneidade. (MACEDO, 2009, p.103).

A triangulação foi efetivada por meio do cruzamento dos dados provenientes de métodos de recolha distintos, principalmente, a observação participante, as entrevistas, as narrativas escritas e as conversas informais. A junção dessas informações foi também firmada em várias ocasiões e etapas da pesquisa, o que oportunizou o seu cruzamento. A triangulação das informações recolhidas possibilitou também fazer o cruzamento dos dados advindos dos diferentes atores sociais nas várias ocasiões da pesquisa, onde a interpretação de todo o material coletado, juntamente com as leituras teóricas, permitiu fundamentar a interpretação final desse estudo.

3.4 Locus da investigação

Esta pesquisa foi desenvolvida no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS de Pilar – Portal da família, situado à Rua Baraúna, 1653, no Distrito de Pilar e em outros locais públicos, como a Praça de Eventos, no centro do Distrito, em Escolas, Igreja e também, em algumas localidades circunvizinhas do Distrito de Pilar, Cidade de Jaguarari, Bahia, Região Nordeste do Brasil. Tendo para contatos, o Telefone: (74) 3532 1026, e o E-mail: pilarcras@gmail.com.

3.4.1 Os sujeitos da pesquisa

Essa pesquisa foi desenvolvida com 28 idosos na faixa etária de 60 a 81 anos de idade e alguns profissionais do CRAS. O grupo dos idosos é constituído por 08 homens e 20 mulheres, que vivem em diferentes contextos, com diferentes situações familiares: casais, solteiros, divorciados, viúvos, alguns vivem sozinhos e outros vivem com outros membros da família.

Idosos esses, que participam ativamente das atividades propostas pela orientadora social, denominada por eles, como “professora” do Projeto.

Também fazem parte da pesquisa, alguns profissionais do CRAS que estão diretamente ligados aos idosos: o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, a Assistente Social, a Coordenadora do Projeto, as Psicólogas que fazem o acompanhamento e a Orientadora Social, amigos colaboradores, palestrantes, enfim, todos que de alguma forma, contribuem com o desenvolvimento do Projeto de Convivência na Terceira Idade, desenvolvido no CRAS Portal da Família de Pilar.

3.4.2 Procedimentos éticos

Todos os procedimentos éticos são imprescindíveis para a realização de uma investigação de qualidade. Nesse tocante, a ética constitui uma questão essencial e obrigatória no decorrer de uma investigação, pois, garante a participação e envolvimento de todos os indivíduos. De acordo com Macedo (2000),

Uma das questões cruciais inerentes às pesquisas participantes é o acesso ao campo de pesquisa. Faz-se necessário um trabalho hábil, honesto e franco de persuasão e de relação de confiança onde, em geral, problemas éticos estão envolvidos e deverão, com cuidado, ser abordados por pesquisadores e pesquisados. (MACEDO, 2000, p. 158).

Nesse entendimento, Bell (1993) relata sobre os passos que devemos realizar antes de iniciar a recolha de dados, para a pesquisa, mostrando a necessidade de esclarecimento dos nossos objetivos perante aqueles que são objeto de pesquisa e a permissão para que os dados obtidos sejam utilizados no estudo. “Há quem sugira que se devia pedir aos inquiridos que assinassem uma cópia de um exemplar do protocolo antes de a entrevista começar, como sinal de que percebem e concordam com todas as condições.” (BELL, 1993, p. 55).

Ainda sobre ética da investigação, Bell (1993) traz a contribuição de Blaxter, et al, 1996,

Uma investigação conduzida de forma ética envolve o consentimento informado das pessoas que vão ser entrevistadas, questionadas, observadas, ou ainda junto de quem vão ser recolhidos materiais. Fazem parte do processo os acordos relativo ao uso dos dados e à forma como a sua análise vai ser comunicada e difundida. (BELL, 1993, p. 56, *apud* BLAXTER, et al, 1996, 146)

Além das contribuições dos autores citados acima, Pimentel (2009) *apud* Macedo (2009, p. 150), ressalta que “olhar, ouvir e conversar associados aos registros dos diários de campo e nos textos sínteses da experiência vivida remetem ao desafio ético de inscrever nas narrativas escritas os significados produzidos nas experiências de trocas ao longo da investigação”.

Para que essa investigação fosse possível, tivemos que efetuar autorizações, “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, de modo a obter a aceitação dos membros das respectivas instituições envolvidas com o Projeto de Convivência da Terceira Idade desenvolvido no Centro de Referência de Assistência Social - CRAS, Portal da Família, assim como dos idosos partícipes e colaboradores.

Assim, fica claro que o respeito pelas pessoas e pelo direito de eles decidirem livremente se participam, ou não, com todo o conhecimento de causa no estudo, é algo que o investigador deve resguardar e respeitar no processo de investigação.

3.4.3 Procedimentos de recolha de dados

Os instrumentos utilizados para a realização desta pesquisa, nortearam todo o processo de recolha de dados, orientando todo o nosso estudo de caso, assim como o desenvolvimento das fases seguintes, sendo privilegiada a observação e a postura de cunho etnográfico, o que nos permitiu ao investigador interagir com os sujeitos pesquisados, *in lócus*, partilhando o seu cotidiano.

Nesta linha de pensamento, Macedo (2000), evidencia que:

[...] a tarefa do estudo científico deve, acima de tudo, levantar compreensivamente o véu que cobre a área ou a vida das pessoas e dos grupos que alguém se propõe a estudar. Isso pode ser efetuado mediante uma aproximação com a área, e de uma escavação profunda através de um estudo cuidadoso. (MACEDO, 2000, p. 144).

Portanto, durante o processo de pesquisa, com os idosos, dentro e fora de campo, foram utilizados vários recursos de coleta de dados com a sua autorização. Iniciou-se com a observação participante, pois, ela permitiu a interação constante do pesquisador com os sujeitos do estudo. Durante todo o desenrolar da pesquisa, usou-se o diário de campo, registrando-se todos os detalhes observados, seja em conversas formais ou informais, palestras, apresentações, descrição do ambiente e até mesmo expressões faciais.

Também foram utilizadas as entrevistas aos idosos e a alguns profissionais do CRAS, essencialmente, o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, a Assistente Social, a Coordenadora do Projeto, as Psicólogas e a Orientadora Social, que age diretamente com os idosos, que possibilitaram aprofundar as questões e esclarecer também as dúvidas. Foi feita uma coleta de documentos e imagens, no ambiente da pesquisa; foram tiradas várias fotos de atividades desenvolvidas no CRAS e fora deste, como registro de todos os eventos, apresentações e atividades desenvolvidas com os membros envolvidos no Projeto de Convivência na Terceira Idade, no Distrito de Pilar, Jaguarari, Bahia.

Posteriormente procedeu-se à compilação, apresentação e análise de todos estes dados recolhidos, que seguidamente se apresentam na Parte III deste trabalho escrito.

PARTE III - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

4 Caracterização do contexto de estudo

A presente pesquisa foi desenvolvida no CRAS Portal da Família do Distrito de Pilar. Distrito este, localizado no interior da Bahia, pertencente ao município de Jaguarari.

Jaguarari do Estado da Bahia. Os habitantes se chamam jaguararienses. O município se estende por 2 456,6 km² e contava com 30 342 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 12,4 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Senhor do Bonfim e Campo Formoso, Jaguarari se situa a 25 km a Norte-Oeste de Senhor do Bonfim a maior cidade nos arredores. Situado a 636 metros de altitude, de Jaguarari tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 10° 14' 37" Sul, Longitude: 40° 11' 4" Oeste. (JAGUARARI, 2016).

Dentro deste cenário geográfico, situa-se o Distrito Pilar. Localizado a aproximadamente 70 Km da sede na BA 314, projetado pela Empresa Caraíba Metais, hoje Mineração Caraíba S/A, empresa mineradora de cobre.

O Distrito Pilar nasceu há mais de 30 anos, como Núcleo Residencial para atender ao funcionamento da Mineração Caraíba, uma das maiores produtoras de Concentrado de Cobre do Brasil. Como consequência do próprio desenvolvimento local, o Núcleo passa a ser uma comunidade aberta e se torna o mais importante Distrito do Município de Jaguarari, não só pelas suas excelentes condições urbanísticas como pela sua pujança econômica e cultural. (PILAR, 2014).

Foto 1. Praça Ariomar Rocha - Centro do Distrito de Pilar



Fonte: Distrito de Pilar, 2018.

O Distrito de Pilar conta com um comércio forte e diversificado com mais de 150 estabelecimentos comerciais. Entre eles, três postos de combustíveis, supermercados, pousadas, hotéis, academias de ginásticas, lojas, distribuidoras de bebida e gás e muitos outros estabelecimentos. O Distrito também tem agências do Banco do Brasil e Bradesco, Casa Lotérica, Caixa Econômica, Agência dos Correios e um Cartório. Tem também um campo de aviação e um Centro de Reabilitação, “Fazenda Renascer”, para dependentes de drogas.

No quesito educação, proporciona ensinamentos primário, médio e superior virtual, em escolas particulares, estaduais e municipais além de uma biblioteca pública. Também oferece Cursos Técnicos nas áreas de Mineração e Administração. E na área de lazer, conta com dois clubes com piscinas, sauna, academia, campos de futebol e quadras poliesportivas e um Estádio de futebol inativo. A nível de serviços de saúde, a população conta com postos de saúde, uma sala de estabilização, academia da saúde, Policlínica, Consultórios dentário, Clínicas de fisioterapia, laboratórios de análises clínicas e inúmeras farmácias.

Também tem um Hospital parcialmente inativo e um cemitério vertical. O distrito também tem várias instituições como o Sindicato dos trabalhadores e a Instituição do CRAS, onde se desenvolveu essa pesquisa.

O Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, situado no Distrito de Pilar, denominado Portal da Família, teve sua inauguração no dia 22 de abril de 2010. Sua estrutura consta de uma recepção: Transição, espera, acolhimento e atendimento inicial a famílias e indivíduos; uma sala de atendimento: Entrevista com famílias e indivíduos pela equipe técnica (psicóloga e assistente social); duas salas multiuso de amplo espaço: grupos sócio assistenciais, oficinas de reflexão e convivência, palestras e reuniões; uma sala da coordenação: Atividades administrativas e Programa Bolsa Família: registro de informações, produção de dados, arquivo de documentos, alimentação de sistemas de informação e reuniões técnicas.

Tem também uma copa: Preparo de lanches oferecidos aos usuários e para uso da equipe de referência do CRAS; quatro banheiros: Sanitários para uso coletivo e sanitários com acessibilidade, para uso de pessoas com deficiência; dois almoxarifados: Depósito de material destinado às atividades de reflexão e convivência; uma grande garagem com cobertura: guarda do carro do serviço; Jardim interno (decorativo) e fundos.

Foto 2. Inauguração do CRAS no Distrito de Pilar



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2017.

4.1 Recursos humanos da instituição

O Centro de Referência da Assistência Social – CRAS de Pilar – Portal da Família, conta com uma equipe multidisciplinar, sendo: uma recepcionista, uma Orientadora Social, que exerce o papel de professora, na mediação do trabalho com os idosos, uma Coordenadora, duas Psicólogas, uma Assistente Social, uma Técnica do Bolsa família, uma Cadastradora do bolsa Família, uma Auxiliar de Serviços Gerais, e um Motorista.

Também fazem parte desse estudo, o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, que mostra preocupação com as famílias que são atendidas pelo CRAS. Empenha-se pelo funcionamento das unidades interligadas ao CRAS e pelo conforto para as crianças, jovens e idosos que dele participam.

Ele também administra as unidades oferecendo material didático, orientação pedagógica, transporte para os retiros e merenda para os encontros; a Coordenadora Pedagógica, uma jovem confiante no trabalho que desenvolve junto ao CRAS; a Orientadora Social, uma senhora comprometida com o bem estar dos idosos; preocupa-se em mantê-los informados de seus direitos, proporciona palestras que os orienta no campo da saúde, higiene com o próprio corpo,

auto estima, levando-os a interagir na sociedade em que moram e localidades circunvizinhas, objetivando proporcionar uma vida mais saudável e digna; e todo o corpo de funcionários da Unidade que trabalham em prol de ajudar, no que for possível, as pessoas da comunidade.

Ainda participam dos encontros do Grupo de Convivência com os idosos, pessoas mais jovens da comunidade ou familiares, que se contagiam com a alegria e entusiasmo dessa turma da Terceira Idade.

4.2 Perfil dos sujeitos

Constituem sujeitos deste estudo, vinte e oito idosos na faixa etária de sessenta a oitenta e um anos de idade e um grupo de profissionais que trabalham no CRAS Portal da família: o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, a Assistente Social, a Coordenadora do Projeto, as Psicólogas e a Orientadora Social que é denominada *professora* pelos idosos.

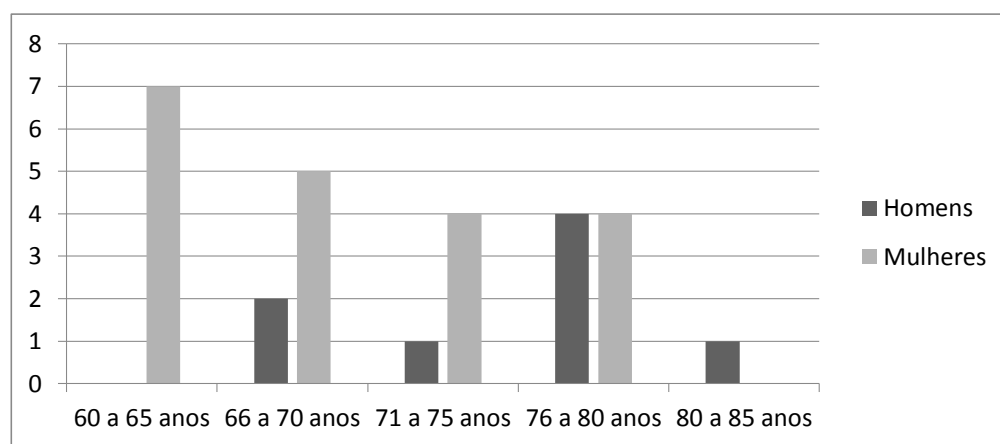
Foto 3. Atores sociais da pesquisa



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Os vinte e oito idosos dividem-se em oito homens e vinte mulheres, e as suas idades são diversas, compreendidas entre 60 a 81 anos, como apresenta o Gráfico 1. O gênero masculino possui maior idade que o gênero feminino, pois nenhum idoso tem menos de 65 anos de idade. E também, o Gráfico 1 nos mostra que apenas 1 homem tem idade superior a 80 anos.

Gráfico 1. Idade e gênero dos idosos



No Brasil, é considerado idoso todo e qualquer cidadão que tenha idade igual ou superior a 60 anos. Essas pessoas têm seus direitos assegurados no Estatuto do Idoso, tal como já explicamos no enquadramento teórico.

Os idosos pesquisados vivem em diferentes contextos e integram diferentes situações familiares, como descrito na Tabela 2 que explana o contexto familiar em que vivem. Ainda, permite verificar que nenhum dos idosos vive sozinho. Quando viúvos, optam por morar com outros membros da família. Sobre o gênero masculino, averiguamos que a maioria dos homens vivem acompanhados em situação de casal e apenas 1 é divorciado. E o gênero feminino, a metade das idosas vivem em situação de casal, 7 são viúvas e vivem com família, e ainda 3 são divorciadas e também vivem na companhia de familiares.

Tabela 2. Distribuição dos idosos pesquisados segundo o contexto familiar e gênero

Gênero e situação	Casal	Divorciado	Viúvo que vive com família	Viúvo que vive só
Homem	7	1	0	0
Mulher	10	3	7	0
Total	8	4	7	0

Os idosos envolvidos nesse estudo são na maioria, aposentados. Alguns obtiveram sua aposentadoria por tempo de serviço trabalhado, outros por terem alcançado a idade prevista para a aposentadoria, e ainda, uma das idosas recebe pensão por viuvez, como descrito na Tabela 3.

Tabela 3. Motivo da aposentadoria, de acordo com o gênero

Gênero e Aposentadoria	Tempo de contribuição	Idade	Pensão de viuvez	Auxílio doença / Invalidez
Homem	5	3	0	0
Mulher	1	11	1	0
Total	6	14	1	0

A Tabela 3 exemplifica como cada idoso alcançou a sua aposentadoria. E realça que a maioria das idosas pesquisadas, alcançaram a sua aposentadoria, após os sessenta anos, período relacionado à aposentadoria por idade; enquanto que a maioria dos homens, chegou ao período de aposentadoria, por tempo de contribuição, o que proporcionou a alguns, se aposentar antes dos sessenta anos.

Também fazem parte do grupo pesquisado, sete idosas, não aposentadas: três recebem benefício da Previdência Social, concedido aos idosos com mais de 65 anos, com uma renda familiar menor que $\frac{1}{4}$ do salário mínimo. Quatro idosas não conseguiram se aposentar por não ter contribuído com a Previdência Social e o salário do marido ultrapassar um salário mínimo, o que as impede de receber o benefício do LOAS - Lei Orgânica da Assistência Social (Lei nº 8.742/1993).

A Previdência oferece quatro tipos de aposentadoria para os seus segurados. A aposentadoria por idade, por exemplo, é concedida aos homens com 65 anos de idade

e às mulheres com 60 anos. Os trabalhadores rurais do sexo masculino se aposentam por idade aos 60 anos e as mulheres, aos 55. O tempo mínimo de contribuição é de 15 anos para os inscritos após 25 de julho de 1991. Se começou a contribuir antes desta data, são necessárias 144 contribuições.

No caso da aposentadoria por tempo de contribuição, são necessários 35 anos de contribuição para o trabalhador do sexo masculino e 30 anos para as mulheres. Algumas categorias, como a dos professores, têm um tempo de contribuição diferenciado (30 anos para os homens e 25 para as mulheres).

A aposentadoria por invalidez é concedida quando a perícia médica do INSS considera a pessoa totalmente incapaz para o trabalho, seja por motivo de doença ou acidente. Existe ainda a aposentadoria especial, destinada aos trabalhadores expostos a agentes nocivos à saúde, sejam físicos, químicos ou biológicos. (PREVIDÊNCIA, 2018).

Para que o trabalhador brasileiro tenha direito a uma dessas aposentadorias ou outro benefício qualquer do Instituto Nacional do Seguro Social - INSS, “é necessário que o trabalhador seja filiado à Previdência Social, contribua todos os meses e cumpra o período de carência exigido para cada benefício”.

No Brasil, as pessoas acima de 65 anos que nunca contribuíram com a Previdência Social, sendo deficientes ou tendo uma renda familiar menor que $\frac{1}{4}$ do salário mínimo, como no caso de três idosas da pesquisa, podem contar com o Benefício de Prestação Continuada da Lei Orgânica da Assistência Social - BPC/Loas.

A Previdência Social mantém um grupo de benefícios assistenciais a idosos com mais de 65 anos e pessoas que tenham deficiência, desde que a renda familiar, em ambos os casos, seja menor que $\frac{1}{4}$ do salário mínimo. Trata-se do Benefício de Prestação Continuada da Lei Orgânica da Assistência Social (BPC/Loas), no valor de um salário mínimo. Para ter direito ao benefício não é necessário ter contribuído para a Previdência. (BRUMANO, 2014, sp.).

Tabela 4. Idosos que beneficiam do BPC/Loas, de acordo com o gênero

Benefício Assistencial - BPC/Loas	Valor Absoluto	Porcentagem
Homem	0	0%
Mulher	3	15%
Total	3	15%

A Tabela 4 nos apresenta que dos 28 idosos pesquisados, 3 recebem o benefício Loas e são todos do gênero feminino.

Ainda sobre o quesito aposentadoria, foi constatado que a maioria dos idosos pesquisados, usufruem de uma renda mensal entre R\$900,00 (novecentos reais) e R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais), o que corresponde ao salário mínimo no Brasil. Outros têm uma renda mensal um pouco maior, entre R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais) e R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), o que os obriga a fazer alguma atividade extra para complementar os seus orçamentos, como relatou o Sr. Miguel, em uma de nossas conversas:

Minha filha, a situação é feia! Com o que a gente recebe de aposentadoria, não dá pra suprir todas as nossas necessidades. As coisa estão muito caras. [...] Sem falar nos remédios que temos que comprar, porque são poucos que o governo doa. Nessa situação, temos que fazer algum “Bico”, trabalhos particulares, para complementar a nossa renda. (Fonte: Diário de Bordo, Observação do dia 13 Jul. 2018).

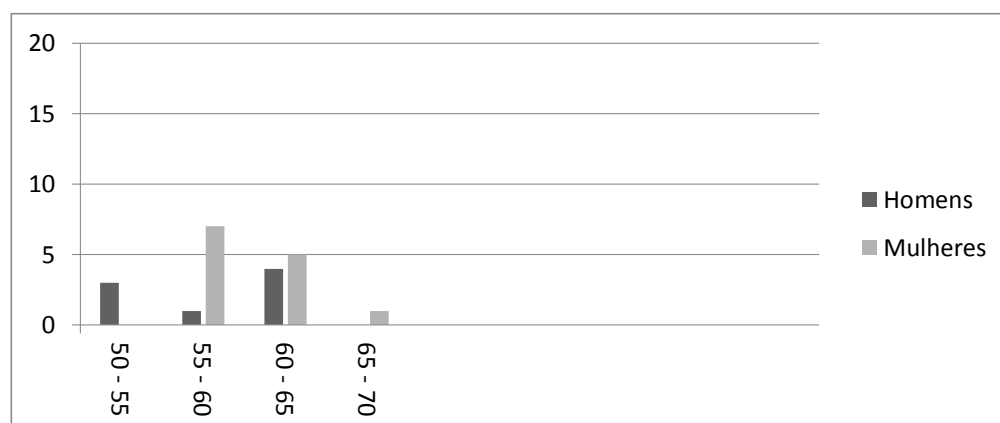
Comparando a renda mensal dos idosos dessa pesquisa, 8 homens e 20 mulheres, constatamos que no sexo masculino, 62,5% recebem uma renda mensal entre R\$900,00 (novecentos reais) e R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais), enquanto que no sexo feminino, essa renda corresponde a 60%. Aqueles que possuem uma renda mensal um pouco maior, entre R\$1.500,00 (um mil e quinhentos reais) e R\$2.500,00 (dois mil e quinhentos reais), são 37,5% do público masculino e 20% do público feminino, como nos mostra a Tabela 5.

Tabela 5. Valor da renda mensal, segundo o sexo

Valor da aposentadoria	Valor Absoluto		Porcentagem	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Entre R\$900,00 e R\$1.500,00	5	12	62,5%	60%
Entre R\$1.500,00 e R\$2.500,00	3	4	37,5%	20%
Acima de R\$ 2.500,00	0	0	0%	0%

Através do Gráfico 2 verificamos que o gênero masculino alcançou suas aposentadorias com idade menor que o gênero feminino. Três dos oito entrevistados obtiveram as aposentadorias com idade entre 50 e 55 anos, um deles, entre 55 e 60 e os outros quatro, a partir dos 60 anos de idade. E o gênero feminino só alcançou a aposentadoria após os 55 anos de idade. Entre 55 e 60 anos, foram relatadas sete das idosas; entre 60 e 65 anos, cinco delas e a partir de 65 anos de idade apenas uma.

Gráfico 2. Idade que os idosos alcançaram a aposentadoria, segundo o gênero



Os idosos dessa pesquisa, possuem vida ativa. Eles, depois de aposentados, continuam exercendo várias funções como: Marceneiro, Mecânico, Costureira, Artesã, Comerciante, Marchante, e Agricultor, mas a maioria das idosas, são Domésticas; desempenham funções diárias em suas próprias casas e ainda realizam algumas atividades sociais em alguns grupos da igreja. Outros idosos trabalham na Horta Comunitária, onde produzem hortaliças para o seu próprio consumo e também praticam a venda de seus produtos.

Tabela 6. Atividades desenvolvidas pelos idosos – Gênero masculino

Profissões	Homens	Porcentagem
Agricultor	1	12,5%
Marceneiro	1	12,5%
Marchante	1	12,5%
Mecânico Industrial	3	37,5%
Operador de Máquinas	2	25,0%

A Tabela 6 nos apresenta que, dos cinco homens que se aposentaram por tempo de contribuição, 37,5% exerceram a profissão de mecânico industrial e 25% a profissão de operador de máquinas, enquanto que 12,5% exerceram as profissões de agricultor, marceneiro e marchante.

Tabela 7. Atividades desenvolvidas pelas idosas

Profissões	Mulheres	Porcentagem
Agricultora	3	15%
Ajudante de cozinha	3	15%
Artesã	1	5%
Balconista	1	5%
Comerciante	1	5%
Costureira	2	10%
Doméstica	7	35%
Serviços Gerais	2	10%

A Tabela 7 permite constatar que profissionalmente, a maioria das idosas sempre desempenharam o papel de doméstica, trabalhando somente em seus lares, cuidando dos filhos, marido e casa; e que as profissões de agricultora e ajudante de cozinha foram cada uma delas praticadas por 3% das pesquisadas. Ainda 20% das idosas, se subdividem nas profissões de costureira e serviços gerais, enquanto que apenas 10% das entrevistadas, cumpriram a função de balconista e comerciante.

Quanto ao grau de instrução, podemos perceber que o gênero feminino se destaca em relação ao gênero masculino em todos os níveis de ensino.

Tabela 8. Grau de instrução segundo o gênero

Grau de instrução	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Fundamental I	4	11	53%
Fundamental II	2	3	17%
Ensino Médio	1	2	10%
Nunca estudou	1	4	17%

A Tabela 8 permite constatar que mais da metade dos entrevistados só possui o Ensino Fundamental I. Confrontando o nível de escolaridade do gênero masculino com o feminino, notamos que a metade dos homens entrevistados, o que corresponde a 4 sujeitos, estudaram somente as séries iniciais, correspondentes ao Ensino Fundamental I; 2 deles estudaram um pouco mais, alcançando o Ensino Fundamental II, e apenas 1 deles, concluiu o Ensino Médio; e ainda, um outro, declarou nunca ter estudado.

Relativamente ao sexo feminino, 11 das 20 idosas entrevistadas, estudaram apenas as séries referentes ao Ensino Fundamental I; 3 delas, alcançaram o Ensino Fundamental II; 2 estudaram até o Ensino Médio e 4 declararam não ter tido a oportunidade de estudar, como comentaram as senhoras D. Valdelice e D. Maria, idosas, partícipes do grupo pesquisado,

Por mais que a gente quisesse ir à escola, o pai não deixava. Em minha casa, meu pai mandava eu e meus irmãos pra roça logo cedo; só dava tempo tomar café e íamos todos pra roça. Quando chegávamos em casa, meu pai ficava “inventando” coisas pra nós fazermos e com isso, perder o horário de ir para a escola. [...] (Diário de Campo, Observação do dia 11 abr., 2018).

Completo D. Maria,

Lá em casa, só quem podia ir à escola, era meus irmãos. Meu pai dizia que mulher tinha que aprender a cuidar da roça e da casa, aprender a cozinhar, lavar e costurar. Eu só aprendi a ler e escrever depois que criei meus filhos. [...] Aqui no CRAS, o pessoal se preocupa em nos manter informados. Eles sempre trazem algum palestrante para nos ensinar alguma coisa. Nos orientam sobre como ter uma vida saudável e mais tranquila. Aprendo muito aqui, com a professora, com os palestrantes e também nas conversas com meus colegas. [...] (Diário de Campo, Observação do dia 11 abr., 2018).

Os idosos e seus familiares moram no entorno do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS. Os familiares dos idosos reconhecem que o CRAS é importante na vida dos idosos e os apoiam a participar. A comunidade de algum modo está ligada ao CRAS. Mesmo pessoas que não têm vínculos com o CRAS, reconhecem a importância da instituição dentro da comunidade.

Em conversa com pessoas da comunidade pude perceber que aprovam as atividades ali desenvolvidas. Certo dia, uma senhora, vizinha do CRAS, comentou:

É uma pena que meus pais não moram aqui. Se eles tivessem aqui, com certeza iam participar do CRAS. Eu admiro o jeito que esses idosos levam a vida, por aqui. Fico olhando quando eles chegam, às vezes, um sol quente de rachar, e avisto eles vindo, cada um com seu guarda-sol e sempre sorrindo. [...]. (Fonte: Diário de Bordo, Observação do dia 11 Maio, 2018).

4.3 Etapas e procedimentos da observação participante

Nesta parte do trabalho, serão delineadas as etapas desenvolvidas no processo da observação participante com os idosos partícipes do Grupo de Convivência do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS - Portal da Família, uma vez que a pesquisadora estava em contato

direto com os sujeitos estudados ao longo da pesquisa, observando e participando das suas atividades, observando suas manifestações, as situações vividas e registrando os elementos observados e as considerações que foram feitas ao longo dessa participação.

Os dados registrados nas observações de campo serão apresentados numa linguagem verbal e não-verbal, o que possibilita uma melhor compreensão dos fatos observados.

Nas observações, percebi a interação entre os discentes e a orientadora social, chamada de “minha professora” e o interesse e empolgação dos idosos no desenvolvimento das atividades propostas. Notei que a orientadora social preocupa-se com o bem-estar dos idosos, estimulando-os a sair da ociosidade e incentivando-os a participar dos eventos que acontecem na comunidade, os movimentos culturais, para que não fiquem só dentro de casa; a participar das atividades físicas diariamente, mostrando-lhes seus benefícios tanto para o corpo quanto para a mente.

Ela também os estimula a exercitar a sua mente, utilizando várias dinâmicas que os leva a pensar e debater certos assuntos. Incentiva-os a produzir vários tipos de artesanato, para que ocupem o seu tempo livre e não deem brecha à momentos de solidão.

Percebi também que eles, os idosos, são assíduos aos encontros do CRAS. Chegam sempre animados e participam ativamente das atividades sugeridas pela orientadora, contribuindo, tanto com materiais solicitados (material reciclável) para os encontros, como também, com muita atenção e dedicação aos trabalhos desenvolvidos, acrescentando a sua experiência de vida às aulas ministradas. Eles, os idosos, gostam de ouvir e ser ouvidos, respeitar o momento do outro falar. Observei que os idosos são muito criativos, aproveitam vários materiais que seriam jogados fora, para reciclar, transformando-os em objetos de enfeites ou utensílios para suas casas.

Observei também que no CRAS Portal da Família é valorizado a experiência de vida de cada participante, o que possibilita **a troca de conhecimentos entre eles**, facilitando a aprendizagem tanto dos discentes como também da professora que diz aprender muito com eles, os idosos. “Sou muito feliz em trabalhar com essa clientela. Aprendo muito com eles. Eles têm uma bagagem de conhecimento incrível! Às vezes, estou falando sobre algum assunto e quando percebo, eles sabem muito mais do que eu sobre aquele assunto”.

As observações, descritas abaixo, realizadas em 18 Jul. 2017 e 12 Set. 2018, respectivamente, realçam essa afirmação:

Neste encontro, observei que a orientadora, professora, preparou a sala para o encontro, com televisão, caixa de som e pen drive com vídeos e músicas dos anos 70, [...] e foi surpreendida com os comentários e o conhecimento que eles tinham sobre o assunto, suas roupas, os tipos de músicas e danças, os cantores que faziam sucesso, modelos de automóveis, tipos de namoro e o respeito que havia naquela época, os famosos anos 70.

Foi um encontro de trocas de conhecimento; os idosos interagiam entre eles e a professora, fazendo seus comentários, voltando no tempo, com suas lembranças. [...].

Na observação do dia 12 Set. 2018, com o Tema: Diversidade Cultural, foi preparada uma exposição de objetos antigos de várias localidades, trazidas pelos idosos, e após a exposição houve o sorteio da colcha coletiva de fuxico que havia sido produzida por todos, como descrito abaixo.

Nesse encontro, cada idoso trouxe um ou mais objetos antigos que representam a cultura da localidade de onde vieram, para exposição. Houve vários objetos diferentes, pois Pilar é um lugar construído por vários imigrantes de localidades circunvizinhas e também, bem distantes, como Natal, Aracajú, Salvador, São Paulo e até outros países como o caso da Itália, pessoas essas, atraídas para Pilar por conta do minério, cobre, aqui encontrado. Prepararam uma mesa bem bonita para a exposição dos objetos antigos, com uma frase em destaque: “Cultura é vida”.

Observei a satisfação no rosto de cada um quando apresentavam seus objetos e contavam suas histórias. Uma senhora, D. Marlene, apresentou um jeguinho feito de tecido com um homem em cima, criado por ela, simbolizando uma festa tradicional que acontece na cidade de Jaguarari, a “São Sil Jegue”. Ela explicou:

Quando pequena, minha mãe fazia bonecas de pano para nós brincar. Ela não tinha condições de comprar bonecas nas lojas. Ela fazia as bonecas e nós, eu e minhas irmãs, inventávamos as roupinhas. Eu tomei gosto e agora, invento todo tipo de boneco de pano. Inventei esse simbolizando a festa que é tradição em minha cidade. [...].

Outra senhora, D. Maria de Jesus, exibiu um tipo de bolsa conhecida como “aió”, feita de palha de sisal, produzida em Lajedo do Flamengo. Ela explicou todo o processo de fabricação e como lidar com a fibra de sisal. Disse que a bolsa é utilizada para levar alimentos para a roça, mas que ela tem vários tipos de serventia.

Eu trouxe esse modelo para apresentar a vocês, mas eu faço muitos outros. Fico inventando outros pontos e modificando as bolsas. Antigamente, essas bolsas faziam o maior sucesso. Nós íamos, nos dias de sábado, fazer a feira de frutas e verduras com ela. Faço de vários modelos e tamanhos. Algumas, eu deixo nessa cor natural, e outras, eu pinto de várias cores.

Foto 4. Aió - Bolsa de fibra de sisal



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

O senhor Miguel, morador antigo de Pilar, levou-nos algumas pedras de cobre representando a nossa riqueza de Pilar, e várias fotos antigas, onde ia se apoiando para contar a história do surgimento da nossa cidade. Falou-nos com detalhes, quem foram os primeiros moradores, quando Pilar ainda era uma fazenda e todo o processo de construção das casas; onde ficavam os primeiros trabalhadores, enquanto o distrito ia sendo construído; quais foram as primeiras escolas, onde os moradores iam fazer suas compras, como foi se desenvolvendo o comércio etc.

Foto 5. Pedras de cobre



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

E assim, por diante, foram acontecendo as apresentações. O senhor Francisco Almeida, levou uma carranca de madeira, representando a cultura da localidade de Flamengo. Ele explicou que o pessoal de Flamengo, sempre confeccionou belas carrancas, de vários tamanhos, e disse que são vendidas na beira da pista, para quem passa pela estrada.

Outra senhora expôs um chapéu, uma esteira e um abanador, tudo feito de palha e explicou todo o processo de produção e disse que aqueles objetos eram um dos meios de arrecadar dinheiro na localidade de Santa Rosa de Lima; outra senhora, D. Luzia, levou para apresentar, alguns objetos que produziu após algumas orientações que teve nos encontros do CRAS. Ela comentou, agradecendo à professora, por proporcionar aquele conhecimento a eles, os idosos.

Depois que eu aprendi a fazer fuxico e pétalas, também de fuxico, fico inventando umas coisinhas, de muita utilidade, lá em casa. [...] São coisinhas simples, mas tem um significado enorme. Tenho o maior orgulho de dizer que tudo começou aqui, no CRAS.

Outra senhora de Lajedo do Flamengo, D. Fátima, apresentou umas flores feitas de palhas de coqueiro, papel celofane, cola, tesoura e milho, e dispôs a ensinar como fazê-las em outro encontro. Ela explicou: “É muito fácil fazer flores. Cada arranjo que eu produzo, me vem a ideia de outro e mais outro modelo diferentes daquele que fiz. Passo tardes produzindo flores”.

Outra senhora de Pilar, D. Raimunda, exibiu vários objetos feitos de crochê, uma saia, duas camisetas, uma sandália e um sapato que ela mesma produziu e usa toda satisfeita, com o maior orgulho daquele feito. Após expor seus produtos, ela comentou: “Produzir artesanato é muito bom. Eu amo fazer crochê. Mas o que eu gosto mesmo é de inventar modelos de sapatos e sandálias. Esse aqui, que estou usando, fui eu quem fiz. Não tem outro igual”.

Foto 6. Sandália de crochê



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Nesse encontro percebi o respeito pelos colegas e a curiosidade dos idosos em cada objeto apresentado. Notei que houve uma troca de conhecimento entre eles.

Após a apresentação de cada objeto trazido pelos idosos, foi feito o sorteio da colcha coletiva de fuxico. A ganhadora da colcha foi D. Maria que ficou muito satisfeita e prometeu aos colegas: “Vou guardar essa colcha com todo carinho e sempre que pegar nela, vou lembrar de cada um de vocês. Por que vocês já fazem parte da minha vida.”

Foto 7. Idosos expondo a colcha coletiva



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Essas observações reforçam que o respeito e a valorização pelo conhecimento do outro, sua cultura, são realmente utilizados no cotidiano do CRAS, tanto pelos professores quanto pelos alunos.

Observamos, ainda, a preocupação em mantê-los informados sobre seus direitos e deveres e também os cuidados com a saúde física e mental, com o seu corpo, dentição e higiene pessoal, através de palestras com Profissionais da Saúde, do Serviço Social e Comunidade local e circunvizinhas.

Em relação a **manter os idosos informados**, menciono as observações dos dias 18 Jul. 2018, oportunidade em que aconteceu uma Palestra sobre O Estatuto do Idoso e dia 5 Out. 2018, outra Palestra com o tema: Outubro Rosa. Palestras essas, descritas abaixo:

No dia 18 Jul. 2018, a professora expôs sobre o tema a ser debatido, o Estatuto do Idoso e apresentou a psicóloga que iria passar o conteúdo para eles e tirar-lhes qualquer dúvida que surgisse sobre o tema. Foi entregue a cada idoso um folheto explicativo sobre o Estatuto do Idoso, e a psicóloga começou a conversar com eles, explicando-lhes os seus direitos como idosos; fazendo perguntas e exemplificando com situações do cotidiano. [...] A D. Marlene respondeu: “Eu entendi, professora, que nós temos direito de viajar para outros Estados, sem pagar nada. E também temos direito a vários medicamentos de graça. E outras coisinhas mais.” O idoso Francisco logo completou: “Uma coisa que eu gosto mesmo, nessa idade, é de não ter que pegar aquelas filas enormes”.

Nessa prática, pude observar que os idosos interagiram bastante com a psicóloga, absorvendo conhecimentos sobre os seus interesses e aproveitando para tirar as suas dúvidas sobre o assunto.

Na observação referente ao dia 5 Out. 2018, com a Palestra: Outubro Rosa,

[...] Foi combinado anteriormente que todos viessem de rosa. [...] Percebi que utilizaram alguns vasos com flores, produzidos pelos idosos para enfeitar o ambiente; o que os deixou muito felizes em ver que estavam valorizando seus trabalhos e fizeram questão de tirar fotos no local para registrar aquele momento. Notei que foram elogiados por aqueles trabalhos tão bonitos, o que os encheu de orgulho e fez com que D. Gislene me contasse sobre a história do seu jarro de flores que ali estava exposto.

Está vendo aquele vaso de flores no centro da mesa? Foi uma criação minha! Lembro que nós estávamos fazendo uma flores com retalhos de tecido e palito de churrasco, ali, em nossa sala de sala. Mas o tecido não foi suficiente pra fazermos tantas flores como queríamos. Então, lembro que [...] pedi as placas de ovos, [...] e fiz o experimento. Cortei uns cubinhos, coleí o palito e mostrei à professora, que ficou encantada em ver aquela ideia e foi logo mostrando a meus colegas o que eu estava fazendo [...]. E hoje, vejo minhas flores ali, enfeitando aquela mesa. Pra mim é um orgulho!

Elogiei o trabalho dela e fomos assistir à palestra que já iria começar.

Ednice, a enfermeira chefe do Postinho, iniciou a Palestra mostrando slides e fazendo comentários sobre como prevenir o câncer.

Foto 8. Idosos participando da palestra - Outubro Rosa



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Referente aos **cuidados com a saúde física e mental**, dos idosos, o CRAS Portal da Família conta com o apoio de alguns profissionais de Educação Física, que se voluntariam, sempre que requisitados, de quinze em quinze dias, para realizar uma atividade de dança com os idosos. Também duas vezes por semana, os idosos participam de atividades físicas, com um grupo de professores de Educação Física que realizam um projeto do Governo (Programa de Esporte e Lazer das Cidades _ PELC), aberto à comunidade e podem optar por participar pela manhã ou à noite. Como relatado na observação do dia 6 Abr. 2018, contida no Diário de Campo.

[...] a observação aconteceu na quadra da Escola Márcia Cardoso da Silva. [...] observei que quando os idosos chegaram à quadra da escola, já havia algumas pessoas da comunidade, que também participam dessas aulas na escola. [...] Iniciaram fazendo o alongamento e depois o professor pediu para que pegassem o cabo de vassoura para que realizassem algumas atividades físicas, seguindo seus comandos. Depois o professor realizou algumas dinâmicas de integração, com o uso de bolas e círculos desenhados no chão. [...].

Foto 9. Idosos praticando atividade física na Escola Municipal Márcia Cardoso



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

O comportamento dos idosos nas aulas de Educação física demonstrou claramente o interesse, o entusiasmo e empolgação com que eles realizam as atividades físicas ali orientadas.

É pertinente afirmar que os benefícios de atividades físicas, principalmente no público da terceira idade, são vários. Segundo Santos,

A atividade física na terceira idade ajuda a prevenir e a combater doenças como a hipertensão, derrames, varizes, obesidade, diabetes, osteoporose, problemas de coração e pulmões. Fortalece o sistema muscular, diminuindo o risco de quedas e facilitando os movimentos dos braços, pernas e tronco. Contribui para o aumento do apetite e reduz as dores. (SANTOS, 2016, sp.).

O site ainda acrescenta, “Deste modo, para além de contribuir para o bem-estar mental, ela melhora a autoestima, fortalece as relações sociais interpessoais e combate o isolamento”.

No tocante à **saúde**, os idosos são instruídos a procurar o postinho de saúde, regularmente e/ou sempre que sentirem algo estranho acontecendo com eles. A assistente social do CRAS, reserva três consultas semanais, no Posto de Saúde da cidade, para acompanhamento dos idosos e também convida o pessoal da saúde regularmente à comparecer ao Centro de Referência da Assistência Social, para aferir a pressão arterial dos idosos e conversar um pouco com eles, tirando suas dúvidas em alguns aspectos referentes à saúde. A observação do dia 9 Mar. 2018, evidencia essa preocupação com os idosos.

Nessa tarde, a professora [...] nos apresentou as enfermeiras do Posto de Saúde, que ali estavam, e tinham sido convidadas para aferir a pressão arterial dos idosos. [...] Após um belo papo com as enfermeiras, iniciou-se o processo de aferir a pressão arterial dos idosos, o que constatou que haviam dois idosos, ali, D. Marlene e o Sr. Francisco que estavam com a pressão altíssima, e mesmo assim, eles diziam que não estavam sentindo nada. Observei que as enfermeiras chamaram a professora e comentaram sobre os dois idosos que foram chamados em particular em outra sala e foram encaminhados ao posto de saúde. [...].

No que concerne aos **cuidados com o corpo, dentição e higiene pessoal**, são promovidas algumas palestras com o objetivo de informar os cuidados que devemos ter com o nosso corpo, para o bem-estar e prevenção de algumas doenças. Nas palestras, os idosos participam ativamente fazendo perguntas e dando exemplos de coisas que acontecem com eles ou alguém conhecido deles, como mostram as observações dos dias 11 Abr. 2018 e 9 Maio 2018,

[...] Logo a dentista, Dra. Nice chegou. A professora a apresentou e ela iniciou um bate papo com os idosos sobre Higiene Bucal. [...] Os idosos participaram fazendo perguntas no desenrolar da palestra. A Dra. Também aproveitou para falar de alguns hábitos de higiene com o nosso corpo. (Observação referente ao dia 11 Abr. 2018).

[...] Então, Monique, a psicóloga, entrou na sala, cumprimentou a todos e iniciou um bate papo de forma descontraída com eles; depois entregou um folheto “Dicas para Higiene Pessoal do Idoso” a cada um e pediu que alguém fizesse a leitura desse documento. D. Soledade, uma idosa do grupo, iniciou a leitura. A cada dica lida, havia os comentários. [...]. (Observação referente ao dia 9 Maio. 2018).

Referente ao quesito **lazer**, os profissionais do CRAS planejam várias atividades que proporcionam alegria e entusiasmo aos idosos. Quase todos os encontros tem dinâmicas de descontração e interação, e depois sempre há um momento para conversas sobre a mensagem transmitida através das dinâmicas, com exemplos da vida cotidiana.

Uma das observações que ilustra esse contexto, é a do dia 11 Abr. 2018.

No dia 11 Abr. 2018, [...] tivemos algumas dinâmicas de aconchego, interação e desenvoltura, que envolveram a todos de forma contagiante. A professora iniciou o encontro convidando a senhora Maria da Soledade para conduzir a oração do dia e depois pediu para que todos fizessem

um círculo no centro da sala, para dar início à dinâmica do “**Abraço cantado**”. [...] Deu-se início à dinâmica com todos cantando e repetindo os gestos solicitados: “**Levantar um braço; Levantar o outro; Dar um bamboleio no corpo; Balançar o pescoço; Olhar para o teto; Olhar pra o sapato; Escolher alguém e dar um abraço**”. [...].

Ainda sobre lazer, acontecem também os **retiros**, fora do espaço do CRAS, em Pilar ou em comunidades vizinhas, que muito empolga os idosos. Alguns deles, com objetivo de distração e outros com o objetivo de levar um pouco da nossa cultura para outras pessoas, de outras localidades, com apresentações culturais. Em alguns retiros, vão só os idosos de Pilar, em outros, eles convidam os idosos da comunidade vizinha, Santa Rosa de Lima, que estão sempre presente em eventos da comunidade local. As observações dos dias 16 Maio 2018 e 23 Jun. 2018, reforçam o comentário acima.

No dia 16 Maio 2018, [...] pude perceber bastante união e entusiasmo com as turmas da Melhor Idade de Pilar e Santa Rosa de Lima. [...] Na chácara, as professoras, de Pilar e Santa Rosa realizaram algumas dinâmicas de interação entre os sujeitos presente e depois foram para a piscina. Enquanto isso, o pessoal que foi para tocar um forró, já estava instalando seu material. [...].

No dia 23 Jun. 2018, os idosos foram apresentar a dança junina “Quadrilha” em Jaguarari. [...] observei que às treze horas, o pessoal já estava chegando ao CRAS, todos muito bem vestidos com roupas padronizadas. Observei que havia algumas mulheres vestidas de homens, porque o número de senhores é menor que o de senhoras, no grupo, e a dança junina, é realizada aos pares. [...] Em Jaguarari, houve várias apresentações culturais da cidade e localidades vizinhas. Os idosos de Pilar deram a sua contribuição apresentando a Quadrilha: “Bem viver”.

A turma de idosos do CRAS Portal da Família, costuma estar presente nos eventos da comunidade. Eles participam dos festejos com a maior animação. As observações dos dias 13 Jun. 2018, 15 Jun. 2018 e 7 Set. 2018, comprovam essas afirmações.

No dia 13 Jun. 2018, comecei a observação no CRAS e a terminei na feira livre de Pilar.

Foi um evento que movimentou a cidade. Um dia antes, o pessoal de apoio da Subprefeitura juntamente com outras pessoas da comunidade, foram lavar o ônibus e enfeitá-lo para esse forró. No dia 13 de junho, por volta das sete horas da manhã, o pessoal da subprefeitura, com um grupo

de sanfoneiros, foram no ônibus todo enfeitado, em clima de São João, pegar os idosos no CRAS. Saíram pelas ruas de Pilar, parando em alguns pontos estratégicos das ruas para dançar forró com o povo que ali se encontrava e depois foram para a feira livre onde ficaram por muito tempo, dançando forró [...].

No dia 15 Jun. 2018, minha observação se iniciou no CRAS e Terminou no Clube Pilar, onde aconteceram as apresentações juninas, como descrito abaixo.

A festa em comemoração ao São João do CRAS Portal da Família aconteceu no Clube Pilar, com a participação dos jovens e idosos da localidade de Santa Rosa de Lima. [...] Organizaram-se para a saída pelas ruas em direção ao clube. Observei que o percurso pelas ruas de Pilar foi muito divertido tanto para os idosos como para as pessoas nas ruas, que ficaram aplaudindo quando eles passavam. Chegaram ao clube na maior euforia.

Foto 10. Noivos da quadrilha andando de carroça pelas ruas de Pilar



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

No dia 7 Set. 2018, em comemoração à Independência do Brasil, pude observar o Desfile Cívico pelas ruas de Pilar. [...] Foram organizados os pelotões para dar início ao desfile. A turma do CRAS de Pilar, ficou com o Tema “Brasil de Todos os Ritmos”. Eles usaram uma blusa padronizada, com o desenho do mapa do Brasil, representando a cultura de cada região. A professora mandou costurar uma saia gigante, onde ela desfilou com a saia e alguns dos idosos, rodeados segurando a bainha da saia.

Foto 11. Idosos participando do Desfile Cívico pelas ruas de Pilar



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Ainda no quesito **lazer**, o que não pode ser esquecido e que eles realizam com a maior satisfação, onde aprendem e também ensinam, são as produções artesanais, consideradas por eles, realmente um lazer. No CRAS acontecem algumas oficinas artesanais, desenvolvidas por profissionais trazidos da comunidade local e circunvizinha, outras, pelos próprios funcionários e outras ainda, pelos próprios idosos do grupo de convivência. Para a realização dessas oficinas, a professora, conta com o apoio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e também arrecada materiais recicláveis para a realização dos artesanatos.

Nesse tocante, a professora os orienta a realizar as atividades em parceria com os colegas, onde um ajuda o outro com suas habilidades e incentiva-os a criar novos objetos que tenham utilidades no seu dia a dia, e trazer para apresentar aos colegas, os seus feitos. As observações dos dias 14 Nov. 2017 e 1 Ago. 2018, reforçam essas afirmações.

No dia 14 Nov. 2017, observei o processo de pintura em telha. [...] a professora falou aos idosos que eles iriam “liberar” a sua criatividade, fazendo um trabalho artesanal, uma pintura na telha, [...] Em meio à observação, percebi que duas senhoras, ao invés de pintar a telha, como a maioria dos colegas, resolveram fazer colagem; foram fazendo bolinhas de papel crepom e montando o desenho na telha, de forma colorida. Perguntei porque que elas não estavam pintando a telha, como a maioria dos colegas; e uma delas, D. Maria Ferreira, explicou: “A professora sempre nos orienta que não devemos fazer tudo totalmente igual. Que devemos inventar; usar da nossa imaginação”.

No dia 1 Ago. 2018, observei como se faz fuxico. [...] Antes de iniciarem os trabalhos, a idosa, D. Gislene, pediu licença à professora para mostrar uma caixinha que havia produzido, após as explicações de um encontro no CRAS, onde trabalharam com caixas de leite reutilizáveis. Ela comentou:

Adorei aquela ideia de reutilizar as caixas de leite. Quando cheguei em casa, naquele mesmo dia, fui pegar as caixas de leite, que eu ia jogar fora, lavei-as e fui tentar produzir alguma coisa com elas. Acabei inventando lindas caixinhas, que serviam para guardar objetos pequenos, joias, utensílios de costura, e até caixas de presente.

As idosas ficaram encantadas com a invenção de D. Gislene.

Foto 12. Caixinha feita de material reciclado



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Depois, deram início ao trabalho coletivo, onde os homens, ficaram com a missão de cortar os retalhos de tecido em pequenos círculos, para as mulheres ir fazendo os fuxicos. Percebi união entre eles e o respeito ao transmitir o conhecimento ao próximo, e a ajuda mútua. No final, foi recolhido um monte de fuxicos, de várias cores, que foram guardados pela professora, para depois que fizer mais, juntar todos e montar a tão sonhada colcha coletiva.

No CRAS Portal da Família, também são planejados, os jogos de mesa, como o dominó, o xadrez e o jogo dos palitinhos, para a distração dos idosos. Muitos deles, gostam de participar. Nem todos conhecem as regras dos jogos, mas a professora se encarrega de ajudá-los, como mostra a observação do dia 13 Jul. 2018.

[...] naquele momento iriam dar início aos jogos de dominó e xadrez e convidou a todos para que se dirigissem ao pátio, onde já estavam postas as mesas para o jogo de dominó. Observei que nem todos sabiam as regras do jogo e a professora foi selecionando aqueles que sabiam jogar, com os

que ainda não sabiam, para uns ir ensinando as regras do jogo aos outros, e assim, eles passaram o restante do horário.

Foto 133. Idosos jogando dominó



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

O CRAS também proporciona algumas festinhas relacionadas às datas comemorativas e de confraternização. Essas festas acontecem tanto no CRAS, como fora deste. As observações dos dias 22 Nov. 2017, dia 7 Mar. 2018 e dia 27 Jul. 2018, confirmam essa afirmação.

No dia 22 Nov. 2017, observei uma festinha de confraternização de final de ano, no CRAS. [...] A professora usou um CD de fotos de todos os eventos realizados durante o ano, com eles e passou no telão. Eles conversavam, riam, abraçavam-se e também choravam. [...] A idosa D. Genésia agradeceu em nome de todos: “Professora, eu quero, em nome de todos nós, lhe agradecer pelo carinho que a senhora trata a gente. Não sabemos como vão ser nossas tardes sem esses encontros com a senhora, que nos proporciona tanta alegria. [...] O nosso muito obrigada!”

A idosa D. Soledade completou: “Obrigada pelos passeios que nos levou. A ida à Santa Rosa de Lima, as visitas ao clube, a hidroginástica, as aulas de dança, o Desfile nas ruas de Pilar e tantas outras coisas que aprendi aqui, com certeza mudou o meu modo de ver as coisas”.

Em meio a tantas conversas, a professora também agradeceu a todos, pelo carinho recebido e disse ter sido uma experiência inesquecível e que também os guardaria no coração para o resto da vida. [...].

No dia 7 Mar. 2018, observei um evento em comemoração ao Dia Internacional da Mulher.

Nessa tarde, [...] a professora explicou-lhes o que significa o Dia Internacional da Mulher, leu algumas mensagens para eles e disse-lhes que aquela tarde tinha sido planejada com todo carinho para as mulheres, em especial, por ser o seu dia.

Explicou aos homens que não se sentissem menosprezados, pois, eles também seriam muito bem acolhidos pela “Turma da Beleza”, profissionais dos salões de beleza da cidade, que se doaram para homenagear as mulheres da Melhor Idade, naquela data, prometendo-as deixá-las ainda mais bonitas, naquela tarde.

Foto 144. Idosas com manicure e pedicure



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Notei a satisfação e alegria no rostinho de cada uma, que foram logo sentando-se nas cadeiras espalhadas pelo pátio para fazer unha, cabelo e maquiagem. Em conversa com algumas idosas, percebi que a D. Valdelice, se emocionou ao saber que iria “se produzir”, pois a mesma nunca tinha entrado em um salão de beleza para fazer as unhas, ou até mesmo cortar o cabelo e escová-lo. Ela desabafou:

Eu nunca tive condições de fazer essas coisas. Desde pequena, quem cortava meu cabelo e de meus irmãos, era minha mãe mesmo. Nós não tínhamos condições de ter esses luxos, não. Ir à manicure? Nem pensar. E eu via na televisão, aquelas mulheres todas arrumadas, com os cabelos bonitos, de batom na boca, coisa que meu pai também não deixava. E hoje, vocês nos deram esse presente. Muito obrigada! Que Deus abençoe a todas vocês!

A D. Raimunda, ouvindo o depoimento da colega, disse:

Eu também nunca tive condições de ir a nenhum salão de beleza. Creio que na nossa época de moça, poucas pessoas tiveram. Sempre tive vontade, admito. Quem é que nunca teve vontade de andar linda, sempre arrumada? Então, hoje eu vou aproveitar e vou sair linda daqui.

No dia 27 Jul. 2018, observei uma festinha em homenagem ao Dia da Vovó, denominado “Chá das 5”.

[...] ornamentaram todo o pátio do CRAS, com frases e um belíssimo painel em homenagem às vovós. [...] Para surpresa dos idosos, eram alguns de seus netos que vieram ler umas mensagens e cantar uma música em homenagem às vovós. A idosa D. Creuza, comentou: “Eu sou tão feliz aqui! Não tem como ninguém dizer que não gosta de vim pra cá. Eu mesma não perco um dia. Deus me livre de eu ficar em casa sem fazer nada e não vim pra cá me divertir com vocês”.

Observei que foi uma bela tarde, onde todos conversavam bastante, riam uns com os outros, dançavam e contavam histórias, relembrando seu passado.

Foto 15. Comemoração ao Dia da Vovó



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Os idosos, atores da pesquisa, participam ativamente de todas as atividades desenvolvidas no CRAS, contribuindo assim com a sua aprendizagem. Segundo Macedo (2000, p. 152) “[...] o conhecimento é gerado na prática participativa que a interação possibilita”.

Nesse entendimento, as observações dos dias 11 Jul. 2017, dia 14 Jul. 2017 e dia 10 Nov. 2017, apresentam práticas desenvolvidas com os idosos, onde mostram a participação deles na construção do conhecimento.

No dia 11 Jul. 2017, observei uma Palestra sobre o Meio Ambiente. Palestra essa, que deu norte ao próximo encontro, do dia 14 Jul. 2017.

[...] a orientadora explanou o assunto utilizando um vídeo do YouTube que tratava dos cuidados e cultivo da terra e o plantio de algumas árvores. Conversaram, ela e os idosos, sobre novas técnicas de plantio, o aproveitamento de pequenos espaços, até mesmo, o plantio no telhado. Nesse momento, pude perceber que alguns idosos surpreenderam a professora contando sobre sua experiência com o plantio. [...] o Sr. Miguel, sugeriu que eles poderiam também fazer algum daqueles modelos de plantio. Todos aprovaram a ideia e decidiram, entre eles e a professora, fazer um jardim suspenso, feito de garrafas pet. Combinaram que no próximo encontro, cada idoso iria ficar responsável por levar uma muda de planta medicinal e uma garrafa pet, para a construção do plantio.

No dia 14 Jul. 2017, observei que a professora e os idosos botaram em prática, o combinado do encontro passado, construir um Jardim suspenso: “Jardim Medicinal”.

Observei que aquela tarde foi marcada pelo dinamismo dos idosos. Foram atribuídas uma série de tarefas aos idosos; como cortar a garrafa pet em determinado local, fazer os furinhos para passar o cordão, colocar esterco, etc....., enfim, plantar a mudinha. [...] Assim, num trabalho de equipe, construíram o “jardim medicinal”, e, a partir dessa ação, cada idoso teve a missão de explicar os benefícios da sua muda de planta e ter a oportunidade de conhecer outras diversidades, outras culturas. [...] adquiriram novos conhecimentos, como nomes diferentes para a mesma planta e utilidades também. [...] e a professora instigava para que aquele espaço se transformasse em um ambiente rico para a aprendizagem em relação ao conteúdo ministrado, e também, para o convívio em grupo, para a autonomia e a cooperação entre eles.

Foto 166. Idosos construindo o Jardim Medicinal



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

No dia 10 Nov. 2017, pude observar os idosos aprendendo a fazer sabão de soda.

Nesse encontro, foi combinada a mudança de horário para o turno da manhã, por ser um período do dia mais frio, observei que nem todos os idosos puderam comparecer. Eles justificaram suas faltas pelo grupo deles de whatsapp.

[...] Percebi a ansiedade deles em produzir logo o sabão; alguns questionavam se aquele sabão, feito do óleo que seria descartado, serviria mesmo para lavar roupas ou pratos. [...] Ouvindo os questionamentos de alguns dos colegas, que não estavam muito confiantes com o resultado daquela experiência, D. Ana, explicou-lhes:

Em minha Terra Natal, Lajedo, de onde venho, é a coisa mais comum do mundo, fazer esse sabão. Ninguém mais lá, joga o óleo usado fora. Já é de costume, as donas de casa, fazer esse tipo de sabão. Desde pequena que vejo minha mãe fazer isso. Vocês vão ver como ele é bom mesmo.

E assim, começaram o processo. Ela mostrou-lhes a receita, que havia preparado, e foram, juntamente, seguindo os passos ali escritos, acrescentando todos os ingredientes descritos e ajudando a mexer o produto. [...] Terminado o processo, D. Ana, fez a experiência de lavar um pano de prato para que eles percebessem que realmente, aquele sabão é muito útil. [...] A idosa D. Genésia confessou: “Eu não estava muito confiante com essa história de fazer sabão com o óleo usado, que costumamos jogar fora, e até nos causa prejuízos, quando entope a pia da cozinha. Mas agora, eu aprendi e lhe agradeço. Prometo fazer uso desse aprendizado”.

O idoso, Sr. Francisco, também comentou: “E a economia? Não gasta quase nada e rende um bocado. Nunca mais eu joga óleo usado fora e vou ensinar também a meu povo de Arapuá, meus familiares e vizinhos”.

A idosa, D. Iracema, acrescentou:

Adorei essa ideia de fazer sabão. Mas, quando eu for fazer o meu, lá em casa, na próxima semana, ao invés de colocar água pura, vou colocar uma água aromatizada, como eu gosto de beber. Mas, nesse caso, é para dar um cheirinho especial, ao sabão. Vou fazer esse experimento, para ver se fica bom; e depois, eu digo a vocês, se funcionou.

Encerrou-se o encontro com cada idoso levando barras de sabão para sua casa.

Foto 177. Produção do sabão de soda



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Os idosos, também participam ativamente das dinâmicas propostas pela professora, e das rodas de conversa, que acontecem após as dinâmicas, com discussões e comentários, relacionados à suas experiências de vida, colaborando com o bom andamento das atividades sugeridas.

Os sujeitos da pesquisa, são assíduos e muito responsáveis com as atividades desenvolvidas no CRAS. Eles, os idosos, gostam de realizar as atividades com muito empenho, por isso se dedicam aos ensaios das apresentações sem reclamar.

Em meio à aprendizagem, também acontece a diversão, que não deixa de ser uma aprendizagem. E nesse quesito, os idosos, demonstram muita animação. Dança, é uma das atividades que eles realizam espontaneamente com muito prazer.

Quando acontecem os retiros, os idosos também participam ativamente. Eles dizem que não gostam de faltar a nenhum encontro, no CRAS e muito menos, aos retiros, que eles se divertem bastante.

4.4 A rotina pedagógica de alunos e profissionais no Espaço do Projeto de Convivência

Os encontros/aulas costumam acontecer nos dias de quarta-feira e sexta-feira, na maioria das vezes, no turno vespertino, das 14h às 16h. Horário este, que se estende às vezes até às 17h ou 17h30min. O horário dos encontros é flexível, pois quando necessário, os encontros acontecem no período da manhã, como no dia em que foi marcado a Oficina de Sabão de soda, ou até mesmo no período da noite, que é usado para fazer alguns ensaios de apresentações, tipo, os ensaios da dança típica de São João, a Quadrilha, que exige bastante tempo para que cada sujeito aprenda os passos da dança.

E também, quando acontecem alguns eventos noturnos, como o dia em que foram assistir à Peça Teatral: Morte de Cristo, na frente da igreja católica, alguns festejos referentes a datas comemorativas, tipo o dia das mães, dos pais, o chá da vovó etc. Ressalto que também acontecem os retiros, que às vezes, sai de Pilar, pela manhã e retornam no final da tarde, como aconteceu no dia em que foram para a Chácara, na localidade vizinha, junto aos idosos de Santa Rosa de Lima que sempre se fazem presente em eventos tanto religiosos como culturais realizados no CRAS Portal da família, em Pilar.

São duas aulas semanais, onde os idosos aproveitam para fazer novas amizades, se distrair com os colegas, brincar, interagir com outras pessoas de culturas diferentes, participar de palestras e de várias oficinas de artesanato; aprender e ensinar com suas experiências de vida.

As atividades ministradas nos encontros do Grupo de Convivência, no CRAS, se subdividem em Oficinas de artesanato, ministradas por alguns funcionários do CRAS, alguns membros do próprio grupo de convivência dos idosos, pessoas da igreja e comunidade local e/ou circunvizinhas. Também acontecem as Palestras com vários temas, executadas por profissionais do CRAS e muitas outras por profissionais da área da saúde e profissionais de Serviços Sociais. Ainda contam com vários profissionais da localidade que, quando solicitados, comparecem para dar a sua

contribuição, como no caso do Padre da paróquia local e professores de Educação Física, dança e teatro.

Em quase todos os encontros, a professora realiza dinâmicas com os idosos, proporcionando a interação entre eles e após as dinâmicas, realiza uma roda de conversa. Também, são frequentes, os jogos de mesa, dominó e xadrez. Ainda, acontecem os retiros, que às vezes, envolve também o grupo de convivência da localidade vizinha, Santa Rosa de Lima. Não esquecendo, as festinhas que são realizadas em algumas datas comemorativas e confraternizações.

Em todos os encontros acontece o momento de oração. Momento este em que todos esquecem as conversas paralelas e realmente se entregam à oração. Como afirma a idosa Maria da Soledade, “No momento da oração, não podemos ficar com conversinhas paralelas ou com risadinhas. É o momento onde cada um conversa com Deus. Devemos respeitar”.

O artesanato é uma das atividades que a maioria dos idosos gosta de desenvolver. Eles produzem nos encontros do CRAS e também em seus lares. Muitos deles costumam trazer para os encontros, alguns objetos que dizem ter criado, a partir de algo que aprendeu no CRAS ou olhando algumas revistas, realizam suas invenções. As idosas aproveitam qualquer material reciclável para transformar em objetos úteis para eles, seus familiares, e até presentear aos amigos.

Foto 18. Idosa exibindo caixas e colares



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Foto 19. Idosa exibindo seus tapetes



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

A foto nº 18, apresenta a idosa, D. Gislene, exibindo suas caixinhas, que fez após aprender, no CRAS, à fazer um jarro de flores, com caixas de leite descartáveis. Exibi também, dois colares e uma pulseira, que também inventou em sua casa, após ter ouvido falar da reutilização de produtos que seriam jogados fora. Ela comenta que,

[...] procurei logo outras caixinhas, que iria jogar fora, para reutilizá-las. Pensei, pensei e inventei outras caixinhas, de vários formatos e tamanhos, que serviriam de caixinhas de presente. Minhas caixinhas fazem o maior sucesso. Eu também invento várias outras coisas. Estou sempre à procura de algo novo. (Observação do dia 01 Jun. 2018).

A foto nº 19, mostra outra idosa do CRAS, D. Celeste, que também diz ser apaixonada por artesanato. D. Celeste diz que gosta de inventar qualquer coisa com retalhos de tecido. Esses dois tapetes que ela apresentou para a turma, toda orgulhosa do seu feito, disse que fez com vários retalhos de tecido que ganhou de algumas costureiras da localidade que já a conhecem e guardam os retalhos que sobram das roupas que fazem, para ela.

Outra atividade que diverte muito os idosos, são as dinâmicas. A professora tem a preocupação de selecionar dinâmicas com o objetivo de fazer os idosos se movimentar, brincar e sorrir, interagindo com os colegas e também após as dinâmicas, refletir sobre a mensagem transmitida.

As palestras trazidas para o grupo de convivência dos idosos do CRAS, são previamente pensadas, com o objetivo de instruí-los sobre os seus direitos e principalmente sobre como levar uma vida melhor e mais saudável.

Os jogos têm a capacidade de atrair as pessoas; e com os idosos não é diferente. Eles, os idosos, costumam jogar dominó e xadrez, no CRAS. Para animar as partidas do jogo, a professora, oferece bombons, para que joguem apostado, tornando a disputa mais animada.

Essa turma de idosos são bem animados. Gostam muito de dançar. De quinze em quinze dias, um professor, amigo do CRAS, vem dar uma aula de dança pra eles. É incrível o poder que a música e a dança tem de envolver as pessoas, não importando a idade que eles tenham. A música contagia as pessoas de um jeito, que às vezes, esquecem até a doença, por um certo período, como no caso de uma idosa do grupo observado, que tem problemas nas pernas, impedindo-a de andar sem o uso da bengala.

Uma observação do dia 11 Maio 2018, comprova o mencionado.

[...] Logo, o professor de zumba, Audienes, um amigo do CRAS, chegou ao pátio e foi aquela euforia. O professor colocou uma música e convidou a todos para se levantar e dançar. Observei, que uma idosa, com problemas de saúde na perna, D. Creuza, colocou a bengala de lado, se levantou e começou a dançar também. Ela estava tão feliz que até esqueceu o problema de sua perna. Terminamos o encontro com todos dançando zumba.

Foto 19. Idosos dançando zumba



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Os idosos, sujeitos dessa pesquisa, se divertem muito dançando. A dança predileta deles, é o forró, dança típica do nordeste.

É necessário compreender que o aluno é sujeito da sua aprendizagem, é ator e autor da construção do seu conhecimento, da aquisição e sistematização dos saberes escolares sendo este um processo ativo, reflexivo, dinâmico e significativo. O envolvimento do aprendiz impulsiona a prática da liberdade, a autonomia e a prática social autêntica, crítica e participativa. (PEREIRA, 2016, p. 54).

Os idosos tomam a responsabilidade para si e cobram, uns dos outros, o cumprimento do horário de chegada e o aperfeiçoamento das atividades desenvolvidas no CRAS. Também observei que eles são muito unidos e carinhosos. Criaram um grupo de Whatsapp, aplicativo de celular que permite enviar mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones; o qual utilizam para se comunicar, enviar fotos e se divertem bastante aprendendo e ensinando, uns aos outros, como utilizar as ferramentas do celular.

4.4.1 Profissionais

No CRAS, a equipe multidisciplinar, orientadora social, que exerce o papel de professora, na mediação do trabalho com os idosos, a coordenadora, as técnicas: psicóloga e assistente social, reúnem-se quinzenalmente para planejar as atividades (palestras, filmes, dinâmicas, visitas a alguns idosos, retiros, músicas, trabalhos didáticos, apresentações, oficinas de artesanato etc.) a serem desenvolvidas com os idosos.

Foto 201. Profissionais do CRAS Portal da Família



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Essa equipe, também tem um motorista, o Sr. Antônio, que fica à disposição do CRAS, para as eventuais necessidades; uma senhora, D. Raimunda, que trabalha de serviços gerais, dando apoio, na limpeza e fazendo a alimentação.

A equipe ainda conta com a cooperação de profissionais amigos do CRAS, pessoas da comunidade local e circunvizinha, que se prontificam a colaborar com as atividades desenvolvidas pelo CRAS, sempre que requisitados.

Os profissionais do CRAS também se preocupam com o lado social dos idosos, promovendo encontros do grupo de convivência dos idosos de Pilar com o grupo de convivência dos idosos de Santa Rosa de Lima; encontros de interação com o grupo dos jovens; e também, leva-os a participar de eventos fora e dentro da comunidade.

A observação do dia 18 Jul. 2018, mostra uma dessas atividades, quando diz que a professora,

[...] Fez a sensibilização sobre os enfermos nos hospitais, dizendo que muitos ficam lá um pouco esquecidos, num momento de doença, onde ficamos mais frágeis, e por isso, iam confeccionar flores para entregá-las aos enfermos internados no hospital.

No hospital, a professora se apresentou na recepção e pediu a permissão para que os idosos, ali presente, entregassem as flores. Alguns dos enfermos disseram nunca ter recebido uma flor de ninguém. Percebi que muitos enfermos e também os idosos choraram de emoção com essa atitude.

Foto 212. Idosos mostrando suas flores de garrafa pet



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Nesse tocante, percebe-se que o Centro de Referência da Assistência Social – CRAS Portal da Família, do Distrito Pilar, Jaguarari-BA, contribui com o desenvolvimento físico, mental e social dos idosos, que buscam uma vida mais saudável.

4.5 Entrevista com os idosos/alunos

Em conformidade com a questão em estudo, optamos pela entrevista semiestruturada por entender que se enquadra aos objetivos traçados nesta pesquisa. Macedo (2000) informa,

[...] É interessante notar que o aspecto não estruturado da entrevista pode tomar, em algumas situações de pesquisa, conotações de uma dialogicidade totalmente livre. [...] o pesquisador encontra pessoas e fala com elas à medida que participa das atividades pertinentes, pede explicações, solicita informações, procura indicações etc. (MACEDO, 2000, p. 164).

Segundo Bell (2010),

A grande vantagem da entrevista é a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos, coisa que o inquirido nunca poderá fazer. A forma como determinada resposta é dada (o tom de voz, a expressão facial, a hesitação, etc.) pode transmitir informações que uma resposta escrita nunca revelaria. (BELL, 2010, p. 137).

Em nosso estudo, as questões da entrevista foram pensadas com a intenção de levar os 28 idosos, a fornecerem dados diversos, salientes à compreensão das práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto de Convivência da Terceira Idade para se determinar a existência da Inovação Pedagógica.

Antes de iniciarmos o diálogo, ocorreram conversas informais, oportunidade em que se trocaram impressões sobre a temática em estudo, campeando com este feito, criar um clima agradável, o qual favorecesse o estar à vontade dos participantes.

As entrevistas aconteceram em vários locais e momentos distintos, em pequenos grupos e/ou individualmente, de forma que contemplasse a todos os idosos partícipes do Projeto de Convivência da Terceira Idade e alguns funcionários do CRAS, Assistente Social, Orientadora Social (Professora), Coordenadora do Projeto, e o Secretário Municipal de Desenvolvimento Social do município de Jaguarari-BA. Foram realizadas oralmente, sem o uso de equipamentos tecnológicos, de acordo com as exigências da clientela pesquisada.

Após a realização da entrevista, o seu conteúdo foi analisado de forma a selecionar as informações pertinentes aos objetivos específicos da investigação.

Esta investigação apoia-se no conhecimento de fatos individuais, para compreender fenômenos sociais intrincados, buscando informações concretas a respeito de como as práticas pedagógicas desenvolvidas no Projeto de Convivência da Terceira Idade tem criado ambiente inovador capaz de ressignificar a aprendizagem dos alunos, idosos.

Comungando com o objetivo deste estudo, as questões das entrevistas foram constituídas por temáticas:

Dados pessoais;

Vida Social;

Autonomia Física;

Aprendizagem;

Importância do CRAS em suas vidas;

Expectativa de vida Futura.

Diante destas temáticas, foram também elaboradas algumas questões relacionadas à aprendizagem dos alunos idosos, foco deste estudo:

Que tipo de aprendizagem você constrói no CRAS?

Há oportunidade de vocês trocarem saberes entre si?

O que você mais gosta de realizar no CRAS? Por quê?

Foto 223. Entrevista a um grupo de idosas do CRAS Portal da Família



Fonte: CRAS – Portal da Família – Distrito Pilar, 2018.

Os alunos, idosos, como sujeitos ativos e construtores do conhecimento, demonstram satisfação em participar do Projeto de Convivência da Terceira Idade, desenvolvido no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – Portal da Família, pois a relação estabelecida com a professora e demais funcionários é amistosa e produtiva.

Nas falas, os alunos, idosos, enfatizam um sentimento alegre, positivo, com admiração pelas tardes ali passadas em companhia da professora e dos demais. Consideram um lugar bom, justificando: “Aqui, é divertimento garantido, quase como uma fisioterapia.” (GENÉSIA, entrevista em 14/09/2018); “Me traz felicidade!” (ZORAIDE, entrevista em 05/10/2018).

Nos dias em que não tem encontro aqui no CRAS, parece que as tardes ficam compridas, o dia não passa, e eu fico agoniada, lá em casa. Fico pensando como seria bom se estivesse aqui com meus colegas, conversando, dando risada, brincando, produzindo alguma coisa, aprendendo mais. (MARIA, entrevista em 19/09/2018 às 15:40).

Em conversa com os alunos, é perceptível **os sentimentos que têm no ambiente de aprendizagem**, isso se traduz nas relações estabelecidas entre professora-aluno, e, alunos entre si. Destacam-se as relações interpessoais pautadas por conversas, risos e brincadeiras que permeiam as aprendizagens.

A entrevista continua e eles são convidados a externarem os sentimentos em relação ao trabalho desenvolvido em sala de aula.

Aqui, nós aprendemos muita coisa boa. A professora é muito atenciosa e carinhosa. Você vê como ela nos recepciona; com um grande abraço e um belo sorriso estampado na cara, na maior alegria. Isso é contagiante. A professora sempre traz algo novo para nos ensinar. Traz vários palestrantes, que nos falam sobre diversas coisas. Gosto de ficar informada sobre tudo; principalmente daquilo que vem beneficiar a minha saúde e dos meus amigos. (MARIA, entrevista em 03/10/2018).

Eu gosto das aulas de artesanato. Gosto de confeccionar utensílios para minha casa e dar de presente às minhas filhas, quando vêm me visitar. Me sinto útil. [...], percebemos que sempre tem alguém que modificou o objeto que foi mostrado. Acho interessante a capacidade de modificar as coisas. (MARLUCE, entrevista em 19/09/2018).

Eles enfatizam que a **aprendizagem** construída na sala de aula é útil pois “aprendemos muita coisa boa” que poderá ser utilizada para “dar de presente”. A aprendizagem envolve novidades pois existe “algo novo para nos ensinar”. E destacam que as aprendizagens contribuem para melhorar a sua qualidade de vida, tal como atesta a expressão “vem beneficiar a minha saúde e dos meus amigos”.

A valorização das aprendizagens é perceptível em expressões como “me sinto útil” e “ela valoriza cada objeto que a gente inventa”.

Nesse entendimento, alguns dos entrevistados afirmaram ter aprendido algumas habilidades básicas sozinhos, e outras, aprenderam em interação de uns com os outros, e ainda, através de terceiros. Atividades essas, sanadas de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

Tabela 9. Habilidades que os idosos aprenderam sozinhos segundo o gênero

Habilidades	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Confeccionar objetos feitos de madeira	2	0	7%
Confeccionar sapatos e sandálias de crochê	0	1	3%
Cortar e costurar roupas	0	8	28%
Fazer fuxico, crochê, vagonite etc.	0	8	28%
Gerir o próprio dinheiro	8	8	28%
Inventar colchas, capas de almofada, panos de prato, tapetes, cortinas etc.	0	15	53%
Manter-se informados	4	12	57%
Produzir arranjos de flores de materiais recicláveis	0	10	39%
Produzir artesanato utilizando materiais recicláveis	2	10	42%
Produzir caixinhas de presente	0	1	3%
Produzir roupas de crochê	0	5	17%

A Tabela 9 nos apresenta, em relação ao **gênero masculino**, que 100% dos entrevistados, 8 idosos, afirmam ter aprendido sozinhos, a **gerir o próprio dinheiro**; metade deles sempre procuraram **manter-se informados**, de acordo com as necessidades que iam surgindo, e dois deles disseram que aprenderam sozinhos a **confeccionar objetos feitos de madeira e produzir artesanato utilizando materiais recicláveis**.

Em relação ao **gênero feminino**, 17 das 20 entrevistadas asseveram ter aprendido sozinhas, de acordo com as necessidades, **inventar colchas, capas de almofada, panos de prato, tapetes, cortinas etc.**; 12 delas, sempre procuraram **manter-se informadas**, 10 aprenderam **produzir arranjos de flores de materiais recicláveis e produzir artesanato utilizando materiais recicláveis**; e 8, as habilidades de **cortar e costurar roupas, fazer fuxico, crochê, vagonite etc. e gerir o próprio dinheiro**, 5 aprenderam a **produzir roupas de crochê**; ficando apenas 1 delas, com as habilidades de **confeccionar sapatos e sandálias de crochê e produzir caixinhas de presente**.

Tabela 10. Habilidades que os idosos aprenderam com os colegas do grupo e/ou terceiros segundo o gênero

Habilidades	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Apresentar Peças Teatrais	5	15	71%
Buscar informações	4	10	50%
Dançar	0	15	53%
Jogar jogos de mesa	3	4	25%
Opinar em público	5	10	53%
Produzir artesanato	5	10	53%
Produzir sabão	5	15	71%
Reciclar objetos descartáveis	7	10	60%
Usar as ferramentas do celular	7	15	78%

No tocante às habilidades que os idosos aprenderam uns com os outros e/ou terceiros, a Tabela 10 constata que em relação ao **gênero masculino**, as habilidades de **reciclar objetos descartáveis e usar as ferramentas do celular**, correspondem a 7 dos 8 entrevistados; **apresentar Peças Teatrais, opinar em público, produzir artesanato e produzir sabão** salientam 5 deles; apenas 4 deles correspondem ao item **buscar informações** e somente 3 afirmam ter aprendido com os outros, **jogar jogos de mesa**, por não ter tido muito tempo para o lazer no período da infância.

No que diz respeito ao gênero feminino, as habilidades de **apresentar Peças Teatrais, dançar, produzir sabão e usar as ferramentas do celular**, salientam 15 das 20 entrevistadas; **buscar informações, opinar em público, produzir artesanato e reciclar objetos descartáveis** corresponde a 10 das idosas; e apenas 4 afirmaram ter aprendido com os colegas do CRAS, a habilidade de **jogar jogos de mesa**.

Através da Tabela 11 notamos as atividades de lazer em que os pesquisados afirmaram participar.

Tabela 11. Atividades de lazer desenvolvidas pelos idosos Segundo o gênero

Atividades de Lazer	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Academia	3	6	32%
Assistir TV	4	13	60%
Caminhada	6	11	60%
Cuidar das plantas	3	15	64%
Dançar	7	17	85%
Jogos de mesa	8	4	42%
Ler	3	7	35%
Ouvir rádio	3	11	50%
Produzir artesanato	2	15	60%

No que se refere às atividades de lazer praticadas pelos homens, destacam-se os **Jogos de mesa** com 100% dos entrevistados e o **Dançar** com 7; em seguida está a **Caminhada** com 6 deles e **Assistir TV** com 4. As **Atividades de Academia, Cuidar das plantas, Ler e ouvir rádio** com 3 e **Produzir artesanato**, apenas 2.

Em relação às atividades praticadas pelas mulheres, destacam-se o **Dançar** em primeiro lugar com 17 delas, seguido do **Cuidar das plantas** e **Produzir artesanato** com 15 e **Assistir TV** com 13. Com 11 das preferências estão a **Caminhada** e o **Ouvir rádio**, seguido de **Ler** com 7, **Academia** com 6, o que não se mostrou muito interessante para as mulheres, foram os **Jogos de mesa**, com apenas 4 preferências.

No tocante às atividades sociais, os investigados afirmam participar sempre que possível, conforme podemos verificar na Tabela 12.

Tabela 12. Atividades sociais desenvolvidas, segundo o gênero

Atividades Sociais	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Conversar com vizinhos	5	15	71%
Cuidar de um familiar doente	1	5	21%
Cuidar dos netos	2	16	64%
Ir à missa	5	19	85%
Participar de eventos na comunidade (Igreja / Praça / CRAS)	7	19	92%
Participar em festas familiares	7	20	96%

Para compreensão da Tabela 12, constata-se que a maioria dos idosos, do sexo masculino, cerca de 7, dos 8 entrevistados, afirmam **Participar de eventos na comunidade (Igreja / Praça / CRAS) e festas familiares**; 5 gostam de **Conversar com os vizinhos e ir à missa**; 2 curtem **Cuidar dos netos** e apenas 1 deles, **Cuida de um familiar doente**.

No que se refere às mulheres, 100% das vinte entrevistadas, afirmam **Participar em festas familiares**; 19 delas **participam de eventos na comunidade (Igreja / Praça / CRAS) e vão à missa**, e 16 **Cuidam dos netos**, 15 curte **Conversar com os vizinhos** e 5 **Cuidam de familiares doente**.

Quanto ao campo da saúde dos entrevistados, a Tabela 13 mostra claramente o tipo de doença que afeta cada um deles, segundo o gênero.

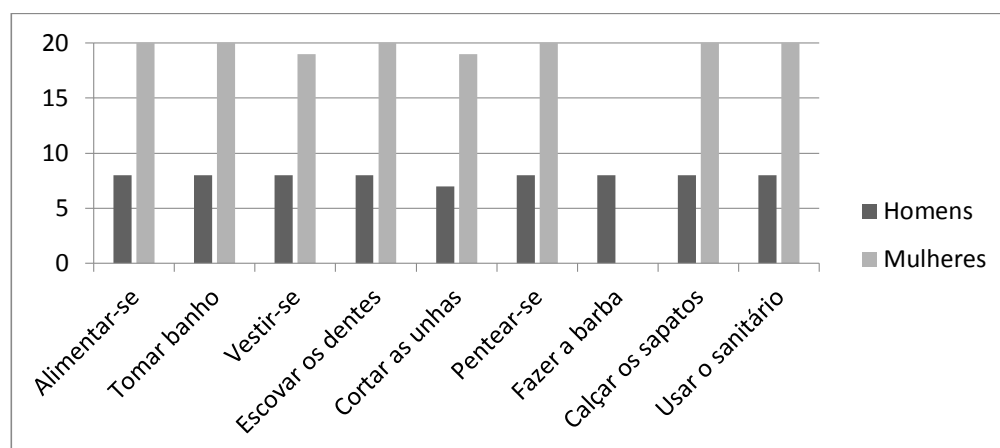
Tabela 13. Problemas de saúde indicados por cada idoso segundo o gênero

Problemas de saúde dos idosos	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Articulações	2	1	10%
Artrose	3	1	14%
Audição	2	0	7%
Bronquite crônica	0	0	0%
Bucite	0	2	7%
Cancro na próstata	0	0	0%
Colesterol	0	2	7%
Coluna	4	8	42%
Convulsão	0	1	3%
Coração	1	0	3%
Diabetes	1	7	28%
Perna chagada	0	1	3%
Pressão	2	7	32%
Problemas de locomoção	1	1	7%
Problemas de memória	0	4	14%
Problemas de ossos	1	4	17%
Reumatismo	0	1	3%
Sequelas de AVC	0	0	0%
Vista	5	17	78%

Analisando a Tabela 13, percebemos que a doença que mais afeta os idosos pesquisados, é o **Problema de vista**; sendo 5 homens e 17 mulheres. Em segundo lugar, temos a doença da **Coluna** que também se destaca entre os dois gêneros; o masculino com 4, metade deles, e o feminino com 8 das 20 entrevistadas. O restante das doenças citadas na tabela, se subdivide em porcentagens menores entre os entrevistados.

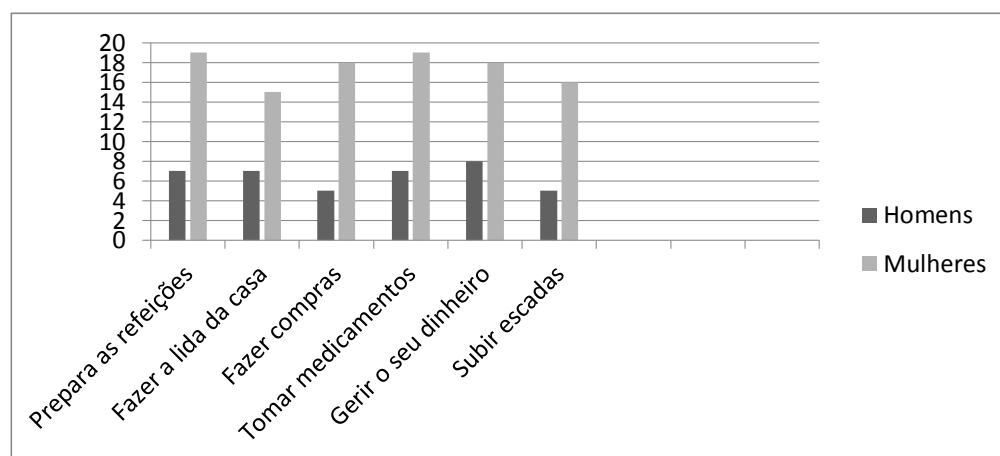
No que concerne às atividades básicas da vida diária desenvolvidas sem ajuda pelos idosos, o Gráfico 3 nos mostra claramente que quase todas as atividades são praticadas de forma autônoma pela maioria dos idosos. Somente uma das vinte idosas apresenta dificuldades para se vestir e também cortar as unhas. E no gênero masculino, também, apenas um, dos oito pesquisados, apresenta dificuldades em cortar as unhas.

Gráfico 3. Atividades básicas da vida diária dos idosos, desenvolvidas sem ajuda



O Gráfico 4 revela que os idosos apresentam maior dificuldade em realizar as **atividades instrumentais** da vida diária confrontadas às **atividades básicas** da vida diária.

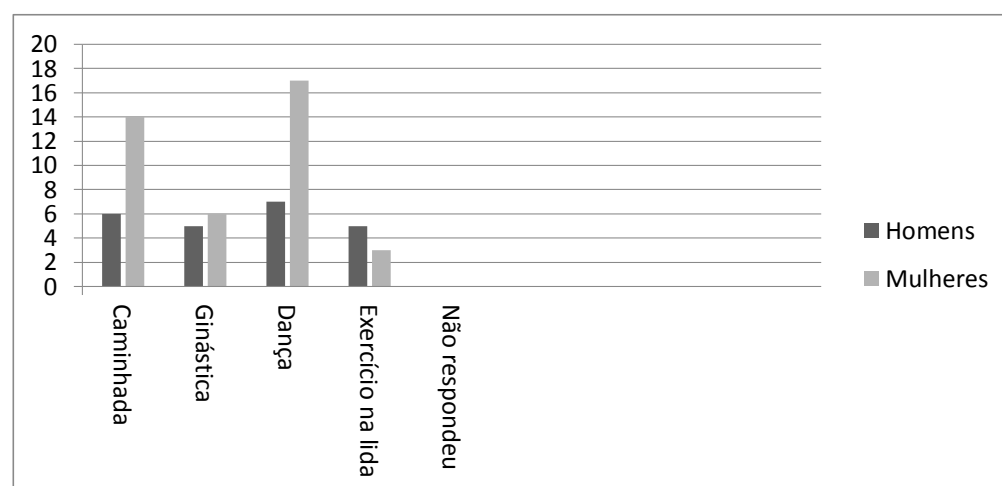
Gráfico 4. Atividades instrumentais da vida diária dos idosos, realizadas sem ajuda



Analisando o Gráfico 4, verificamos que os idosos do sexo masculino não apresentam nenhuma dificuldade em **Gerir o seu dinheiro**; no entanto, nos quesitos de **Preparar as refeições, Fazer a lida da casa e Tomar medicamentos**, apenas 87,5% dos oito entrevistados afirmam realizar as atividades sem nenhum problema, e 37,5% não costumam **Fazer as compras** de suas casas, deixando essa atividade para suas companheiras e filhas e ainda, 37,5% sentem dificuldades em **Subir escadas**.

Das vinte entrevistadas do sexo feminino apenas 5% apresentam dificuldades em **Preparar as refeições**, deixando essa atividade para suas filhas e também 5% delas esquecem dos horários de **Tomar seus remédios**; 10% sentem dificuldades em **Gerir o seu dinheiro** e conseqüentemente, **Fazer as compras** da casa, preferindo deixar essa responsabilidade para suas filhas; 20% apresentam dificuldades em **Subir escadas** e 25% delas não fazem a **Lida da casa**.

Gráfico 5. Atividade física praticada pelos idosos



No que concerne à atividade física praticada pelos idosos, o Gráfico 5 apresenta que a **Dança** atinge a maior porcentagem entre eles, 87,5% dos homens e 85% das 20 mulheres; seguido da **Caminhada** que os homens correspondem a 75% e as mulheres a 50%; o correspondente à **Ginástica** e **Atividades na lida**, para os homens, correspondem igualmente a 62,5% e para as mulheres converge em 21,4% para a atividade de **Ginástica** e 15% para as **Atividades na lida**.

Posteriormente, a Tabela 14 mostra os argumentos dos idosos sobre as vantagens em morar em sua própria casa. 100% deles concordam em relação aos quesitos **não ter de pagar aluguel**, **sentir-se bem** e **sentir-se mais à vontade** em sua própria casa. O gênero masculino concorda 100% nos itens **gostar de estar na própria casa**, **ser independente** e **ter liberdade para fazer o que quer**; 7 deles afirmam **ter capacidade física para ficar em sua casa** e 3 dos homens salientam vantagens nos itens **conhecer os “cantos” da casa**, **cuidar das plantas** e **cuidar dos animais** e apenas 1 salienta **viver perto dos filhos**.

Para 100% do público feminino pesquisado, os quesitos mais relevantes são **não ter de pagar aluguel, sentir-se bem e sentir-se mais à vontade**; 18 delas dizem **conhecer os “cantos” da casa, gostar de estar na própria casa e gostar de manter a casa do “jeitinho” dela (e)**; 15 citam **cuidar das plantas, ser independente e ter capacidade física para ficar em sua casa e** 14 ainda comentam os itens **cuidar dos animais e viver perto dos filhos**.

Sendo assim, é pertinente afirmar que todos os sujeitos da pesquisa afirmam que existem vantagens em morar na própria casa.

Tabela 14. Vantagens em residir na própria casa, segundo o sexo

Motivos para residir na própria casa	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Conhecer os “cantos” da casa	3	18	75%
Cuidar das plantas	3	15	64%
Cuidar dos animais	3	14	60%
Gostar de estar na própria casa	8	18	92%
Gostar de manter a casa do “jeitinho” dela (e)	0	18	68%
Não ter de pagar aluguel	8	20	100%
Sentir-se bem	8	20	100%
Sentir-se mais à vontade	8	20	100%
Ser independente	8	15	82%
Ter capacidade física para ficar em sua casa	7	15	78%
Ter liberdade para fazer o que quer	8	18	92%
Viver perto dos filhos	1	14	53%

No que concerne às atividades que **os investigados gostariam de realizar**, a Tabela 15 mostra várias opções citadas por eles, homens e mulheres, com a porcentagem de suas preferências.

Tabela 15. Atividades que os idosos gostariam de realizar, segundo o sexo

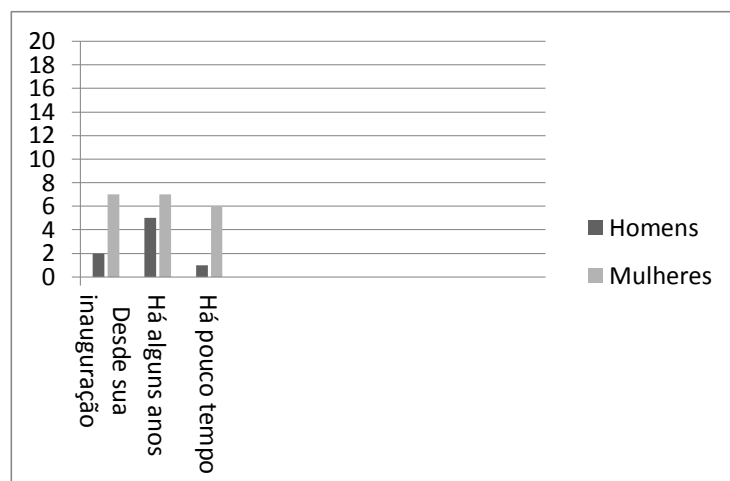
Atividades	Valor Absoluto		Porcentagem
	Homens	Mulheres	
Aprender a dirigir	0	2	7%
Aprender a nadar	0	1	3%
Comprar um carro	1	2	10%
Comprar uma casa em outra cidade, para morar perto dos filhos	1	5	21%
Comprar uma roça	0	1	3%
Não existe atividades que gostaria de realizar	0	1	3%
Não respondeu	0	1	3%
Reformar a casa	0	3	10%
Trabalhar mais na horta	0	1	3%
Viajar para visitar os filhos	3	3	21%
Viajar pelo mundo	5	7	42%

A apreciação da Tabela 15 mostra que a maioria do público masculino, cerca de 5 dos 8 entrevistados, almejam **viajar pelo mundo**, para conhecer novos lugares; enquanto que 3 citam **viajar para visitar os filhos** e apenas 1 pensa em **comprar um carro** e outro, **comprar uma casa em outra cidade, para morar perto dos filhos**.

Em relação ao público feminino, 20 idosas, o item **viajar pelo mundo** está em primeiro lugar, com 7 das entrevistadas; 5 delas, pensa em **comprar uma casa em outra cidade, para morar perto dos filhos**; 3 idealizam **reformar a casa** e **viajar para visitar os filhos**; 2 **querem comprar um carro** e **aprender a dirigir**; e 3 das entrevistadas, estão com as opções **aprender a nadar, comprar uma roça e trabalhar mais na horta**. A tabela ainda mostra apenas 1 idosa não respondeu à questão e outra disse que **não existe atividades que gostaria de realizar**.

Os indagados dessa pesquisa apresentam tempo diferenciado de participação no Projeto de Convivência vivenciado no Centro de Referência da Assistência Social - CRAS, Portal da Família, no Distrito de Pilar, Jaguarari, BA, como descrito no Gráfico 6.

Gráfico 6. Tempo de participação dos idosos no CRAS



Analisando o Gráfico 6 notamos que há uma oscilação entre o tempo de participação dos idosos no CRAS. Dos 28 pesquisados, dois homens e sete mulheres estão lá desde a sua inauguração; cinco homens e 7 mulheres afirmaram estar no CRAS há alguns anos e um homem e seis mulheres participam há pouco tempo.

No CRAS, os alunos interagem entre si, com a professora, com os palestrantes; dão suas opiniões acerca do que é debatido e enriquecem ainda mais a conversa com a sua experiência de vida, como é relatado por alguns alunos: “Aprendo muito com as palestras e me divirto muito também. A professora traz os palestrantes pra nos informar das coisas, e o bom é que eles perguntam a nossa opinião sobre o assunto. Eu gosto de poder participar e tirar minhas dúvidas”. (VENTURA, entrevista em 14/09/2018).

Aqui, aprendo a reciclar vários materiais e interagir com várias pessoas. Me divirto bastante com as atividades de artesanato. A professora costuma trazer um objeto para nos mostrar, falar da utilidade dele e nos convida a construir um outro. O interessante é que ela diz que não façamos igualzinho à amostra. Ela quer que a gente dê asas à imaginação. (PEREIRA, entrevista em 21/09/2018).

Segundo alguns alunos, “[...] A professora nos ensina muitas coisas e ainda nos proporciona muita alegria e entusiasmo; nos dá carinho; brinca conosco; viaja conosco; dança; se preocupa com o nosso bem estar.” (MARIA, entrevista em 19/09/2018).

Quando questionados sobre **o significado do CRAS** em suas vidas, alguns dos entrevistados realçam:

[...] Se não tivesse o CRAS, nós ficaríamos lá, em nossas casas, sem ter o que fazer. Só assistindo televisão e resmungando da vida. Aqui, não. Aqui, nós nos sentimos vivos, cheios de energia. Nós interagimos com crianças, adolescentes, palestrantes que vêm sempre aqui, nos trazer informações, e entre nós mesmos e outros idosos de outras localidades”. (FRANCISCO, entrevista em 14/09/2018).

Depois que vim para o CRAS, organizei minha vida de uma maneira muito mais gostosa. Antes, eu vivia em casa, com meus afazeres domésticos, dia a dia. E hoje, eu tenho muito mais obrigações; só que são prazerosas. Aprendi a fazer vários artesanatos e fico em casa, só inventando coisas. Não perco o horário de minha caminhada e das atividades físicas que realizamos juntos. Nunca faltei a nenhum dos retiros que a professora nos levou. Meus filhos estão adorando me ver assim, muito mais animada. (ANA, entrevista em 05/09/2018).

Após me cadastrar e participar das atividades do CRAS, nunca mais me senti sozinha. Nos dias em que não tem encontro, nós conversamos pelo nosso grupo de whatsapp. Aproveitamos o grupo para nos manter informados de qualquer situação. Todos os dias nós postamos alguma mensagem, fotos, recados ou convites. Com nossas postagens, me sinto sempre perto de meus amigos. Isso é muito bom. (MARIA, entrevista em 05/09/2018).

[...] o CRAS é minha segunda casa. Fico em casa contando os minutos para o motorista do CRAS chegar. Me sinto muito bem aqui. Amo meus colegas e tenho a professora como uma filha. Todos eles me dão muito carinho. A professora me chama de “Meu Anjinho”. (VALDELICE, entrevista em 21/09/2018).

Percebe-se que a aprendizagem ali construída, ultrapassa os muros da escola, entra no convívio do contexto social, resgatando e fortalecendo vínculos entre gerações.

Nesse tocante, a maioria dos idosos entrevistados afirmam:

Aqui no CRAS, nós nos sentimos bem; nos sentimos protegidos. Podemos perceber que a professora e todo o povo daqui, se preocupa conosco. Até consulta, a assistente social marca pra nós no Postinho. Ela já deixa separada nossas vagas. Trazem sempre aqui, a enfermeira para aferir a nossa pressão e, se der qualquer problema, já chamam o motorista e nos leva para o Postinho. Então, isso não tem preço que pague. Nós percebemos o carinho que eles têm por nós; esse monte de velhos. (LUCILENE, entrevista em 14/09/2018).

Sempre gostei de fazer artesanato, mas gastava muito dinheiro comprando materiais. Depois que vim pra cá, aprendi com a professora e meus amigos a reciclar muitas coisas que jogávamos fora. E o bom, é que trabalhamos juntos e são muitas ideias. Produzo muito mais agora. (EDIVANILDE, entrevista em 14/09/2018).

O CRAS mudou totalmente a minha vida. Eu vivia sozinha em minha casa, depois que minha querida mãezinha morreu. Não via mais motivo nenhum para viver. Me fechei para a vida e não me permitia nenhuma amizade... Foi Deus quem colocou esse povo em minha vida. Eu só tenho a agradecer. Hoje, percebo que sou querida. Minha filha e meu neto vieram morar comigo. Tenho muitos amigos. (ASTROGILDA, entrevista em 12/09/2018).

Por último, como **sugestões de melhoria para o CRAS**, alguns dos alunos, idosos, salientam, “O CRAS é tudo de bom. Para mim, não precisa mudar nada. Sou muito feliz aqui. Tenho uma professora nota 10 e um monte de amigos.” (GENÉSIA, entrevista em 14/09/2018).

Para mim, não precisa mudar nada. A professora é uma pessoa maravilhosa e se preocupa com cada um de nós. Aprendo muito aqui e me sinto bem. Mas se pudesse ter um forrozinho com mais frequência, aí sim, eu diria que estava maravilhoso.” (CARMOSA, entrevista em 05/09/2018).

Em minha opinião, não tenho nada a reclamar. Está tudo muito bom. Dificilmente eu saio de casa. Moro com minha filha; mas, ela e meu genro trabalham o dia todo e eu fico em casa, sem poder sair, só assistindo televisão. Como você pode ver, tenho problemas nas pernas e não consigo andar muito, com essa bengala; então, [...] Se tivesse encontro todos os dias, eu iria amar. Aqui, tenho com quem conversar... (CREUZA, entrevista em 14/09/2018).

Diante de tantas afirmações, é perceptível a **segurança** que os idosos depositam no convívio com os profissionais do CRAS, o que assevera a afirmação “A professora é uma pessoa maravilhosa e se preocupa com cada um de nós.” Eles demonstram total satisfação com as atividades ali desenvolvidas, o que lhes proporciona estímulos permanente para uma vida mais ativa e mais saudável, tanto no campo mental, físico e afetivo.

“Tristeza não paga dívida; a pessoa tem que ser alegre.” (CREUZA, entrevista em 14/09/2018).

4.6 Entrevistas aos Profissionais

No Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, os encontros/aulas acontecem normalmente, duas vezes por semana, nos dias de quarta e sexta-feira, em um curto prazo de duas horas por dia, de 14h às 16h, e às vezes se estende por mais tempo; assim haja necessidade. E também acontecem os retiros em outros dias e quando há necessidade, muda-se o horário, a depender da turma.

Essas duas horas de encontro, por sua essência, equivalem a um dia. Essa afirmativa se concretiza nas palavras da professora, quando afirma: “Aqueles duas horinhas que eles passam aqui conosco, é que serve pra eles por um dia, porque eles saem daqui mais animados, mais fortes, nos agradecendo e dizendo que no próximo dia estarão aqui novamente e tudo mais [...]” (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Nesses dois encontros/aulas semanais, a equipe de profissionais do CRAS, realiza diversas atividades voltadas ao bem estar dos idosos, com o intuito de fortalecer os vínculos familiares e comunitários, elevando a sua autoestima.

O CRAS é uma unidade de proteção social básica do SUAS, que tem por objetivo prevenir a ocorrência de situações de vulnerabilidades e riscos sociais nos territórios, por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições, do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, e da ampliação do acesso aos direitos de cidadania. (ANDRADE et al, 2009, p. 9).

Nesse entendimento, a coordenadora do Projeto de Convivência, discorre,

No início temos que fazer o convencimento deles, de sair de uma vida acomodada em casa e poder participar de um grupo de amigos de sua faixa etária, e ali, poder trocar experiências, brincar um pouco, passear, dançar, sorrir, produzir algo etc. É incrível a garra e a união deles. Quando estão juntos, parecem crianças; brincam, conversam, um ajuda ao outro em tudo o que é realizado; eles aprendem e ensinam ao mesmo tempo. É realmente, uma troca de conhecimentos. Eles veem sentido no que lhes é transmitido e aproveitam cada orientação para fazer uso delas, também fora do CRAS. (RIZALVA, entrevista em 14 / 09 / 2018).

A professora orientadora mostra-se aberta a novos desafios. Está sempre em busca de atividades artesanais interessantes, que despertem a curiosidade dos idosos e que possam ser construídas com material reciclável; de dinâmicas que promovam a interação entre os idosos e familiares, e que impulsionem a fala, os comentários, para que todos se expressem sem medo e com confiança; Convida profissionais da saúde para comparecer aos encontros com os idosos; Busca palestrantes que venham a contribuir, de certa forma, com a aprendizagem dos idosos e profissionais da dança para descontrair e animar o grupo. E ainda proporciona retiros dentro e fora da comunidade.

Os idosos do grupo de convivência da terceira idade são ativos e levam muito a sério a sua presença e participação nos encontros/aula.

Os idosos daqui estão sempre na ativa. Eles gostam muito de movimento. Amam quando trazemos o professor de dança. Aqui, eles interagem entre si e esquecem qualquer problema que possam estar passando lá fora. Nosso objetivo é fortalecer os vínculos familiares e comunitários, e proporcionar uma vida mais saudável e tranquila para eles, valorizando a sua experiência e mostrando-lhes o seu valor como ser humano. (RIZALVA, entrevista em 14/09/2018).

O planejamento das atividades a serem desenvolvidas com o grupo de idosos, é quinzenal e envolve a equipe técnica do CRAS, psicóloga, assistente social e a orientadora social, professora do projeto de convivência na terceira idade. Por se tratar de um planejamento coletivo, dá mais segurança e autonomia à professora que passa mais tempo com os alunos, idosos.

O Secretário Municipal de Desenvolvimento Social, Sr. Ricardo Augusto, demonstra satisfação com o trabalho desenvolvido no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS – Portal da Família, em Pilar, Jaguarari – BA. Em sua fala, ele mostra entusiasmo e contentamento com o trabalho desenvolvido pelos profissionais que compõem a sua equipe de trabalho.

Nós tivemos o compromisso e a preocupação em montar a equipe completa do CRAS, justamente para que a população não sofra nenhuma perda em consequência de uma possível equipe despreparada. Então, nós temos lá, uma equipe (psicólogos, assistentes sociais e demais funcionários) super comprometidos com o trabalho. Desde a coordenação até os orientadores sociais; orientadores que trabalham especificamente com os idosos, crianças e adolescentes; e todos os outros profissionais que compõem a equipe contribuem para um bom resultado. (RICARDO, entrevista em 28/05/2018).

Reconhece que “O trabalho desenvolvido pela equipe de profissionais do CRAS – Portal da Família é feito com muito carinho e dedicação. Percebo o empenho desses profissionais e o cuidado dedicado a cada um dos participantes desse projeto”. (RICARDO, entrevista em 28/05/2018).

O Secretário ressalta ainda, que “O CRAS de Pilar tem um resultado muito significativo na sociedade e isso é muito gratificante pra gente ver que temos pessoas capazes e comprometidas com o desenvolvimento social daquela localidade”.

Em conversa com a assistente social do CRAS, a Sra. Maria das Vitórias, externou sobre **como acontece a divulgação do Centro de Referência da Assistência Social – CRAS,**

No início de cada ano, as técnicas (assistente social e psicólogas) do CRAS – Portal da Família, fazem visitas, pela comunidade, de porta a porta, através da busca ativa; apresentam o Projeto de Convivência realizado no CRAS, através de Panfletos e convidam as pessoas para uma reunião de apresentação do Projeto e posterior cadastro das crianças, adolescentes e idosos que apresentam alguma vulnerabilidade. (VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Por seu turno, **para ingressar no Projeto de Convivência da Terceira Idade, segundo a assistente social, são adotados alguns critérios:**

Que esteja na idade idosa, a partir de 60 anos, que viva em alguma situação de vulnerabilidade; tipo depressão, início de estresse, ou que viva em condição de isolamento; ou seja, isolamento, não é só estar trancado dentro de casa não. Pessoas que vivem só, por conta de um cuidador, por conta de que os filhos trabalham o dia todo e não tem tempo de sair, a pessoa vive só assistindo televisão e não tem outro tipo de lazer, de entretenimento, de ocupação. Então, a gente busca essas pessoas para melhorar a qualidade de vida. (VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Continuando a entrevista, a assistente social, salienta que alguns idosos apresentam, logo no início, **algumas resistências em ter que participar das atividades no CRAS;** pautando-se na distância, em dizer que não podem ir sozinhos, que as pernas doem etc. Nessas situações, a equipe do CRAS conta com um motorista que vai buscá-los e depois do encontro, os leva de volta às suas residências. “No início, eles têm uma pequena resistência; mas depois eles se identificam; acham tudo muito bom. Eles dão depoimentos de que o CRAS é tudo de bom e que não sabem

ficar sem as tardes do CRAS. Então, é muito gratificante para nós enquanto profissionais.” (MARIA DAS VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Relativamente ao **funcionamento e às atividades desenvolvidas no CRAS**, a assistente social descreve passo a passo como é distribuída a carga horária dos encontros/aulas e como é feito o “planejamento quinzenal com a professora e as técnicas”. Apresenta os idosos como “bem ativos, que gostam de movimento” e frisa o compromisso e responsabilidade deles, os idosos, que “são assíduos aos encontros; dificilmente algum falta”.

Os encontros/aulas com os idosos acontecem duas vezes por semana, às quarta e sexta-feira, com duração de duas horas, cada encontro. A turma do Projeto de Convivência da Terceira Idade é composta por 28 vinte e oito idosos, vinte mulheres e oito homens. Idosos esses, bem ativos, que gostam de movimento. Eles são assíduos aos encontros; dificilmente algum falta. E quando falta, manda um recado por um colega ou manda mensagem no grupo deles de whatsapp.

Todos os idosos do Projeto residem em Pilar, e vão à pé para os encontros no Centro de Referência da Assistência Social. Somente alguns deles, apresentam dificuldades de locomoção. Nesses casos, o motorista do CRAS tem a responsabilidade de pegá-los e levá-los de volta às suas residências.

Em relação às atividades desenvolvidas, há planejamento quinzenal, com a professora e as técnicas, para decidir o que será trabalhado durante a quinzena e providenciar o material necessário. (VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Quando questionada sobre **como os idosos são tratados assim que chegam ao CRAS**, a assistente social, relata que “eles têm um tratamento humanizado” e “ressocializam entre eles”, o que afirma ela, fazer toda a diferença. Nesse entendimento, é como dizer que eles se sentem à vontade, dentro daquele contexto, com várias pessoas de sua faixa etária.

Ao adentrar no CRAS, eles interagem uns com os outros; eles têm um tratamento humanizado e por sua vez, eles ressocializam entre eles. Porque não adianta eu dizer que vou ressocializar, vou resgatar alguém, vou melhorar a autoestima, se não os tratar com humanidade, com humanização. (VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Nesse mesmo juízo, a professora, emocionada, fala sobre alguns cuidados que devemos ter no dia a dia com nossos idosos e, que por algum motivo, deixamos passar os dias, os meses..., despercebidos do quanto estamos sendo omissos com eles.

Para mim, os idosos são estrelas que brilharam, brilharam, brilharam, e agora, agora, é que o brilho precisa ser lapidado. Tipo uma pedrinha de brilhante que você pega pra arrumá-la. Você passou o tempo inteiro com essa pedrinha e nunca se lembrou de dar uma limpada de nada. E aí, quando chega nessa idade aí que eles estão com a gente, é a hora de lapidar. Ter aquele cuidado pra não ter isso e isso. O cuidado da mente para não ficar assim ou assim assado; botar pra beber água pra não desidratar... Entendeu? É esse tipo de cuidado com eles. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Debruçando-se sobre o **tripé família, comunidade e CRAS**, é perceptível que há uma ligação entre eles. Os profissionais do CRAS preocupam-se em fortalecer os vínculos familiares para que haja maior harmonia e interação entre as famílias. Segundo a assistente social, “O CRAS é o Centro de Referência da Assistência Social. É através dele que fazemos a busca ativa ou a demanda espontânea. Tentamos resgatar, melhorar a qualidade de vida, fazer o acompanhamento familiar. O acompanhamento familiar é o carro chefe do CRAS.” (VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Ainda sobre o tripé família, comunidade e CRAS, a orientadora social, professora, afirma, “A comunidade é justamente o que compõe o CRAS. Porque o CRAS trabalha para a comunidade; com todos os tipos de Programas Sociais, com toda a faixa etária de crianças, adolescentes e idosos.” (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Nesse contexto, justifica-se a necessidade que a professora afirma ter em manter **contato com alguns membros das famílias dos idosos** que participam do Programa de Convivência da Terceira Idade. Ela declara: “Eu sempre tenho contato com alguns membros da família, preciso do apoio deles. Não posso cuidar dos idosos, ficar aqui com eles, sem ter conhecimento de alguns hábitos e costumes deles. Isso me ajuda a ajudá-los.” (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Em relação a esses cuidados, a professora, comenta alguns casos de familiares que lhe procuram no CRAS e/ou na rua; onde a encontram,

Tem um casal que a filha me abordou na rua e disse: “Minha mãe não gosta de beber água e eu tenho medo de uma hora, os rins de minha mãe parem de funcionar.” E eu disse: Não se preocupe. Essa aqui, eu vou tomar de conta. Enquanto ela tiver no CRAS, mais hidratada do que eu, ela vai tá!

Em relação a outra família, a própria esposa me procurou e me disse: “Olha, o meu marido está com ciúmes de mim. Eu entro no banheiro e quando eu saio, ele já está na porta perguntando: _ Quem é que está aí dentro do banheiro com você? Eu estava aqui ouvindo vocês conversar.” Esse tipo de situação, já é passado direto para as técnicas, para elas irem à casa daquele idoso, ver o que é que está acontecendo. Nós tentamos oferecer todo tipo de apoio. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

É nesse *feedback* entre os profissionais do CRAS, idosos e seus familiares que se justifica a necessidade de se manter uma relação intrínseca entre todos os envolvidos no projeto em questão.

Relacionado ao item **acompanhamento familiar**, a equipe técnica do CRAS (assistente social e psicóloga) fazem mensalmente, o acompanhamento quanto ao desenvolvimento do idoso,

Mensalmente, as técnicas vão lá na sala e chamam um por um, à sua sala, para uma conversa em particular. Ali, elas podem diagnosticar o seu desenvolvimento e a partir daí, tomar as medidas cabíveis para o bem estar do idoso. Quando necessário, se percebido alguma situação de risco social, vulnerabilidade, etc., elas convidam a família para uma conversa ou, vão até a residência do idoso. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Unido ao **acompanhamento do idoso**, a equipe do CRAS dá assistência às famílias e, em contrapartida, elas colaboram participando e ajudando a melhorar a qualidade de vida deles. É um trabalho interligado, onde um colabora com o outro em prol do bem de todos.

Quando questionadas sobre **como são definidos os tipos de atividades realizadas no CRAS**, a assistente social relata, “Alguma coisa que venha resgatar e melhorar o desempenho, a autoestima deles, dar informações sobre a prevenção de algumas doenças, a acessibilidade deles, a saúde mental e saúde física, a situação psicológica deles...” (VITÓRIAS, entrevista em 26/09/2018).

Nesse sentido, a coordenadora complementa:

As atividades a serem desenvolvidas quinzenalmente, com os idosos, são pensadas do maior problema para o menor. Depois de uma avaliação com os idosos, pensa-se em atividades que venham ajudar a diminuir os problemas encontrados. Planejam algumas dinâmicas, atividades artesanais, retiros e/ou palestras que toquem o assunto determinado e, no grupo, é trabalhado aquele entrave. (MARIA RISALVA, entrevista em 14/09/2018).

Nesse tocante, o Sr. Ricardo, Secretário Municipal, salienta a alegria e satisfação em participar de alguns encontros com os idosos,

O Serviço de Convivência, principalmente das idosas, enchem meus olhos, no sentido de ver pessoas ali que muitas delas tiveram perdas significativas em suas famílias, mas que não se dão por vencidas. Fazem parte dos grupos, dos serviços, dos encontros que os técnicos promovem no CRAS. E a gente sempre se surpreende por que elas têm muitas capacidades e ali são aflorados de certa forma seus talentos. Elas pintam, dançam, se divertem, contam piada. Enfim, elas estão o tempo todo ali se dedicando a viver. Fazer com que a vida tenha sentido. [...] Isso brilha os nossos olhos, por que nós somos tão jovens e às vezes estamos tão preocupados com outras coisas e quando participamos de um encontro com elas, nossa força e até a nossa fé é revigorada por ver naquelas mulheres a força e a coragem de continuar viver sonhando. (RICARDO, entrevista em 28/05/2018).

Abordando as **principais dificuldades apresentadas pelos idosos no dia a dia**, a professora relata, “Por incrível que pareça, o meu grupo não tem! Mas, eu estou num perrengue danado pra os fazer beber água, porque eles dizem que não gosta. E até água aromatizada eu estou trazendo. Mas fora isso, nenhum problema, graças a Deus!”

Quando solicitada a comentar uma **experiência que considera uma conquista** no CRAS, a professora, emocionada, assevera sobre um caso que marcou a sua vida, e que a “deixa muito feliz”. Ela declara “Chorei de emoção!”

Uma coisa que me deixa feliz, é saber que eu contribuo com a felicidade de muitos deles. E às vezes, até ajudo a mudar de vida. Como no caso de uma idosa, que hoje, é participante do grupo de convivência. Ela morava sozinha com sua mãe e eram muito apegadas. Certo dia, sua mãe faleceu e ela entrou em depressão e não queria mais nem sair de casa. Perdeu o estímulo pra tudo e dizia que não queria mais viver. Passou a usar somente roupas preta. Ela costumava ficar em sua casa durante o dia e, à noite, ia dormir no cemitério, do lado da cova da mãe. Certo dia, alguém comentou essa história aqui no CRAS, e nós, fomos atrás dela. Não foi fácil trazê-la para os encontros, mas fizemos um trabalho incessante de busca. [...] Aos poucos, ela foi se deixando envolver pela turma que a tratava com muito carinho. Ensinei-a como fazer fuxico e dei uns retalhos de tecido para que ela também fizesse em sua casa [...]. Ela pegou gosto por fazer fuxico, e em todos os encontros, ela me pedia mais retalhos. Me disse que ia fazer sozinha, uma colcha de fuxico. E fez, a danada. [...] Chorei de emoção! É esse tipo de experiência que me faz pensar com muito carinho que estamos lidando com vidas, e algumas, muito frágeis! [...].

Ela continua,

Tem também uma senhora que se ficar sem vim para o CRAS, ela cai em depressão. Eu não sei se você já ouviu um áudio dela no grupo, quase chorando, porque esqueceram de ir buscá-la. [...] Então aquilo ali mostra-se que tem vínculo entre o grupo, e que esse vínculo faz bem, [...]. Aquela distância, o sol quente, e ela vem. E pra mim, isso é muito agradável! Eu chamo ela de “Meu Anjinho”. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

As experiências relatadas pela professora comprovam o cuidado, o carinho e a atenção dedicada a cada um desses idosos partícipes do projeto de convivência, “... estamos lidando com vidas, e algumas, muito frágeis!”, o que mostra a existência de vínculo de amizade, respeito, compromisso e carinho pelo próximo.

Ao ser questionada sobre uma **atividade realizada com os idosos onde foi percebido um maior entusiasmo** dos participantes, a professora relata sobre o desenvolvimento dos alunos e salienta uma de suas dinâmicas,

Tudo o que eles fazem, eles tentam realizar com o maior capricho. Eu fico encantada com a atenção deles quando estamos explicando alguma coisa; e quando eles trazem algo que construíram em suas casas, para apresentar à turma. Mas uma coisa que eu não esqueço, foi aquele dia em que nós estávamos fazendo aquela dinâmica da corda. Você lembra? Quando você disse: _ Céu! Todos correram para o seu lado e ficaram dois comigo. O senhor Raimundo e o senhor Francisco. E eu disse: _ Aqui é o inferno. E eles disseram: _ A gente fica aqui mesmo com a senhora! Eu não esqueço aquilo ali, não. Tem prova de amor maior que essa? (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

De acordo com o depoimento da professora, é pertinente afirmar que existe confiança, interação, carinho e muito respeito entre eles. É perceptível nos rostos de cada participante ali presente, a satisfação e o prazer em participar das atividades ali desenvolvidas.

No tocante à **mudança de comportamento dos idosos** partícipes do Projeto de Convivência da Terceira Idade, a professora fala com segurança,

[...] Houve diferença de mais! A felicidade é estampada! Um sorriso lindo! Quando chega no CRAS e onde eu os encontro. Há diferença também dentro de casa. Eu já fiz um questionário com filhos, genros, noras, marido e depois com eles mesmos; onde a gente viu a diferença de comportamento deles, depois desse grupo.

A professora continua,

O que é que acontece? Através do nosso trabalho, das nossas dinâmicas, a gente nota a diferença porque é transmitido de volta pra nós em forma de carinho. A recompensa da diferença deles, eles nos mostram em forma de carinho. Enquanto isso, as técnicas, psicóloga e assistente social do CRAS, já têm feito a sua avaliação e elas vão vendo a melhora deles. [...] Aquelas duas horinhas que eles passam aqui conosco, é que serve pra eles por um dia, porque eles saem daqui mais animados, mais fortes, nos agradecendo e dizendo que no próximo dia estarão aqui novamente e tudo mais... Entendeu? É esse tipo de coisa. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Em conformidade com os depoimentos, é pertinente afirmar que o trabalho desenvolvido no CRAS envolve muito amor, dedicação, respeito e valorização pelo próximo, o que é perceptível no rosto de cada idoso ali presente, “A felicidade é estampada! Um sorriso lindo!”; e a recompensa por essa mudança de comportamento dos idosos, “... é transmitido de volta pra nós em forma de carinho.”

Por fim, como **sugestão de melhoria para o CRAS**, a professora sugere,

Eu acho, que poderiam ser aumentadas as horas dos encontros aqui; para ter mais tempo com eles; porque é prazeroso, e eles mesmos dizem: “As horas aqui passam rápido demais e lá em casa, é uma demora danada.” Então, o que eu gostaria, era que eles pudessem passar um dia dentro do CRAS, fazer um almoço dentro do CRAS, com eles mesmos cozinhando entre si, pra a gente ver o comportamento deles, esse tipo de coisas assim, eu gostaria... (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Frases da professora, orientadora social,

“Fico triste de saber que existem muitos filhos que não dão valor à seus pais idosos, e os deixam sem cuidados, esquecidos em um canto da casa.” (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

“Aqui eles só fazem o que querem. Eu quero que eles sintam-se bem, aqui. Eu digo sempre a eles que esse espaço é somente para ser feliz!” (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

PARTE IV - TRIANGULAÇÃO

5 Triangulação de dados

Nessa fase do trabalho, intencionamos identificar as variáveis explicativas sobre os dados coletados.

“Após o trabalho de campo e o acesso aos “dados” coletados, ou seja, trata-se do início da interpretação [...]” (Macedo, 2009, p. 96). “[...] em realidade, a interpretação se dá em todo o processo de pesquisa. Há, é claro, um dado instantâneo de ênfase na construção e sistematização analítica e interpretativa [...]” (Idem, p. 97). O que nos remete à *saturação dos “dados”*, momento em que se faz uma análise e interpretação mais sistematizada do conjunto do *corpus empírico*; e posterior processo de *redução*. Segundo Macedo, (2000, p. 203), “O propósito deste momento é *distinguir* – sem fragmentar e sem perder suas relações – o objeto da consciência, isto é, os acontecimentos, as pessoas, as emoções ou outros aspectos que constituam a experiência”.

A recolha de informações imediatas dos idosos do Grupo de Convivência da Terceira Idade se deu durante todo o processo de investigação, com o propósito da compreensão das práticas pedagógicas desenvolvidas no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS para determinar se nelas há Inovação Pedagógica.

A interpretação do conteúdo alcançado por meio das observações e das entrevistas nos mostrou o encontro de diversos elementos comuns. Assim, correlacionamos essas informações, descritivamente, para tornar sintético o resultado final. Para isso, fizemos a triangulação dos dados removidos dos elementos ditos como essenciais.

Como citado antes, “*triangulação* não significa fechar-se em três ângulos de compreensão, mas, acima de tudo, trabalhar com vários ângulos, ampliar os contextos de emergência do fenômeno que estudamos e enriquecê-lo também em compreensão.” (MACEDO, 2009, p. 102).

Nesse viés, é bom frisar que uma pesquisa firmada na triangulação prevê os diversos ângulos de análise, as diversas necessidades de recortes e ângulos para que a visão não seja limitada e o resultado não seja restrito a uma expectativa. Segundo Macedo (2000, p. 205), [...] *triangulação* é um dispositivo onde o etnoperquisador apela na construção do seu instrumental analítico para diversos meios, diferentes abordagens e fontes para compreender e explicar um dado fenômeno, [...].

Os resultados obtidos, tanto nas observações como nas entrevistas, mostraram que os idosos encaram as atividades desenvolvidas no CRAS, como algo atraente, sedutor, benéfico e necessário ao bom desempenho do processo de aprendizagem que se torna útil dentro e fora dos muros da escola.

Assim, alguns alunos, idosos, salientam, “Tenho o CRAS como minha segunda casa, [...] um lugar onde sou acolhida com muito carinho. [...] Aqui, só trabalhamos em grupo, um ajudando o outro. Nunca mais me senti sozinha”. Pereira, (entrevista em 21/09/2018); “Aqui eu aprendi muitas coisas, principalmente, a ter uma vida mais alegre e saudável”. Perpétua, (entrevista em 19/09/2018). Para Gislene, (entrevista em 14/09/2018); pensar no CRAS significa “Ocupação da mente, convivência agradável, estímulo de vida”.

Com essas e outras afirmações, ouvidas em entrevistas e nas observações realizadas, verificamos a satisfação dos idosos em participar do Grupo de Convivência da Terceira Idade.

Constatamos a interação e a cooperação entre os alunos, idosos, sobretudo quando são desafiados em suas potencialidades. Conferimos, também, que valorizam os trabalhos manuais ali realizados, dando significado à aquisição da aprendizagem, que a utilizam de forma produtiva dentro e fora da unidade do CRAS.

[...] Aqui eu aprendi a fazer tanta coisa linda! Lembra do peso de porta que nós fizemos? Deu um trabalho danado pra fazer as florezinhas de fuxico. Aí eu vi que o da Gislene estava ficando lindo; eu pedi ajuda a ela e rapidinho o meu também ficou lindo. [...] Todo mundo pergunta onde comprei. (JOSEFA, entrevista em 21/09/2018).

Acrescentou D. Pereira, (entrevista em 21/09/2018), “Aqui no CRAS nós trabalhamos assim, um ajudando o outro, e assim, todo mundo consegue fazer tudo o que é proposto”.

Averiguamos, ainda, que apreciam as instruções trazidas pelos palestrantes e membros do Serviço de Convivência (Dentista, Enfermeiro, Fisioterapeuta, Assistente Social, Psicóloga, Conselho Tutelar etc.), dando significado à aprendizagem e interagindo com seus saberes.

Graças a Deus, nós temos todo apoio da sociedade em relação às atividades realizadas com nossos idosos. Sempre que necessitamos de algum profissional para conversar um pouco com eles, os idosos, somos atendidos. Eu observo que eles gostam de ouvir os palestrantes. Você vê como ficam atentos, interagem com seus exemplos e opiniões a respeito de cada assunto. É tanto, que os palestrantes saem daqui encantados com a espontaneidade e a sabedoria deles. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Igualmente, ficou demonstrado, nas observações e entrevistas, que esse entrosamento de culturas e saberes distintos corroboram para aquisição de uma aprendizagem significativa.

Tudo o que eu aprendo aqui, eu uso em minha vida. Com as palestras aprendo a como viver melhor; os meus direitos, e gosto também de dar minhas opiniões e ouvir a dos outros. E com as atividades artesanais que aprendo aqui, dou continuidade em minha casa, procurando outros objetos recicláveis para reutilizá-los. Divirto-me bastante com as dinâmicas e não perco um retiro. (SOLEDADE, entrevista em 14/09/2018).

Nossos retiros não é só para diversão não. Nós também aprendemos muito com eles. E nossa professora faz questão de botar todos nós para participar de tudo o que é apresentado. No dia em que fomos para o Clube, tivemos aula de dança, brincamos bastante e eu lembro que foi nesse dia que eu aprendi a jogar dominó. Depois ensinei à minhas vizinhas e de vez em quando, nós jogamos dominó, apostado, lá em casa. (CELESTE, entrevista em 03/10/2018).

Em conformidade com os depoimentos da Sr.^a Soledade e da Sr.^a Celeste, mais duas alunas, idosas, acrescentam, “[...] Nunca esqueci o dia em que Ana nos ensinou a fazer sabão com óleo usado. Aprendi direitinho e depois ensinei à minha filha, que disse que também ia ensinar às vizinhas dela”. (GENÉSIA, entrevista em 14/09/2018); “Lembra a colcha de fuxico que fizemos em conjunto e depois a professora sorteou? Ficou a coisa mais linda! Depois daquele dia, inventei um monte de coisas utilizando fuxico. (ZORAIDE, entrevista em 05/10/2018).

Relativamente aos depoimentos dos idosos, a professora expõe, “Eu quero que quando esses idosos, mais tarde, olharem em uma parede de suas casas, ou na cozinha, que encontrem alguma coisa, algum objeto, enfeitando ou servindo de utensílio em suas casas, que lembrem que aprenderam aqui no CRAS.” (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Além disso, foram cruzados os dados provenientes dos resultados referentes ao interesse e empenho dos alunos em relação à aprendizagem de transformação de objetos recicláveis em novos objetos. Esse elemento foi bastante significativo, pois além de demonstrar o enorme interesse dos alunos em relação ao produzir artesanato, fez com que despertasse o interesse em reutilizar outros materiais recicláveis, como também, revelou maior autonomia e liberdade dos alunos ao inventar novos objetos.

Me sinto realizada ao ver o brilho nos olhos de cada um desses idosos quando realizam atividades artesanais; a ajuda mútua entre eles no desenrolar da atividade. Fico mais feliz ainda quando algum deles resolve modificar o objeto apresentado. Isso mostra que eles ganharam confiança e constroem juntos a sua aprendizagem. Na realidade, eles vão sempre além do que foi planejado. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Nesse tocante, 87,5% dos alunos, idosos, do sexo masculino, entrevistados, afirmaram ter aprendido a reutilizar materiais recicláveis, o que lhes causou muita satisfação.

[...] aprendo também a produzir vários objetos utilizando materiais recicláveis. Outro dia, a professora nos ensinou a fazer uma “dama” utilizando papelão e tampinhas de refrigerante. Já fizemos também um jogo de dominó com caixinhas de fósforo, e muitos objetos que servem de uso lá em casa. É bem interessante produzir essas coisas; leva a gente a ficar imaginando outros jogos ou objetos que podemos fabricar sem gastar quase nada, usando o que já temos em casa. (FRANCISCO, entrevista em 03/10/2018).

Em relação ao sexo feminino, a quantidade de idosas que afirmou ter aprendido a reutilizar materiais recicláveis foi menor, 50%, o que já era esperado, pois é comum, nas mulheres, o hábito de reutilizar algumas coisas; o que não fez com que diminuísse o entusiasmo e empolgação em adquirir novos conhecimentos. Gislene (entrevista em 14/09/2018), “Pra mim, fazer artesanato é maravilhoso! E aproveitar o que já temos em casa para transformar em algo novo, é melhor ainda! Sou muito grata à professora que sempre traz algo novo para nos mostrar e nos incentivar a criar mais coisas. Amo tudo isso!”

Em concordância com os depoimentos dos idosos, a professora, afirma: “Estou sempre à procura de algo novo que os inspire a dar continuidade. Temos que ocupar a nossa mente para não darmos espaço à pensamentos negativos”. (EDGLEIDE, entrevista em 28/09/2018).

Em conformidade com as falas dos funcionários entrevistados, é perceptível a preocupação, o entusiasmo e compromisso com o trabalho realizado no CRAS, com o objetivo de “melhorar a qualidade de vida” dessas pessoas que vivem em situações de vulnerabilidade.

As inferências mais comuns referem-se às implicações relacionadas à forma como os idosos evidenciam uma grande vontade de aprender; adquirir novos conhecimentos, de como ocupar seu tempo livre, de forma saudável e produtiva, em meio à sociedade. Essa inferência, ainda, revelou os sentimentos, a expectativa e as maneiras como eles utilizam seus novos conhecimentos nos seus cotidianos.

Também, os registros de campo recolhidos, nas observações participantes e nas várias atividades do cotidiano dos idosos, permitiram conferir que eles, os idosos, constroem seu próprio conhecimento.

É notória a satisfação dos alunos, idosos, com a **prática desenvolvida pelos profissionais do Centro de referência da Assistência Social – CRAS – Portal da Família** pois:

Evita que permaneçam em casa assistindo televisão;

Possibilita o aumento e a manutenção de contatos sociais evitando a solidão;

Mantem os indivíduos atualizados relativamente às informações quotidianas;

Aumenta a atividade física e o bem-estar psicológico.

É de referir que os profissionais que compõem a equipe do CRAS demonstram empenho e dedicação ao trabalho realizado tanto com o grupo dos idosos, quanto das crianças e jovens.

Nesse entendimento, percebe-se que as atividades planejadas e executadas no CRAS, com o grupo de convivência da terceira idade têm significado positivo na vida dos idosos. As práticas pedagógicas utilizadas pela orientadora social, professora, condizem com uma nova realidade; rompe com as práticas tradicionais, pois permite que os alunos, idosos, usem de sua imaginação para produzir novos conhecimentos.

Se professor e alunos são parceiros, eles se permitem motivar-se e adaptar-se ao termo inovação.

Nesse sentido Fino (2011), explica que:

[...] “a inovação pedagógica passa pela criação de novos contextos de aprendizagem, desenhados à luz do desenvolvimento dessas ciências e implicando alterações qualitativas na tal componente técnica que regula a prática partilhada pelos aprendizes e pelo professor. (FINO, 2011, p. 102).

Nesse entendimento, a inovação pedagógica que se almeja está presente na manifestação apesar de diversas expectativas de inovação que ainda não são colocadas em prática. Ainda Fino,

“[...] Nos nossos dias de desregulação e de crise insistente, o *kit* de sobrevivência requer outras habilidades obrigatórias, como autonomia, criatividade, pensamento crítico, capacidade de absorver mudança, lidar com o inesperado, aprender de forma permanente. E os ambientes de aprendizagem, escolares ou não, devem proporcionar a aquisição dessas novas habilidades, nomeadamente permitindo e encorajando o exercício delas.” (Ibidem, 2011, p. 104).

O cruzamento de todos os dados nos permitiu considerar que a prática pedagógica utilizada pelos profissionais do CRAS contribui com o bom desenvolvimento afetivo e aquisição do conhecimento com qualidade, pois produz ambiente inovador á aprendizagem, o que proporciona aos idosos partícipes do Projeto de Convivência da Terceira Idade maior autonomia e melhor qualidade de vida.

Conclusão

Com base em dados sobre o aumento da expectativa de vida, em especial, a dos brasileiros, a presente pesquisa teve como meta verificar possíveis atividades pedagógicas que ocupassem a vida dessas pessoas com mais idade. Essas atividades deveriam estar associadas à verdadeira construção do saber por tais pessoas, as quais adquiriram, ao longo de suas vidas, inúmeras experiências.

Nesse sentido verificamos que, no Brasil, o número de pessoas idosas, com idade superior a 60 anos, vem crescendo muito, o que induz o governo a pensar em políticas públicas que atendam de forma adequada e eficaz essa parcela numerosa da população. “De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) o número de pessoas com idade superior a 60 anos chegará a 2 bilhões de pessoas até 2050; isso representará um quinto da população mundial.” (Jornal da USP, 7 jun. 2018).

Para que os idosos tenham qualidade de vida, é preciso garantir direitos em demandas de saúde, trabalho, assistência social, educação, cultura, esporte, habitação e meios de transportes. No Brasil, esses direitos são assegurados pela Política Nacional do Idoso, bem como o Estatuto do Idoso, sancionados em 1994 e em 2003, simultaneamente.

Diante da temática Práticas Pedagógicas na Convivência da Terceira Idade, com o objetivo de constatar a presença da inovação pedagógica e apurar se aconteceram transformações no dia a dia dos idosos, expondo como alvo principal a prática pedagógica exercitada nas aulas do Projeto de Convivência na Terceira Idade, desenvolvida no Centro de Referência da Assistência Social – CRAS, foi nosso intuito verificar como são desenvolvidas as práticas pedagógicas que permitem a aprendizagem dos alunos idosos.

Com esse propósito, iniciamos a dissertação refletindo sobre a aprendizagem na terceira idade. Abordamos, no primeiro capítulo, a parte do Enquadramento Teórico, discorrendo sobre Educação Contemporânea e a Inovação Pedagógica. Apresentamos a escola e o paradigma fabril trazendo o seu histórico e importância para a educação. Em seguida, apresentamos o conceito de Inovação Pedagógica, que norteou a respeito da perspectiva de prática pedagógica inovadora no contexto escolar, demonstrando que esta visa à produção de novos âmbitos do conhecimento.

Debatemos sobre a influência e a importância do uso das TICs no campo educacional. Expomos a Aprendizagem Colaborativa e seu processo de interação. Foi trazido, então, ao diálogo, a Terceira Idade, exibindo seu histórico desde a antiguidade até os dias atuais; Também foi exposto o Envelhecimento Demográfico no Brasil e o Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, onde foi desenvolvida esta pesquisa.

Após discorrer sobre a terceira idade, no segundo capítulo, retratou-se o trajeto metodológico tomado, tecendo relações entre a tipologia escolhida, os procedimentos e instrumentos utilizados na coleta das informações e o protocolo de análise de dados assumido. Ainda nesse capítulo, foi apresentado o locus e os sujeitos da pesquisa.

Tendendo proferir conhecimento e ação, ciência e saber popular, optamos por uma pesquisa centrada na metodologia de estudo de caso com cariz etnográfico, de modo que houve observação de forma direta e participante nos encontros/aula do Projeto de convivência na Terceira Idade. Em conformidade com a observação, foram utilizadas as técnicas de recolha de dados, como diário de campo, entrevistas, fotografias, assim liberadas e consentidas pelos alunos idosos partícipes do projeto.

Os encontros/aulas foram observados com o auxílio do diário de campo na descrição de todo o cenário ali vivenciado. Foram aplicadas entrevistas, diretamente com os alunos, dentro e fora da instituição do CRAS, e efetivou-se o registro de imagens das aulas, das ações metodológicas, dos processos dialogados e das novas construções, para investigação dos dados, tendo em vista a problemática em questão, a ser analisada criteriosamente, com a intenção de responder à problemática de pesquisa.

Diante das observações feitas nos encontros/aulas do Projeto de Convivência na Terceira Idade, ficou constatado que os idosos evidenciam uma grande vontade de aprender. Eles interagem entre si e participam de todas as atividades propostas pela educadora social do projeto, em sala de aula ou fora desta. Verificamos total empenho por parte deles, seja em produzir alguma atividade artesanal, ou ensinar e aprender juntos alguma atividade lúdica, como as regras de um jogo, dinâmicas ou passos de alguma dança etc., participam ativamente sempre trabalhando em conjunto, um ajudando o outro, na maior empolgação.

Os idosos, são bem comunicativos e deixam claro, em suas falas, que não se sentem velhos, pois realizam atividades que muitos jovens não enfrentariam. Ali, eles conquistam novas amizades,

preenchem o tempo com alegria, e não ficam, como muitos que, ao se aposentarem, pensam já terem feito tudo o que tinham de fazer na vida e, por isso adotam uma cadeira de balanço, a chamada “Preguiçosa” para, na frente da casa, olharem o movimento da rua, vendo o tempo passar.

Diante do exposto, a pesquisa decorreu com a realização da análise e interpretação dos dados recolhidos em campo. Os elementos da observação foram investigados visando identificar se a inovação pedagógica se fazia presente dentro das práticas pedagógicas do Projeto de Convivência na Terceira Idade.

No decorrer da investigação, averiguamos que os idosos aprovam as práticas pedagógicas utilizadas pela professora orientadora do projeto de Convivência na Terceira Idade. Eles salientam com clareza que aprendem muito, ali; desde como manter uma vida saudável, seus direitos garantidos por lei e como utilizar melhor o seu tempo livre, construindo alguns objetos úteis à sua vida através da reciclagem, além de vivenciarem a prática da atividade física e dos cuidados com a saúde.

Relativamente, os investigados afirmam gostar de participar das atividades ali desenvolvidas: os retiros que acontecem de vez em quando, tanto dentro da própria comunidade como em interação com os idosos de comunidades vizinhas; das palestras que lhes proporcionam o desejo de participar com depoimentos pessoais; das dinâmicas de integração que envolve a todos; das atividades artesanais que são produzidas em conjunto, utilizando-se material reciclável na produção de algo diferente do apresentado; de fazer novas amizades, do respeito que há entre todos; das comemorações e apresentações que envolve a comunidade e seus familiares e não esquecendo da dança, zumba e forró, que anima toda a turma.

Diante das experiências vivenciadas nos encontros/aulas do Projeto de Convivência na Terceira Idade, concluiu-se que as práticas pedagógicas ali desenvolvidas se configuram como significativas e apresentam traços de inovação pedagógica pois os alunos são construtores de seu próprio conhecimento e os professores são mediadores na construção da sua aprendizagem.

No tocante ao fato da participação ativa do discente, verificamos que cada aluno tem autonomia para opinar sobre o conteúdo do próximo encontro/aula, debater o assunto trabalhado, dando sua opinião. Além disso, é incentivado a produzir, ousar, buscar, questionar, o que o leva a atingir uma aprendizagem mais sólida; ser protagonista da sua própria aprendizagem. Professores e

alunos, trabalhando juntos, motivam-se e adaptam-se a uma metodologia de concretização da aprendizagem de maneira diferenciada.

Nesse entendimento, constatamos que os idosos têm consciência da importância do CRAS em suas vidas. Alguns o consideram como a sua segunda casa e deixam claro que sentem-se respeitados, valorizados e amados naquele ambiente.

Os idosos, falam claramente que, após participarem desse projeto de convivência, saíram do sedentarismo e estão aprendendo a viver melhor. Mudaram seus hábitos e costumes, preencheram seu tempo livre, tornando-se pessoas mais alegres e saudáveis, num contexto onde consideramos que existe inovação pedagógica.

Referências

ACONTECE. Jaguarari. **Distrito de Pilar está preparado para sua emancipação**. 2017. Disponível em: <http://www.jaguarariacontece.com.br/2017/03/por-luiz-farias-marco-3-2017-0-61-com.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

ANDRADE, Priscilla Maia de; ALMEIDA, Aidê Cançado; LIMA, Almeida Helena Ferreira de. **Orientações Técnicas**: Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/ Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 72 p., 2009. Disponível em: http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/orientacoes_Cras.pdf. Acesso em: 30 jul. 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. 18ª ed., Campinas, SP: Papirus, 2012.

BAPTISTA, Isabel. **Educação e Terceira Idade (ou a aprendizagem da maturidade)**. Porto, 2000. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=99&doc=8316>. Acesso em: 24 mar. 2018.

BEHRENS, Maria Aparecida. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica**. 6ª ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BELL, Judith. **Como Realizar um Projecto de Investigação**: Trajectos. 5ª ed., Lisboa, Gradiva Publicações, S.A., 2010.

BELLO, Olidnéri. **Família e docentes em busca de resultados satisfatórios em educação**. In: EDUCARE: Revista Científica do Colégio Militar de Fortaleza, Publicação Semestral, Fortaleza, CE, v. 3, n.3, 186 p., Mar. 2011. Disponível em: http://www.cmf.eb.mil.br/revista_educare/RevistaEducareCMF_MAR2011.pdf. Acesso em: 26 jul. 2018.

BELO, Fátima. **SUPERVISÃO (SUPER VISÃO) UMA EXPERIÊNCIA**. In: MENDONÇA, Alice; BENTO, António (Org). Educação em Tempo de Mudança: Liderança | Currículo | Inovação | Supervisão. 2ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-UMa: ITC – Porto, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Bíblia. **Edição Pastoral**. São Paulo: PAULUS, 1990.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Coleção Ciências da Educação. Portugal: PORTO EDITORA, LDA, 1994.

BRAZÃO, Paulo. **A Prática Social, a Tecnologia e a Construção do Currículo**. In: MENDONÇA, Alice; BENTO, António (Org). Educação em Tempo de Mudança: Liderança | Currículo | Inovação | Supervisão. 2ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-UMa: ITC – Porto, 2010.

_____. **O Diário Etnográfico Eletrônico, um instrumento de investigação:** Três Testemunhos. In: FINO, Carlos Nogueira. Etnografia da Educação. FINO, Carlos Nogueira. (Org.). Centro de Investigação em Educação - CIE-UMa, 2011.

BRETAS, Valéria. **Quem são e como vivem os idosos no Brasil?** 2016. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/quem-sao-e-como-vivem-os-idosos-do-brasil/>. Acesso em: 14 mar. 2018.

BRUMANO, Renata. **Serviço:** Saiba quem pode receber o benefício assistencial LOAS. 2014. Disponível em: <http://www.previdencia.gov.br/2014/10/servico-saiba-quem-pode-receber-o-beneficio-assistencial-loas/>. Acesso em: 23 out. 2018.

BUENO, Silveira. **Dicionário de Língua Portuguesa.** São Paulo: Didática Paulista, 1999.

CARMO, H.; FERREIRA M. M. **Um estudo etnográfico numa organização educativa:** a influência da liderança no contexto escolar. In: Etnografia da Educação. FINO, Carlos Nogueira. (Org.). Centro de Investigação em Educação - CIE-UMa, 2011.

CELICH, Kátia Lilian Sedrez. Revista Mineira de Enfermagem – REME. Vol.14.2, Copyright 2019. 15 ago. 2008. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/110>. Acesso em: 19 jun. 2019.

CORREIA, Fernando. **Aprendizagem Colaborativa.** In: MENDONÇA, Alice; BENTO, António (Org). Educação em Tempo de Mudança: Liderança | Currículo | Inovação | Supervisão. 2ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-UMa: ITC – Porto, 2010.

DUARTE, Ana Cristina. **Aprende a Ler Imagens na Escola?** In: FERNANDA, Gouveia; PEREIRA, Gorete. (Org.). Didática e Matemática. 1ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-UMa. 2016.

FARIAS, Luiz. **Distrito de Pilar está preparado para sua emancipação:** Com cerca de 15 mil habitantes a população busca sua emancipação para um maior esenvolvimento social, econômico e mais qualidade de vida para seus moradores. Jaguarari Acontece. 2017. Disponível em: <http://www.jaguarariacontece.com.br/2017/03/por-luiz-farias-marco-3-2017-0-61-com.html>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FINO, Carlos Nogueira. **Um novo paradigma (para a escola):** precisa-se. In: FORUMa – Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira, 1, 2. Funchal: 2001. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes.htm>. Acesso em: 22 jun. 2017.

_____. **FAQs, Etnografia e Observação Participante.** In: SEE – Revista Europeia de Etnografia da Educação, 3. pp. 95 - 105, 2003. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/20.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2017.

_____. **Inovação Pedagógica:** Significado e Campo (de investigação). In: MENDONÇA, Alice; BENTO, António (Org). Educação em Tempo de Mudança (pp. 277-287). Funchal: Grafimadeira. 2008. Disponível em: http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Inovacao_Pedagogica_Significado_%20e_Campo.pdf. Acesso em: 02 jun. 2017.

_____. **Demolir os muros da fábrica de ensinar**. *Humanae*, v.1, n.4, p. 45-54, Ago. 2011. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/h-4-4carlosNogueiraFino.pdf>. Acesso em: 22 maio 2017.

_____. **Investigação e Inovação (em educação)**. In: *Pesquisar para mudar (a educação)*. FINO, Carlos Nogueira; SOUSA, Jesus Maria. (Org.). Centro de Investigação em Educação - CIE-UMA, 2011.

_____. **Etnografia da Educação**. FINO, Carlos Nogueira. (Org.). Centro de Investigação em Educação - CIE-UMA, 2011.

FINO, Carlos Nogueira; SOUSA, Jesus Maria. **As TIC redesenhando as fronteiras do currículo**, in *Revista Educação & Cultura Contemporânea*, 3 (2), 53-66 1º Semestre. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá. 2005. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/17.pdf>. Acesso em: 23 maio 2017.

GALEFFI, Dante. **O Rigor nas Pesquisas Qualitativas**: uma abordagem fenomenológica em chave transdisciplinar. In: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. *Um rigor outro sobre a questão da qualidade na perspectiva qualitativa: Educação e Ciências Antropossociais*. Salvador: EDUFBA, 2009.

GOUVEIA, Fernanda; PEREIRA, Gorete. **Didática e Matética**. FERNANDA, Gouveia; PEREIRA, Gorete. (Org.). 1ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-UMA. 2016.

HOLLANDA, Ana de; ROLLEMBERG, Márcia. **Diversidade Cultural**. 2012. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/artigos/-/asset_publisher/WDHIazzLKg57/content/diversidade-cultural-523513/10883. Acesso em: 20 mar. 2018.

LAGHIGNA, Anna. **Aprendizagem colaborativa**: uma entrevista com a especialista Anna Laghigna. Co-Lab. Collaborative Education Lab. Etwinning. 31 mar. 2017. Disponível em: <https://www.etwinning.net/pt/pub/highlights/collaborative-learning-an-int.htm>. Acesso em: 1 jan. 2019.

LAPASSADE, Georges. **As Microsociologias**. (Série Pesquisa em Educação). vol. 9, Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LDB - **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei nº 9.394. Senado Federal. Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf. Acesso em: 15 jan. 2018.

LOPES, Alzira. **Viver a 3ª idade como a melhor idade**. São Paulo: O Recado, 2002.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnografia Crítica e Multirreferencial nas Ciências Humanas e na Educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.

_____. **Currículo**: campo, conceito e pesquisa. 6. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a questão da qualidade na perspectiva qualitativa: Educação e Ciências Antropossociais.** Salvador: EDUFBA, 2009.

MENDONÇA, Alice. **O Futuro da Escola Pública.** MENDONÇA, Alice. (Org.). 1ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-Uma. 2013.

Ministério do Desenvolvimento Social. **Conheça o Centro de Referência de Assistência Social.** 2011. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2011/10/conheca-o-centro-de-referencia-de-assistencia-social/#acontent>. Acesso em: 19 mar. 2018.

MÓNICO, Mendes. et al. **ENVEJECIMIENTO POSITIVO Y SOLIDARIDAD INTERGENERACIONAL.** International Journal of Developmental and Educational Psychology. In: INFAD Revista de Psicologia, Nº 2-VOL.1, 2012. ISSN: 0214-9877. pp: 33-42. Disponível em: http://infad.eu/RevistaINFAD/wp-content/uploads/2013/03/INFAD_020124_33-42.pdf. Acesso em: 11 out 2018.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente.** 7ª ed., Campinas, SP: Papirus, 2001.

MORIN, Edgar. **É preciso educar os educadores.** O Globo. RANGEL, Andrea. São Paulo: FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, 2017. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/.../entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores>. Acesso em: 06 fev. 2018.

OLIVEIRA, Alice Carrijo de. **Língua Portuguesa: minidicionário.** 1ª ed., Blumenau: Vale das Letras, 2011.

PAPERT, Seymour. **A família em rede – Ultrapassando a barreira digital entre gerações.** Lisboa: Relógio D' Água, 1997.

_____. **A máquina das crianças: Repensando a Escola na Era da Informática.** Tradução Sandra Costa. – ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PARADELLA, Rodrigo. **Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PCN - **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** vol. 1. 3ª ed., Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

PEREIRA, Gorete. **Os Espaços da Matética na Formação de Professores: Um olhar para os Ambientes Emergentes no Âmbito da Unidade Curricular de Prática Pedagógica I.** In: FERNANDA, Gouveia; PEREIRA, Gorete. (Org.). Didática e Matética. 1ª ed., Centro de Investigação em Educação - CIE-UMA. 2016.

PIMENTEL, Álamo. **Considerações sobre a autoridade e o rigor nas etnografias da educação: A escrita etnográfica como dimensão ética do estar-junto.** In: MACEDO, Roberto

Sidnei; GALEFFI, Dante; PIMENTEL, Álamo. Um rigor outro sobre a questão da qualidade na perspectiva qualitativa: Educação e Ciências Antropossociais. Salvador: EDUFBA, 2009.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Diversidade Cultural**. 2013. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/um-texto-sobre-diversidade-cultural/50706>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PREVIDÊNCIA Social. **Idade Idoso 60 ou 65 anos?** INSS 2018. Disponível em: <https://socialprevidencia.net/idade-idoso-60-ou-65-anos.html>. Acesso em: 10 set. 2018.

REDAÇÃO. **Em 2030, Brasil terá a quinta população mais idosa do mundo**. Jornal da USP. 7 jun. 2018. Acesso em: 19 jun. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/em-2030-brasil-tera-a-quinta-populacao-mais-idosa-do-mundo/>.

SACRISTÁN, José Gimeno. (Org.). **Saberes e incertezas sobre o currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Ana. **Benefícios da Atividade Física na Terceira Idade**: Atlas da Saúde. Disponível em: <http://www.atlasdasaude.pt/publico/content/beneficios-da-atividade-fisica-na-terceira-idade>. 2016. Acesso em: 13 out. 2018.

SANTOS, Akiko. **Complexidade e Transdisciplinaridade**: em busca da totalidade perdida. AKIKO, Santos; SOMMERMAN, Américo. (Org.). Porto Alegre: Sulina, 2009.

SAÚDE, Ministério da. **Estatuto do Idoso**. 3ª ed., 2. reimpr., Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 28 maio 2017.

SKWAREK, Anna; PIWNIK, Jakub. **Inovações em Educação**: 3 benefícios da Aprendizagem Colaborativa. 2014. Disponível em: <http://porvir.org/3-beneficios-da-aprendizagem-colaborativa/>. Acesso em: 2 jan. 2019.

SIGNIFICADOS. **Terceira Idade** – O que é, Conceito e Definição. 2017. Disponível em: <https://www.significados.com.br/terceira-idade/>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SOCIAL, Ministério da Previdência. **Confira os tipos de aposentadoria existentes no Brasil**. 2014. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2014/05/confira-os-tipos-de-aposentadoria-existent-no-brasil>. Acesso em: 23 out. 2018).

SOCIAL. Ministério do Desenvolvimento. **Centro de Referência da Assistência Social – CRAS**. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/assistencia-social/unidades-de-atendimento/cras>. Acesso em: 03 nov. 2018.

SOCIAL. Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento. SEDESE. **Missão, Visão e Valores**. 2009. Disponível em: <http://www.social.mg.gov.br/sobre/institucional/missao-e-valores>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SOUSA, Jesus Maria. **Educação**: textos de intervenção. Portugal: O Liberal, 2004.

SOUSA, Jesus Maria; FINO, Carlos Nogueira. **As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional**, in Actas do VI Congresso galaico-português de Psicopedagogia, I Volume (pp. 371 – 381). Braga: Universidade do Minho. 2001. Disponível em: <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/9.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2018.

_____. **Inovação e incorporação de novos saberes**: o desenho curricular de um mestrado em Inovação Pedagógica, in Actas do VIII Congresso da SPCE, “Cenários da educação/formação: Novos espaços, culturas e saberes”. 2007. Disponível em: http://www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/Mestrado_IP.pdf. Acesso em: 20 jun. 2017.

SOUZA, Ana de Fátima. **Entrevista com Seymour Papert**: A maior vantagem competitiva é a habilidade de aprender. Artigo publicado na Revista Super Interessante. Disponível em: <https://www.dimap.ufrn.br/~jair/piu/artigos/seymour.html>. Acesso em: 16 jun. 2017.

TOFFLER, Alvin. **O Choque do Futuro**. Tradução de Eduardo Francisco Alves. 3ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1970.

_____. **A Terceira Onda**: A morte do Industrialismo e o Nascimento de uma Nova Civilização. Tradução de João Távora. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 1980.

UNESCO. **Dia Mundial da Diversidade Cultural para o Diálogo e o Desenvolvimento**. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/cultural-diversity/world-day-for-cultural-diversity-for-dialogue-and-development/>. Acesso em: 20 set. 2018.

VYGOTSKY, Lev Seminovich. **A formação social da mente**. 4ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Ltda, 1991.

YIN. Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e Métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. Disponível em: <https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia-da-pesquisa-estudo-de-caso-yin.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2019.